

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LEANDRO DE ALMEIDA LIMA

CONSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO A PARTIR DO MOVIMENTO DE
TRABALHADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS – GUARAPUAVA/PR

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LEANDRO DE ALMEIDA LIMA

CONSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO A PARTIR DO MOVIMENTO DE
TRABALHADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS – GUARAPUAVA/PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* - Mestrado em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de M.C. Rondon, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof^o Dr. João Edmilson Fabrini

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2013



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.

Programa de Pós-Graduação em Geografia - Nível de Mestrado



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

Aos trinta dias do mês de setembro de 2013, às 14h00min, na sala de aula da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado em Geografia constituída pelos professores Dr. João Edmilson Fabrini (Orientador) (UNIOESTE), Dr. Tarcísio Vanderlinde (UNIOESTE) e Dra. Mara Lúcia Falconi da Hora Bernardelli (UEMS), para avaliarem o trabalho "*Constituição do Território a partir do movimento de trabalhadores do Bairro Jardim das Américas - Guarapuava/PR*", apresentado pelo pós-graduando **Leandro de Almeida Lima** para a obtenção do título de "Mestre em Geografia" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia da UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. Após arguição a banca examinadora considerou o trabalho aprovado. Nada mais havendo a constar, eu João Edmilson Fabrini, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pelo pós-graduando avaliado.

Marechal Cândido Rondon, 30 de setembro de 2013.

João Edmilson Fabrini
Orientador

Tarcísio Vanderlinde
Membro

Mara Lúcia Falconi da Hora Bernardelli
Membro

Leandro de Almeida Lima
Pós-Graduando

*Este trabalho é dedicado à todos trabalhadores e trabalhadoras que
se empenham através dos movimentos sociais em fazer um mundo
mais justo e igualitário.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço todas as pessoas que colaboraram de alguma forma para a realização deste trabalho, pois este é resultado de esforços coletivos no processo de construção e socialização do conhecimento.

Aos pais Oscar e Genovefa, trabalhadores e filhos de ex-agricultores e trabalhadores rurais, pelo apoio e dedicação que sempre deram, incentivando e animando no decorrer da formação.

Aos irmãos Ricardo e Heloise, que sempre estiveram dispostos a colaborar não apenas nos estudos, mas como em todos os aspectos da vida, e pela amizade.

À tia Terezinha, pela assistência dada para a concretização dos estudos.

À todo os amigos pela compreensão, companheirismo e auxílio na realização do trabalho, tanto nas atividades práticas quanto teóricas, através das diversas horas de debates sobre as contradições do capitalismo.

Ao professor João Edmilson Fabrini que além da orientação com sua grande experiência e atenção, pelo compartilhamento do conhecimento, pelos questionamentos provocativos à reflexão e pelo rigor crítico da realidade.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação que através das aulas possibilitaram a socialização conhecimentos científicos.

Aos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas pelo acolhimento, pela paciência e pela disposição em ajudar na construção da pesquisa.

Aqui se demonstra a imensa gratidão.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de pesquisas realizadas durante o período de 2007 a 2013. Essas levaram aos estudos sobre movimentos sociais de trabalhadores ocorridos no Bairro Jardim das Américas do município de Guarapuava-PR. A realidade do município e do referido bairro se relaciona em diversos aspectos com a problemática global da desigualdade, pois esta é firmada em um modelo de produção e consumo alicerçado na exploração dos seres humanos e da natureza, submetendo uma grande parte da população às condições precárias, sendo as desigualdades fundamentais à existência do capitalismo. Com as mudanças no modo de produção e na organização do trabalho, tanto no campo quanto na cidade, muitos camponeses e trabalhadores rurais migram para as cidades em busca de emprego, que não são suficientes para atender a demanda de migrantes, submetendo os trabalhadores à subempregos. As categorias de análise selecionadas foram território e movimentos sociais, pois são essenciais à análise da organização do espaço. Estudar os movimentos sociais com um caráter geográfico é necessário para o avanço no entendimento da construção do espaço e para a territorialização de diferentes grupos. Frente às precárias condições de vida da classe trabalhadora, os movimentos sociais constituem um papel importante na diminuição das desigualdades e das injustiças, pois propõem uma forma diferente de organização da sociedade e uma ordenação do espaço de modo questionador às estruturas de dominação, reprodutoras das desigualdades sociais. Desse modo, o coletivo exerce poder sobre o espaço, nas tomadas de decisão e na reordenação, territorializando-o através das ações dos movimentos. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender os principais aspectos que influenciam a produção do território pelos trabalhadores no Bairro Jardim das Américas. Especificamente foi necessário analisar como os movimentos sociais auxiliam na constituição do território; averiguar como a construção do conhecimento coletivo possibilitou mudanças territoriais; investigar em que medida o êxodo rural interferiu nas condições socioeconômicas da área estudada; identificar e caracterizar os sujeitos envolvidos no processo; e desenvolver estudo sobre as mudanças ocorridas na construção do território até o presente momento. Para a realização da pesquisa foi utilizado o método da pesquisa-ação, que consiste basicamente no ato investigativo, em estreita relação com o ato de agir, com os sujeitos que fazem parte do tema estudado e também foram feitos trabalhos de campo com observação, o diálogo e acompanhamento das atividades do grupo, bem como entrevista e aplicação de questionários.

Palavras-chave: Movimentos sociais; território; luta de classes.

ABSTRACT

This dissertation is result of research done during 2007 – 2013. This led to studies about social movements of workers occurred in the Jardim das Américas, district of municipality Guarapuava – PR. The reality of the city and the neighborhood is related in many aspects to the global problem of inequality, as this is signed in a model of production and consumption founded on the exploration of human beings and nature, subjecting a large population to poor conditions, and the inequalities are fundamental to the existence of capitalism. With the changes in production mode and work organization, in the field and in the city, many peasants and rural workers migrate to the cities searching employment, as not sufficient to meet the demand of migrants, subjecting workers to underemployment. The analysis categories selected were territory and social movements, they are essential to analyze the space organization. Studying social movements with a geographical look is necessary to advance in understanding of space construction and territorialization of different groups. Forward to the precarious living conditions of working class, social movements constitute an important role in reducing inequalities and injustices, because they propose a different way of society organization and a way of ordering the space that questions the structures of domination, breeding inequality social. Thereby, the group exerts power over space, in decision making on reordering, territorializing it through the actions of movements. Accordingly, the goal of this research was understand the main aspects that influence the production of the territory by the workers in the Jardim das Américas neighborhood. Specifically it was necessary to examine how social movements assist in the establishment of the territory, find out how the build collective knowledge enabled territorial changes; to investigate how rural exodus step in the socioeconomic conditions of the studies area; to identify and characterize the subjects involved in the process; and develop a study about the changes in the construction of the territory until this date. The research method used was action-research, which is basically the investigate act in strait relationship with the acting, with the subjects that are part of the theme studied and also were made fieldwork observations, dialogue and attendance the group's activities, as well interviews and questionnaires.

Keywords: Social movements; territory; class struggle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01: Diálogo durante reunião com parte dos moradores do Bairro Jardim das Américas.	20
Ilustração 02: Utilização de áreas urbanas como pasto para animais e cultivo de pequenos roçados.	55
Ilustração 03: Carroça transportando materiais recicláveis no Bairro Jardim das Américas..	56
Ilustração 04: Ocupações em área de preservação permanente no Bairro Jardim das Américas.	59
Ilustração 05: Casa construída na margem do Rio Cascavelzinho.	60
Ilustração 06: Criação de animais em terrenos do Bairro Jardim das Américas.	61
Ilustração 07: Utilização de animais para auxiliar a coleta de material reciclável.	62
Ilustração 08: Habitação dos catadores de material reciclável do Bairro Jardim das Américas.....	64
Ilustração 09: Utilização das moradias para armazenar e separar o material reciclável.....	64
Ilustração 10: Precárias condições infraestruturais do Bairro Jardim das Américas	67
Ilustração 11: Avenida Dr. Aragão de Mattos Leão Filho, principal via de acesso, inundada pelo Rio Cascavelzinho.....	68
Ilustração 12 - Barracão da Central de Reciclagem - 2008.....	85
Ilustração 13: Central de reciclagem no Bairro Jardim das Américas - 2008.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Distribuição da população no Município de Guarapuava – PR - 2010.....	33
Quadro 02 - Estabelecimentos agropecuários e área segundo as atividades econômicas em Guarapuava - 2006	38
Quadro 03 - População e ocupação no Município de Guarapuava-PR.	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Estrutura fundiária do Município de Guarapuava – PR - 2006.....	32
Tabela 02 - Categoria do imóvel rural do Município de Guarapuava - PR - 2006.....	33
Tabela 03 - Rendimento médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, que possuem rendimento.	65
Tabela 04 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade.	65

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Área de estudo – Jardim das Américas.....	14
Mapa 02 - As rotas dos tropeiros.....	35
Mapa 03 - Paraná - Mapa de Pobreza e Desigualdade - Incidência da Pobreza.....	41
Mapa 04 - Distribuição da renda por bairros de Guarapuava - Pr.....	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – População do campo e da cidade no Município de Guarapuava – PR – 2010... 33	33
Gráfico 02 - População urbana e rural do Município de Guarapuava – PR, 2010 39	39
Gráfico 03 - Tempo de residência no Bairro Jardim das Américas. 58	58
Gráfico 04 - Escolaridade dos moradores do Bairro Jardim das Américas. 60	60
Gráfico 05 - Média do número de pessoas por residência do Bairro Jardim das Américas.... 63	63
Gráfico 06 - Rendimento médio mensal da população dos bairros de Guarapuava-PR..... 66	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
1 - URBANIZAÇÃO, O PROCESSO DE MIGRAÇÃO DO CAMPO PARA AS CIDADES E O CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA - PR	24
1.1 - URBANIZAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E CIDADE.	24
1.2 - CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA - PR.	34
CAPÍTULO II	
2 – O CAPITALISMO E AS CONDIÇÕES DOS TRABALHADORES-MORADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS	44
2.1 - RELAÇÕES DE PRODUÇÃO CAPITALISTA, DESEMPREGO E AS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS	44
2.2 - CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS TRABALHADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS	57
CAPÍTULO III	
3 – A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO PELO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS A PARTIR DO CONFLITO DE CLASSES	70
3.1 - MOVIMENTOS SOCIAIS NO CONTEXTO DO BRASIL	70
3.2 - O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Esse estudo sobre a “constituição do território a partir do movimento de trabalhadores do Bairro Jardim das Américas – Guarapuava/PR”, realizado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é uma continuidade de pesquisas realizadas durante o período de 2007 a 2010, junto ao Programa de Educação Tutorial de Geografia (PET) da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, no curso de graduação em Geografia – Licenciatura. A convivência, durante o período de graduação, com os moradores do Bairro Jardim das Américas, estimulou a decisão de abordar sobre esse tema de pesquisa em nível de Pós- Graduação.

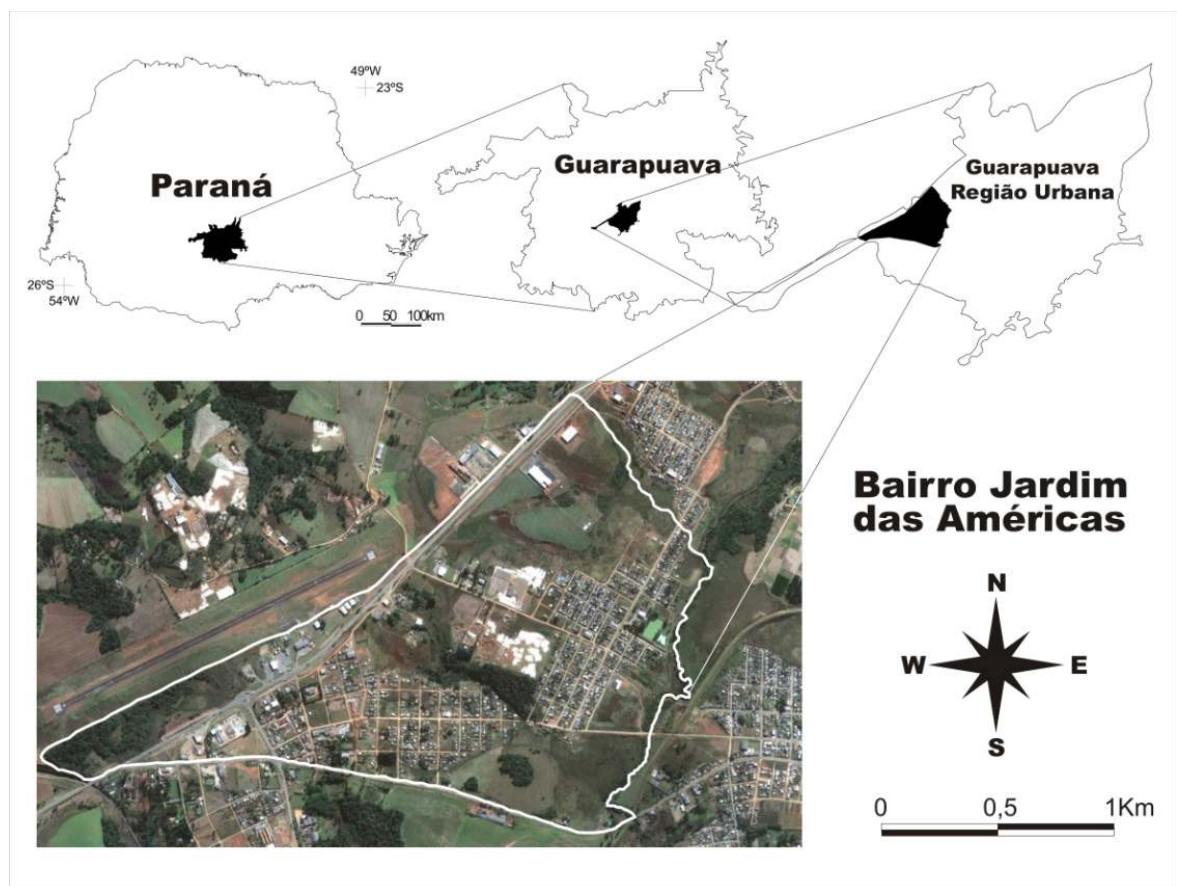
É possível verificar que a realidade da cidade de Guarapuava e do referido bairro se relaciona em diversos aspectos com a problemática global de desigualdades sociais sustentadas num modelo de produção e consumo alicerçado na exploração dos seres humanos e da natureza. Essa exploração, inerente ao modo capitalista de produção, submete uma grande parte da população, no caso, trabalhadores, à condições precárias de vida.

Com a intensificação das desigualdades, grande parte dos trabalhadores são submetidos à subempregos, como a catação de materiais recicláveis, com baixos rendimentos e sem garantias mínimas de sobrevivência. Em Guarapuava, uma parcela dos trabalhadores moradores do Bairro Jardim das Américas vive nessa condição, o que levou a mobilização através de reivindicações por melhores condições de trabalho, como na ocupação do prédio do IAP (Instituto Ambiental do Paraná) no ano de 2007, para protestar contra o fechamento da área do lixão municipal para a catação de materiais recicláveis, pois ia deixar vários catadores sem trabalho. Através de ações como esta, obtiveram como conquista, por exemplo, a construção de um barracão para o estabelecimento de uma central de reciclagem no bairro.

Somado ao grupo de trabalhadores houve a participação de membros da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná e também a formação de um Coletivo, ou seja, um grupo de pessoas composto pelos trabalhadores do bairro, membros da Associação de Moradores do Bairro Jardim das Américas, acadêmicos e professores da Unicentro. O Coletivo realizou várias reuniões a fim de refletir a problemática local e pensar o que poderia ser feito para mudar esta situação, realizando algumas atividades como oficinas de artesanato, como proposta para a geração de renda, horta comunitária, e outras atividades como teatro do oprimido para aprofundar a reflexão sobre a realidade.

Frente à exploração capitalista e às precárias condições de vida da classe trabalhadora, como as encontradas no Bairro Jardim das Américas, alguns grupos se organizam para reivindicar melhores condições, afim de promoverem mudanças. Neste aspecto os movimentos sociais constituem um papel importante na diminuição das desigualdades e das injustiças, pois propõem uma forma diferente de organização da sociedade e uma ordenação do espaço de modo questionador às estruturas de dominação, reprodutoras das desigualdades sociais. Desse modo, o Coletivo exerceu poder sobre o espaço nas tomadas de decisão e na reordenação espacial, territorializando-o através das ações dos movimentos.

A área estudada localiza-se à Oeste da cidade de Guarapuava, à margem da rodovia BR 277 abrangendo parte da Bacia Hidrográfica do Rio Cascavel, conforme o mapa a seguir (mapa 1).



Mapa 1 - Área de estudo – Jardim das Américas.

Fonte: IBGE, (2005); IPARDES (2010) e *Google Earth* (2010)

Organização: Leandro de Almeida Lima

No recorte estudado é evidente a presença da pobreza e da precariedade das condições de vida dos moradores, que empobrecidos ocupam a periferia da cidade e as áreas

de preservação ambiental, por não terem outra opção de moradia. Parte dos trabalhadores envolvidos neste processo têm origem camponesa, pois migraram do campo para a cidade com o objetivo de melhorar suas condições de vida, visto que o campo sofreu modificações, como a modernização da agricultura. Assim, estes camponeses foram obrigados a sair de suas terras migrando para a cidade entrando na dinâmica de trabalho capitalista também no meio urbano.

Portanto, é importante compreender o êxodo rural, que é o movimento migratório campo - cidade, que tem como causa geral, a denominada penetração do capitalismo no campo, sendo que esta tem por características principais a modernização da agricultura e a entrada direta do capital, através do financiamento, basicamente para os grandes proprietários (VALIM, 1996).

Com a inserção do camponês no mercado capitalista, torna-se vítima deste processo, pois ao tentar ter acesso à modernização fica “[...] sujeito às crises decorrentes das elevadas taxas de juros [...]” somado aos baixos preços dos produtos agrícolas (OLIVEIRA, 2007, p.9), fica endividado, e acaba perdendo suas terras. Assim, ficando os agricultores familiares e assemelhados em situação desvantajosa, o que, muitas vezes, força os mesmos a irem para a cidade (HESPANHOL; COSTA, 2002). Desse modo, leva o migrante às cidades com grandes carências, como a de capital e de preparo para as atividades urbanas, pois não possui formação para o trabalho industrial, o que aprofunda a penúria de tal sujeito (MARICATO, 1997).

Portanto, muitos desses trabalhadores são vítimas de um processo marginalizador, o que leva os mesmos a viverem em locais sujeitos à inundação, que, de modo geral, são menos valorizados economicamente.

Com o avanço do capitalismo criou-se, por um lado, uma forma de produzir nunca vista em outros sistemas, sendo ela capaz de gerar riquezas inimagináveis, mas, por outro lado, estas ficam concentradas nas mãos de poucos, gerando uma grande desigualdade econômica e, conseqüentemente, social.

Esta problemática produz uma multidão de pessoas, que vive na linha da pobreza, ou até mesmo abaixo dela, sendo estas marginalizadas de quase todos os direitos, como o de moradia digna, água encanada, luz elétrica, terra para plantar e tirar dela seu sustento, até mesmo, tendo dificuldade de alimentação, entre outros. Segundo Vilallobos (1999), uma reflexão necessária é a de que a pobreza não é natural, mas sim fruto de um determinado modo de produção, no qual, apesar de ter consciência disso, a burguesia opta por desenvolver

e expandir acima de qualquer dano que possa ser causado tanto à natureza quanto aos seres humanos.

A cidade apresenta-se como espaço da materialização da vida urbana, porém com falsas idéias de que todos têm oportunidades iguais. Ao adentrar o espaço da industrialização e do desenvolvimento, os camponeses têm dificuldade de reorganizar seu modo de vida, ainda baseado nos princípios rurais, de forma que se sintam incluídos na lógica da cidade.

Ao migrarem para a cidade, no caso de Guarapuava, muitos ocupam as áreas de várzea, consideradas Áreas de Preservação Permanente. Ao migrar para essa área urbana, muitos reproduziram práticas rurais nesse espaço como cultivo de pequenos roçados e pasto para os animais que vários deles utilizam em seu trabalho de coleta de materiais recicláveis. Assim, pode-se perceber que ainda são bastantes presentes práticas rurais nesse meio urbano. Estas atividades acabam atingindo o leito maior do rio, ocorrendo em períodos de precipitações intensas a inundações destas áreas, aprofundando o sofrimento destas pessoas.

No contexto pesquisado, pode-se identificar a falta de infraestrutura como saneamento básico, escolas, postos de saúde, locais para lazer e etc. Acrescenta-se também o fato de serem moradores de uma região periférica da cidade em que a pobreza, o desemprego e a fome são presentes.

As precárias situações encontradas na cidade e o acirramento das desigualdades são produto da própria dinâmica do sistema, que cria uma problemática urbana, dificultando a sobrevivência do trabalhador, surgindo a organização política como contraposição a esta imposição do capitalismo.

Desse modo, existe uma relação bastante próxima entre as carências e a organização da sociedade civil para resistir as desigualdades. Esta resistência acaba por imprimir uma nova dinâmica no espaço ocupado, contrapondo a forma de organização espacial colocada anteriormente - como por exemplo a imposta pelo Estado burguês - conquistando e apropriando-se deste local. Portanto, territorializam-se através destas ações.

Percebe-se também, que há, por parte do poder público e da mídia, uma atribuição da culpa aos moradores do local estudado por não conservarem estas áreas de preservação ambiental, desconsiderando os motivos que levou esta população à ocupá-las. Assim, repassam a idéia de que as inundações, por exemplo, são provocadas pelo descuido dos moradores, e não pelas condições do relevo e da impermeabilização do solo urbano em toda a cidade de Guarapuava.

Para a compreensão do contexto dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas foi necessário estudar sobre o processo de urbanização, com foco na relação campo-cidade;

sobre as características de movimentos populares, principalmente urbanos; e a relação entre a construção do território por parte dos moradores, bem como as formas de resistência ao modo de produção capitalista através de ações políticas dos sujeitos.

A participação nas ações feitas pelos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas levou a questionamentos sobre o contexto de organização política em espaços em que a luta de classes é acirrada a partir da precarização das condições mínimas de sobrevivência.

Apesar da pesquisa focar um pequeno grupo de trabalhadores catadores de materiais recicláveis na cidade de Guarapuava-PR, não significa que as análises serão fragmentadas, mas sim relacionadas com o contexto geral em que a forma de organização do capital condiciona as relações sociais.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender os principais aspectos que influenciam a produção do território pelos trabalhadores no Bairro Jardim das Américas no município de Guarapuava PR. Especificamente foi necessário analisar como os movimentos sociais auxiliam na constituição do território; averiguar como a construção do conhecimento coletivo possibilitou mudanças territoriais; investigar em que medida o êxodo rural interferiu nas condições socioeconômicas da área estudada; identificar e caracterizar os sujeitos envolvidos no processo; e desenvolver estudo sobre as mudanças ocorridas na construção do território até o presente momento.

Para isso foi utilizado como método a pesquisa-ação, que consiste basicamente no ato investigativo, em estreita relação com o ato de agir, com os sujeitos que fazem parte do tema estudado. Assim, é evidente a necessidade de diálogo entre os saberes dos sujeitos, no caso os trabalhadores, e também aqueles socialmente construídos ao longo do tempo pela ciência.

Neste sentido, a realização do trabalho de campo permitiu a observação, o diálogo e atividades similares. Além do acompanhamento nas atividades do grupo, como em reuniões e oficinas, foram coletadas informações através de diálogos com os trabalhadores e através de visitas na Associação de Moradores do Bairro Jardim das Américas e na central de reciclagem. Também foi realizada entrevista formal com um membro da liderança do grupo de catadores. Outra forma de levantamento de informações sobre a realidade do bairro foi através da aplicação de questionários aos moradores, sendo que o número de questionários aplicados (30) foi selecionado de maneira que fosse significativo em relação ao número de pessoas residentes no bairro que é aproximadamente 3700 habitantes.

Na construção do conhecimento geográfico o trabalho de campo tem um papel fundamental, pois é um “[...] instrumento de pesquisa dos mais importantes, [...], momento

em que o tema de estudo se desvenda diante dos olhos e obriga a estarmos atentos, de modo a que nada fuja à investigação” (MARCOS, 2006, p.106). Após o trabalho de campo pode-se lidar com leituras sobre o assunto abordado, com debates e elaboração de pequenos textos, constituindo-se estas atividades em ensaios.

Desse modo, houve a tentativa de analisar as possibilidades de mudanças territoriais no Bairro Jardim das Américas, como a maior autonomia dos trabalhadores do Bairro, por exemplo, acompanhada da construção e reconstrução de um território que potencialize este processo em direção ao fortalecimento do coletivo social da localidade em estudo.

Em especial no que tange às mudanças territoriais, buscou-se a investigação-ação, ou pesquisa-ação, como uma estratégia para tal fim. Segundo Tripp (2005), a pesquisa-ação permite o desenvolvimento de um ciclo de análises, reflexões e ações relacionadas ao objeto de pesquisa. Assim, “[...] planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança” (TRIPP, 2005, p.446). É importante ressaltar que este é um processo no qual tanto as reflexões quanto as ações devem ser realizadas no coletivo.

Assim, podem ocorrer mudanças nas próprias ações dos sujeitos inseridos neste processo, podendo o intelectual, além de auxiliar na sustentação teórica dos envolvidos na pesquisa, pode contribuir na homogeneidade ao grupo e na construção de uma visão de classe, sendo que esta é que cria a hegemonia necessária para que surja um grupo, onde os próprios sujeitos tomem as decisões sobre a gestão do território e interfiram na construção do espaço, e não de forma que este membro exterior ao grupo dirija as ações movimentos.

Na busca da construção de um poder popular, como os movimentos populares, fica evidente a importância que possa ter a participação do intelectual, sendo ele, em seus diferentes graus, como colocado por Brandão (1982, p. 10), “[...] o cientista, o professor, o estudante, o agente de pastoral, o trabalhador social e outros profissionais [...]” engajados nesta busca.

Assim, é importante que o intelectual também esteja presente junto às camadas empobrecidas. Para que isto aconteça, é fundamental que o pesquisador, desenvolva trabalhos com esta grande maioria de marginalizados, de vários direitos como de moradia digna, por exemplo, realizando pesquisas com esta e não apenas sobre a mesma.

Para Franco (2005, p. 485) “[...] se alguém opta por trabalhar com pesquisa-ação, por certo tem a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática”. A investigação-ação busca a interação com os sujeitos

visando envolvê-los e assim avançar-se no entendimento sobre a realidade local, a fim de melhorá-la. (BRANDÃO, 1985).

Para melhor entender a realidade local, a fim de uma possível intervenção na vida social com o objetivo de transformá-la e melhorá-la, é necessário dialogar com os saberes, tanto desenvolvidos pela academia quanto aqueles dos sujeitos participantes da pesquisa.

A pesquisa-ação é uma forma de entender e tentar modificar o território, de maneira a construir o conhecimento coletivamente, pautando-se na realidade concreta, podendo realizar reflexões a partir da mesma, construir ensaios e verificar o que é possível fazer, em conjunto, para tentar dar respostas às questões levantadas.

Construir o conhecimento coletivamente em um processo em que os trabalhadores busquem a autonomia necessária para a constituição e gestão do território pode ser viabilizada pela pesquisa-ação. É uma alternativa que coloca sujeito e pesquisador juntos, trocando conhecimentos e refletindo sobre a sociedade.

Para pensar possíveis transformações na realidade local em nível econômico, político e cultural houve a tentativa de entender a realidade concreta, com uma análise em escala maior dos aspectos que influenciam a produção do território, principalmente pelos moradores do Bairro Jardim das Américas. Esse processo envolve mais do que fazer um levantamento dos dados do contexto e analisá-los, pois os dados em si carecem de uma reflexão sobre as problemáticas existentes no local. Para Freire (*apud* Silva, 2007), a realidade concreta envolve tanto os dados como a percepção deles pelos sujeitos que estão inseridos no contexto. Portanto, é a “relação dialética da objetividade e da subjetividade” (Idem, p.5), de forma que não podem ser consideradas isoladamente dos condicionantes econômicos, políticos e sociais.

Foram realizadas atividades práticas de idas a campo, prevalecendo o procedimento de observar a realidade e dialogar com os moradores da referida localidade, a fim de não apenas se ter informações a respeito da questão em estudo, mas também buscando a valorização da subjetividade dos envolvidos.

Posteriormente, foram feitas reflexões com leituras que permitiram fazer uma análise dos dados encontrados. Após as leituras retornou-se ao campo a fim de colocar em prática através de atividades e debates com os trabalhadores, concomitante à uma nova observação, caracterizando-se como um movimento constante e dialético.

Os instrumentos utilizados foram: a observação participante; áudio e vídeo-gravação, tanto das atividades quanto dos diálogos; questionário (30); entrevista;

fotografias e análise documental. Como equipamentos, utilizou-se câmeras fotográficas, câmeras filmadoras, gravadores de áudio, cadernos de anotações e etc.

Nas pesquisas realizadas pelo autor no período de 2007 a 2013 no Bairro Jardim das Américas em Guarapuava-PR, foi possível entrar em contato com alguns aspectos da realidade local e também com a forma de organização do espaço e do território.

Somando os dados coletados através de referencial bibliográfico, informações estatísticas, questionários aplicados no bairro, entrevistas realizadas com a liderança e com membros da organização, juntamente com a participação nas atividades do grupo, foi possível fazer algumas considerações sobre o local pesquisado.

A participação nas atividades do grupo começou em meados de 2007. Neste momento houve o convite do grupo de catadores de materiais recicláveis e da Associação de Moradores do Bairro Jardim das Américas, a fim de estabelecer parcerias com a universidade – Unicentro, para o auxílio nos projetos e nas ações da organização. Este foi um período intenso de participação em reuniões e conversas com os membros do grupo e com os moradores do local, quando foi possível constatar alguns aspectos das condições locais.



Ilustração 01: Diálogo durante reunião com parte dos moradores do Bairro Jardim das Américas. (2007).

Fonte: arquivo pessoal do autor

Os trinta¹ questionários aplicados à moradores do bairro de forma distribuída espacialmente, a fim de se ter um perfil geral das pessoas residentes do Bairro Jardim das Américas. Também, foram realizadas diálogos informais com moradores e com membros do grupo a fim de se ter maior informação à respeito das atividades desenvolvidas pelo grupo e da situação enfrentada pelos moradores do bairro. Uma entrevista foi realizada com a liderança do movimento, buscando resgatar a história das reivindicações e das lutas da população do Bairro Jardim das Américas.

As categorias de análise selecionadas foram território e movimentos sociais, pois são essenciais à análise da organização do espaço. Estudar os movimentos sociais com um caráter geográfico é necessário para o avanço no entendimento da construção do espaço e para compreender a territorialização de diferentes grupos.

Cabe à geografia interpretar as questões relacionadas a este tema, tendo em vista as transformações, os conflitos presentes no espaço, as diferentes formas de organização dos movimentos, a construção do espaço e a dominação do território. Cabe também, construir propostas de pesquisa rumo a um pensamento geográfico ligado às necessidades da classe trabalhadora.

Desse modo, fica evidente que quando se pretende pensar possíveis mudanças no território, deve-se entender o que é como ele se constitui, bem como ocorre a dinâmica de manutenção territorial e sua apropriação. Assim, é preciso compreender o território teórico e empiricamente, aliando o trabalho de campo com as leituras e ensaios sobre a questão estudada.

Existem diversas e distintas interpretações sobre território. Essas partiram basicamente de Raffestin (1993) na obra *Por uma geografia do poder*.

Pode-se compreender o território como um “[...] espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p.78), dissociando a idéia de território como sendo somente algo relacionado à nação, institucionalizado, ao governo, como é entendido, majoritariamente, no mundo moderno.

Para Haesbaert (2005, p. 6774), “território, [...], tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação”. Esta questão simbólica e de apoderação relaciona-se à territorialidade, que é perceptível na forma

¹ Considerando que a população do bairro é cerca de 3.700 pessoas, o número de trinta questionários foi selecionado por ter sido considerado substancialmente representativo em relação ao tamanho da população.

como os sujeitos organizam o espaço a partir das condições políticas, econômicas e sociais. Portanto, apresenta estreitas relações entre objetividade e subjetividade.

Moraes (2007), analisa o território enquanto parte da superfície terrestre dominada por um poder. Este é sempre de alguém e sempre fruto da relação da sociedade com o espaço (GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE², 2007).

É importante ressaltar que entre as diversas interpretações sobre o território, destaca-se a concepção liberal e a concepção classista. Na concepção liberal o território representa um espaço agregador de diferentes sujeitos unidos através do pertencimento a um determinado espaço. Essa idéia está relacionada ao desenvolvimento territorial, no qual soma-se os diversos "atores" sociais como empresas, instituições públicas, governos, organizações, movimentos sociais, com o foco no progresso e no desenvolvimento econômico, obtendo através destes sujeitos vantagens competitivas, criando uma corporação capitalista. O território, visto desta forma, serve como potencializador do empreendedorismo e como um pacto virtuoso para a expansão da produção (FABRINI, 2011).

Por outro lado, a interpretação do território numa perspectiva classista leva em conta o contexto contraditório das relações sociais de produção, podendo ser considerado o território como produto concreto da luta de classes. Assim, constituído a partir da disputa de interesses entre as classes e das contradições sociais, representa força para a resistência à ordem dominante e aos ditames do capital, através das diferentes tomadas de decisão sobre o mesmo espaço (FABRINI, 2011).

Desse modo, o território também pode ser constituído através do empoderamento da sociedade civil organizada sobre o espaço, por exemplo, através do controle exercido por um movimento social. Portanto, o território representa uma relação estreita com os movimentos sociais.

Movimentos sociais e território são categorias que se identificam, pois ambas estão à contramão de decisões centralizadas de cúpulas estatais, partidárias ou empresariais. Tais categorias estão relacionadas a uma ordenação social construída de “baixo para cima”, em que a sociedade civil organizada assume poder sobre o espaço. Portanto, possuem uma dimensão política construída a partir da base – base esta que se constitui no centro de comando na tomada das decisões (FABRINI, 2011, p. 103).

Para entender o que é um movimento social, deve-se buscar sua história, pois segundo Gohn (1995, p.44), existem vários tipos de movimentos sociais conforme o contexto em que se desenvolvem. Basicamente são “[...] ações coletivas de caráter sociopolítico,

² Antonio Robert Moraes no programa Invenção do Contemporâneo TV Cultura.

construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais” que criam uma identidade coletiva baseada nos valores que determinado grupo tem ou desenvolve durante o processo. Sua atuação se dá no âmbito político, porém interfere diretamente nas condições sociais em que se encontram, pois promove uma reflexão da realidade concreta.

Portanto, pode-se perceber que existem correlações entre *território* e *movimentos sociais* ao verificar como o local constitui-se, como ocorre a dinâmica de manutenção territorial, sua apropriação e seu movimento constante.

A partir desse pressuposto, a dissertação foi organizada em três capítulos, apresentados a seguir:

No primeiro capítulo intitulado *Urbanização, o processo de migração do campo para as cidades e o contexto do Município de Guarapuava - PR* são abordados os principais pontos do processo de urbanização. As relações entre suas características são evidentes e desse modo são selecionadas algumas características que fazem parte do contexto estudado. Cada uma é explicitada individualmente, porém sempre demonstrando a sua ligação com os outros aspectos da urbanização.

No segundo capítulo intitulado *O capitalismo e as condições dos trabalhadores-moradores do Bairro Jardim das Américas*, é abordado a condição de vida do grupo de trabalhadores do local pesquisado relacionado ao contexto geral capitalista.

No terceiro e último capítulo intitulado *A construção do território pelo movimento dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas a partir do conflito de classes* são explicitados as múltiplas noções de movimentos sociais. São, também, demonstradas as especificidades das organizações populares a partir do conhecimento geográfico. É o momento da síntese dos conceitos aprofundados e as vivências deste movimento após cinco anos do seu início. São apresentadas as percepções dos indivíduos sobre o processo do qual participaram, seguido de uma análise da sua organização política a partir da constituição do território.

CAPÍTULO I

URBANIZAÇÃO, O PROCESSO DE MIGRAÇÃO DO CAMPO PARA AS CIDADES E O CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA - PR

Para tratar da organização dos trabalhadores do Jardim das Américas na cidade de Guarapuava é necessário abordar sobre o processo de urbanização, evidenciando como este ocorre, quais as principais características e a relação da especificidade da referida cidade com a urbanização em geral e no Município de Guarapuava.

1.1 - URBANIZAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E CIDADE.

A urbanização apresenta características peculiares no sistema capitalista. Muitas destas características estão relacionadas diretamente às relações de produção, pois o espaço urbano é produto social "[...] resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço" (CORRÊA, 1995, p.11).

A cidade antecede o processo de urbanização, porém é parte constituinte desse processo. Segundo alguns autores, tais como Sposito (2000), para entender a cidade na atualidade, deve-se estudar o seu passado.

Entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige uma volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória (SPOSITO, 2000, p. 11).

A mudança na forma de relacionamento do homem com o lugar, a partir da constituição de espaços sagrados para enterrar os mortos, a utilização da caverna como abrigo, e a possibilidade de obtenção de alimentos através do cultivo de vegetais comestíveis e da domesticação de animais, auxiliaram na fixação do homem ao lugar. Estas foram pré-condições indispensáveis para o surgimento das cidades. Porém, tais condições, somadas às aglomerações e aldeias e, posteriormente à divisão social do trabalho, fazem parte de um processo complexo de transformações na organização da vida humana (SPOSITO, 2000).

Nesse sentido, Lefebvre (1999, p. 3) entende que "a Cidade preexiste à industrialização" e ao capitalismo:

Quando a industrialização começa, quando nasce o capitalismo concorrencial com a burguesia especificamente industrial, a Cidade já tem uma poderosa realidade [...] A partir do sobreproduto crescente da agricultura em detrimento dos feudos, as Cidades começam a acumular riquezas: objetos, tesouros, capitais virtuais. Já existe nesses centros urbanos uma grande riqueza monetária, obtida pela usura e pelo comércio. Nesses centros, prospera o artesanato, produção bem distinta da agricultura. As cidades apóiam as comunidades camponesas e a libertação dos camponeses, não sem se aproveitar disso em seu próprio benefício. Em suma, são centros de vida social e política onde se acumulavam não apenas riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (LEFEBVRE, 1999, p. 4).

Desse modo, a cidade se apresenta como forma concretizada do processo de urbanização. Resultado de um fenômeno histórico, cumulativo de todas as cidades anteriores, fruto das mudanças ocorridas na organização espacial, nas relações de trabalho e também das transformações sociais (SPOSITO, 2000).

A urbanização, por sua vez, é o processo no qual constitui a cidade e é resultado das mudanças no modo de produção e trabalho, tanto no campo quanto na cidade. Essas mudanças promovem uma reorganização espacial das relações de trabalho, a partir da qual entende-se o fenômeno de migração do campo para a cidade, pois desterritorializa o sujeito do campo e reterritorializa, muitas vezes, de forma precária na cidade. Este processo pode acontecer por vários fatores distintos, mas que são influenciados por determinantes econômicos do capitalismo. Nesse processo, as relações capitalistas de produção condicionam este modo específico de organização da vida humana.

A noção de urbanização é discutida de forma diferenciada por vários autores. O termo urbanização é freqüentemente utilizado no sentido de aumento da população residente em cidades e a diminuição da população rural em relação à população total.

Já, para Santos (2008a, p. 18), "[...] a noção de urbanização é complexa; ela leva em conta a taxa de urbanização (porcentagem da população urbana na população total) e a taxa de crescimento urbano".

Na noção sobre a urbanização, além de levar em conta o número de pessoas residentes na cidade em relação ao campo e o processo migratório do campo para a cidade, Nunes & Pinto (2007, p. 6), acrescentam também outros fatores. "Para mensurar o grau de urbanização brasileira é preciso levar em consideração o número de habitantes de determinada localidade e também a atividade econômica a que ela se dedica". Desse modo, para analisar o processo de urbanização deve-se atentar também para a atividade econômica desenvolvida em determinado espaço, tendo em vista sua complexidade.

Ao analisar o processo de urbanização, também fica expresso a intimidade da relação campo-cidade, pois o capitalismo age, tanto em um quanto em outro, de forma distinta, tornando a organização espacial e do trabalho específicas para cada espaço.

Na cidade, a industrialização, tida como motor principal da urbanização, atrai a população empobrecida do campo em busca de uma melhor condição de vida. Desse modo, "[...] costuma-se associar a idéia de urbanização à de industrialização" (SANTOS, 2008a, p. 13).

A industrialização, intensificada com o sistema capitalista, é um dos principais fatores que impulsiona a urbanização e dá corpo para seu desenvolvimento. Portanto, os dois processos estão imbricados.

Para apresentar e expor a "problemática urbana", impõe-se um ponto de partida: o processo de industrialização. Sem possibilidade de contestação, esse processo é, há um século e meio, o motor das transformações na sociedade. Se distinguirmos *o indutor* e *o induzido*, pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e [...] os induzidos os problemas relativos ao crescimento (LEFEBVRE, 1999, p. 3).

Tanto a industrialização potencializou a urbanização, quanto a urbanização possibilitou uma industrialização efetiva e uma grande transformação da sociedade com o desenvolvimento do capitalismo. Assim, as transformações da sociedade a partir da intensificação da urbanização e da industrialização, resultou em mudanças também no modo de produção da sociedade.

Sposito (2000), ao estudar a industrialização e a urbanização no capitalismo, aponta para o estreito relacionamento dos dois processos que influenciaram diretamente na reorganização espacial do trabalho no campo e na cidade. Dessa forma, também influenciam nas causas da migração do campo para a cidade a partir da segunda metade do século XX no Brasil.

Industrialização e urbanização têm aparecido sempre associadas, como se se (sic) tratasse de um duplo processo, ou de um processo com duas facetas. A identidade entre estes dois "fenômenos" é tão forte, que não podemos fugir de sua análise, se queremos refletir sobre a sociedade contemporânea. (SPOSITO, 2000, p. 42).

A ideia geral que se tem sobre a cidade é que ela é o principal caminho para o desenvolvimento, para o progresso e para o sucesso econômico. Dessa forma, se constitui em um pólo de atração para as populações do campo, empobrecidas pelo baixo preço dos produtos agrícolas em relação aos produtos industrializados, somados ao fato da maior parte

dos investimentos estarem destinados às indústrias, gerando um desequilíbrio econômico entre campo e cidade.

O *efeito demonstração*, ou seja, a inclinação dos pobres no sentido de consumir da mesma maneira que os ricos, tem um papel importante nos países subdesenvolvidos por contribuir para a atração dos homens pelas cidades, local de novas atividades; no entanto, não só as indústrias são aí raras como também, em todo caso, os empregos permanentes não são suficientes para atender à demanda (SANTOS, 2008a, p. 23, grifo do autor).

São várias as atrações da cidade, como o fácil acesso à tecnologia, aos equipamentos urbanos, ao conhecimento, ao transporte, e a proximidade do comércio e dos serviços. Outro fator de grande relevância como atrativo é o trabalho assalariado. Porém, grande parte dos migrantes não consegue emprego, tendo que se submeter a subempregos.

É comum afirmar-se que a atração urbana é de origem psicológica, sendo a cidade mais um receptáculo do que um pólo de atração (os anglo-saxões dizem que o *push-factor* é superior ao *pull-factor*): eis uma idéia feita, a ser discutida com aqueles que consideram a atração urbana como algo de ordem puramente psicológica e para quem o migrante pode encontrar, na cidade, oportunidades para melhorar as suas condições de vida (SANTOS, 2008a, p. 24, grifo do autor).

É possível observar neste processo a imposição do capitalismo através de diversos mecanismos, que acaba por forçar a migração do trabalhador para a cidade. Ao mesmo tempo parte dos trabalhadores acaba compondo uma reserva de mão-de-obra, ou seja, o exército industrial de reserva.

A urbanização é fruto de um modelo de produção capitalista e a forma de organização da cidade segue os princípios desse modelo que impõe certas configurações espaciais. Portanto, a forma de organização da cidade, a industrialização e o modo de produção estão interligados, possuindo também uma estreita relação com a questão da migração campo-cidade.

A organização da cidade permite uma concentração dos meios de produção caracterizando-a como espaço do desenvolvimento. Conforme afirma Lefebvre (1999, p.8) "[...] A Cidade, tal como as fábricas, permite a concentração dos meios de produção num pequeno espaço: ferramentas, matérias-primas, mão-de-obra". Isso facilita o processo produtivo para o capital. Porém, percebe-se que o capitalismo também atinge o campo, até mesmo através da industrialização.

No campo, o capitalismo, por muito tempo se deu, e ainda se dá, através da concentração da terra como principal aspecto da acumulação, ou seja, da especulação. A terra tratada como mercadoria, simboliza o poder econômico e político de uma elite. Com o passar do tempo essa estrutura foi sofrendo algumas alterações.

No processo contraditório de apropriação da renda da terra pelo capital, assistimos portanto, de um lado a unificação do proprietário e do capitalista numa mesma pessoa; de outro lado o processo de sujeição da renda ao capital nos setores de produção não-capitalistas, por exemplo, no caso da propriedade familiar de tipo camponês. Nesse caso temos a sujeição da renda da terra ao capital sem que se dê a expropriação dos instrumentos de produção (OLIVEIRA, 2009, p. 9).

O campo também possui um importante papel na concentração capitalista, por isto é pensado numa lógica de exploração, tanto através da concentração de terra, quanto na apropriação da renda, como nas pequenas propriedades. Desse modo, alguns pequenos agricultores são mantidos no campo, inclusive com a posse da terra, porém utilizando-os à serviço do desenvolvimento capitalista, através da agricultura de negócio, na qual o lucro gerado pela produção familiar fica com as grandes corporações.

O período de modernização da agricultura é antecedido por um contexto de avanço das tecnologias. "A data de 1950 constitui, pois, um marco e representa a incorporação do mundo subdesenvolvido a um novo nexos capitalista, comandado pela revolução científico-técnica e seu braço ativo, as empresas transnacionais" (SANTOS, 2008a, p.17). Nota-se, assim, um ritmo acelerado de urbanização nos países subdesenvolvidos.

Nesta perspectiva, Oliveira (2007) relata que anteriormente existia uma pequena indústria camponesa que foi desintegrada pela grande indústria capitalista, impondo necessidades, modificando as relações produtivas.

Essa nova situação passou a ser alterada com grande profundidade quando a indústria essencialmente urbana e o comércio promoveram a dissolução da pequena indústria dos camponeses. Assim, a indústria que antes só produzia para a cidade e os subúrbios, passou a fabricar ferramentas que o camponês não conseguia produzir, da mesma maneira que passou a criar novas necessidades que penetravam no meio agrícola de maneira tanto mais rápida e irresistível, quanto mais ativas se tornavam as relações entre a cidade e o campo. A superioridade da indústria urbana transformou os produtos da pequena indústria camponesa em artigos de luxo (OLIVEIRA, 2007, p.17).

Uma tendência das últimas décadas no campo brasileiro é a organização da cadeia produtiva pautada no agronegócio. Assim, o latifúndio se mantém concentrado, mas passa a ser produtivo, inclusive sendo altamente rentável para o capital.

Ao sair do campo, o migrante, expulso pelo avanço da industrialização e da mecanização agrícola, chega à cidade com grandes carências. A necessidade de buscar um trabalho assalariado o leva às funções precarizadas e mal pagas. Porém, por ter um modo de vida rural e a falta de preparo para atividades urbanas, tem dificuldade de se reterritorializar. Assim, é comum notar evidências de práticas rurais que se reproduzem constantemente na cidade.

A cidade, enquanto centro tecnológico, científico e informacional do capitalismo, acaba dependendo do campo em relação a produção alimentícia. Assim, o campo tem a função produtora de matéria-prima, enquanto a cidade tem a função de industrializar.

Na cidade, também, se acumulam trabalhadores com precárias condições para se reproduzir enquanto trabalhador, como nas periferias dos centros urbanos. E nesse depósito de trabalhadores que geralmente encontram-se os desempregados, que o capitalismo não consegue “incluir” no processo de produção.

Desse modo, essa nova organização do campo e da cidade é essencial para que haja o processo de urbanização, como se configura atualmente.

No estudo da urbanização é necessário atentar-se para alguns termos utilizados na construção teórica desta realidade. É importante refletir sobre as noções/conceitos para entender a realidade desta parcela do espaço. Desse modo, urbano e cidade se constituem como categorias analíticas para tal fim, e embora sejam tratados como sinônimos, há diferenças conceituais.

A definição de cidade no Brasil é fundamentada no Decreto - Lei 311/1938 onde a cidade é considerada a área do Distrito Sede, não considerando as relações estabelecidas no espaço (BERNARDELLI, 2006). Mas, esta definição é bastante questionada ao desconsiderar a complexidade da realidade, pois baseia-se apenas na forma, ocultando o modo de vida, não podendo caracterizar o que é cidade.

Numa outra perspectiva, a cidade pode ser estudada como centralidade, como núcleo que exerce influência sobre o entorno, estendendo o urbano além da cidade, ultrapassando a fronteira desta. Assim, o urbano é mais do que a simples forma, distinguindo urbano e cidade, como o rural e o campo (NUNES & PINTO, 2007).

Em uma análise estrutural pode-se entender a cidade como “[...] o território-suporte para a atividade industrial, por se constituir num espaço de concentração e por reunir as condições necessárias a esta forma de produção” (SPOSITO, 2000, p.4). Neste contexto, “a Cidade é, sem dúvida, fruto do processo de desenvolvimento capitalista que é em sua essência desigual” (RODRIGUES, 1998, p.94).

Lefebvre (1999) acredita que nem toda sociedade urbana tem acesso aos meios para superar a precariedade através da evolução tecnológica, por isso, "o urbano [...] define-se portanto não como realidade acabada, situada, em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas, ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora" (LEFEBVRE, 1999, p.28, grifo do autor).

O que é possível verificar em relação a terminologia dessas categorias, principalmente a partir de autores como Milton Santos, é "[...] a clara opção por considerar cidade e campo como formas no espaço, enquanto rural e urbano especificam o conteúdo social destas formas" (BIAZZO, 2008, p 139).

Mas, deve-se atentar que nesta perspectiva "[...] a cidade vem sendo pensada ora como quadro físico [...], ora como meio ambiente urbano [...], e em ambos os casos, ignora-se o conteúdo da prática sócio-espacial que lhe dá forma e conteúdo" (CARLOS, 2007, p.14).

Segundo a mesma autora, enquanto construção humana, a cidade

[...] é um produto histórico-social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações. Expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, a cidade contém e revela ações passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente – o que nos coloca diante da impossibilidade de pensar a cidade separada da sociedade e do momento histórico analisado (CARLOS, 2007, p.11).

Muitas análises da cidade apresentam um viés puramente ecológico, apontando os problemas da mesma como forma de organização e os limites do desenvolvimento capitalista nessa parcela do espaço. Rodrigues (1998) aponta para um conceito de meio ambiente urbano que considera outros fatores de ordem mais complexa como

[...] o conjunto das edificações, com suas características construtivas, sua história e memória, seus espaços segregados, a infra-estrutura e os equipamentos de consumo coletivos. [...] Ao mesmo tempo significa imagens, símbolos e representações subjetivas e/ou objetivas. [...] Compreende, também, o conjunto de normas jurídicas, as quais estabelecem os limites administrativos das cidades, as possibilidades de circulação, de propriedade e de uso do espaço- do acesso ao consumo da e na cidade-, que por sua vez envolve um conjunto de atividades públicas e políticas, representadas pelos poderes executivo, legislativo e judiciário (RODRIGUES, 1998, p.88-89).

Embora geralmente sejam considerados conceitos iguais, urbano e cidade tem significados diferentes, pois viver na cidade não significa que haja a completa ausência de um

modo de vida rural. Para Ribeiro (1995, *apud* RODRIGUES, 1998, p.91), urbanização sem urbanidade reflete

[...] a ausência de um amadurecimento das relações políticas e sócio-culturais no urbano, compatível com o agudo grau de urbanização do Brasil nas últimas décadas. Até pelo contrário, talvez possamos dizer que é sobretudo na qualidade de vida urbana, em suas condições materiais e sociais, que mais clara e rapidamente pode ser apreendida a incongruência histórica do desenvolvimento brasileiro, expresso num hibridismo entre formas e práticas sociais reprodutoras de padrões internacionais de consumo e exclusões radicalizadas.

Guarapuava também é fruto de um processo de urbanização materializado na cidade através das transformações no processo produtivo e na organização espacial e do trabalho.

O município de Guarapuava teve seu período de modernização do campo a partir de 1970. A entrada da tecnologia no setor agrícola trouxe somente aos que tinham maior poder aquisitivo as condições para mecanizar sua plantação. Os camponeses que não conseguiram competir em iguais condições com os grandes produtores, tiveram que buscar outras alternativas. Esse fator levou-os a vender sua propriedade e tentar a vida no meio urbano sendo característico da expropriação de suas terras, porém de forma indireta. Assim, modificou tanto a estrutura agrária como urbana do município (GUARAPUAVA, 2011).

Os dados da estrutura fundiária do município mostram que a partir desse processo a posse da terra concentrou-se em uma pequena parcela da população burguesa, e que os camponeses, ao deslocarem-se para as cidades foram conduzidos a ocupar os bairros periféricos (*idem*).

Além da competição entre os produtores tornar-se desigual, o uso da tecnologia no meio rural “Estava-se diante do milagre da modernização; milagre este, que custou as terras de inúmeros pequenos proprietários, que não tiveram acesso à esses benefícios, ou, que não puderam entrar na onda de modernização reinante” (*idem*, p.17-18). Ao buscar modernizar a propriedade e integrar-se no processo produtivo muitos pequenos proprietários acabaram se endividando, tendo que vender a propriedade e mudar para a cidade.

Ainda, soma-se o fato de que parte da população oriunda do campo já se encontrava empobrecida antes de migrarem para a cidade. Essa população já estava alheia da propriedade da terra, sobreviviam no campo como “assalariados” rurais em empresas localizadas no campo, como madeireiras e ervateiras. Com a escassez progressiva de trabalho, como consequência da modernização, buscavam empregos nos centros urbanos.

Este processo de migração nas décadas de 1970 e 1980 em Guarapuava, provocou a expansão da periferia urbana e ainda continua acontecendo. A venda da pequena propriedade pode ser considerada um indicativo de que esta passou a integrar os estabelecimentos rurais de grande porte, evidenciando a concentração.

O total de 44.203 propriedades rurais que foram vendidas em 1984, no estado do Paraná. [...] Guarapuava obteve nesse período, 3.684 transações destacando-se entre os dez municípios do Paraná com maior número de transações. Observa-se que o maior número de transações foram feitas com as propriedades de menor tamanho. A explicação reside basicamente no grande número destes imóveis em relação às propriedades de maior extensão e principalmente na dificuldade de seus proprietários sem acesso às tecnologias, em conseguirem pelo menos reproduzir o preço da força de trabalho, já que a apropriação da renda e a taxa média de lucro na agricultura é impossível a esses agricultores. (idem, ibidem, p.18).

Nas tabelas abaixo é possível observar como se configura a estrutura fundiária do município de Guarapuava e as categorias dos imóveis, revelando a concentração da terra.

EXTRATOS (em ha)	TOTAL DE PROPRIEDADES Número	TOTAL DE PROPRIEDADES %	ÁREAS EXPLORADAS Ha	ÁREAS EXPLORADAS %
0 à 10	1.865	27,85	9.032	1,50
10 à 25	1.871	27,94	32.074,6	5,32
25 à 50	1.163	17,36	42.050,5	6,98
50 à 100	727	10,85	50.907,0	8,45
100 à 500	865	12,91	182.145,0	30,22
500 à 1000	117	1,74	81.212,1	13,47
1000 à 10000	87	1,29	183.747,2	30,48
acima de 10000	1	0,01	21.600	3,58
TOTAL	6.696	100	602.768,4	100

Tabela 01 - Estrutura fundiária do Município de Guarapuava – PR - 2006.

Fonte: INCRA - Dados Caderno Diagnóstico Plano Diretor 2006

Organização: GUARAPUAVA, 2011.

Nestes dados é possível perceber que poucas propriedades concentram uma maior porção de terra, o que expressa a significativa concentração terra no município.

CATEGORIA DO IMÓVEL	NÚMERO	%	Ha	%
Minifúndio	3.181	47,50	30.102,3	4,99
Empresa Rural	932	13,91	183.999,1	30,53
Latifúndio/Explor.	2.527	37,73	366.432,2	60,79
Latifúndio/Dimen.	1	0,01	21.600,0	3,58
Não Classificados	55	0,82	635,4	0,01
TOTAL	6.696	100	602.769,0	100

Tabela 02 – Categoria do imóvel rural do Município de Guarapuava - PR - 2006.

Fonte: INCRA – Dados Caderno Diagnóstico Plano Diretor 2006

Organização: GUARAPUAVA, 2011.

Outro dado importante é a distribuição da população entre o campo e a cidade, onde fica evidente a grande concentração na área urbana.

População Total	População Urbana	População Rural
167.463	153.098	14.365

Quadro 01 – Distribuição da população no Município de Guarapuava – PR - 2010

Fonte: IBGE, 2010.

Organização: Leandro de Almeida Lima

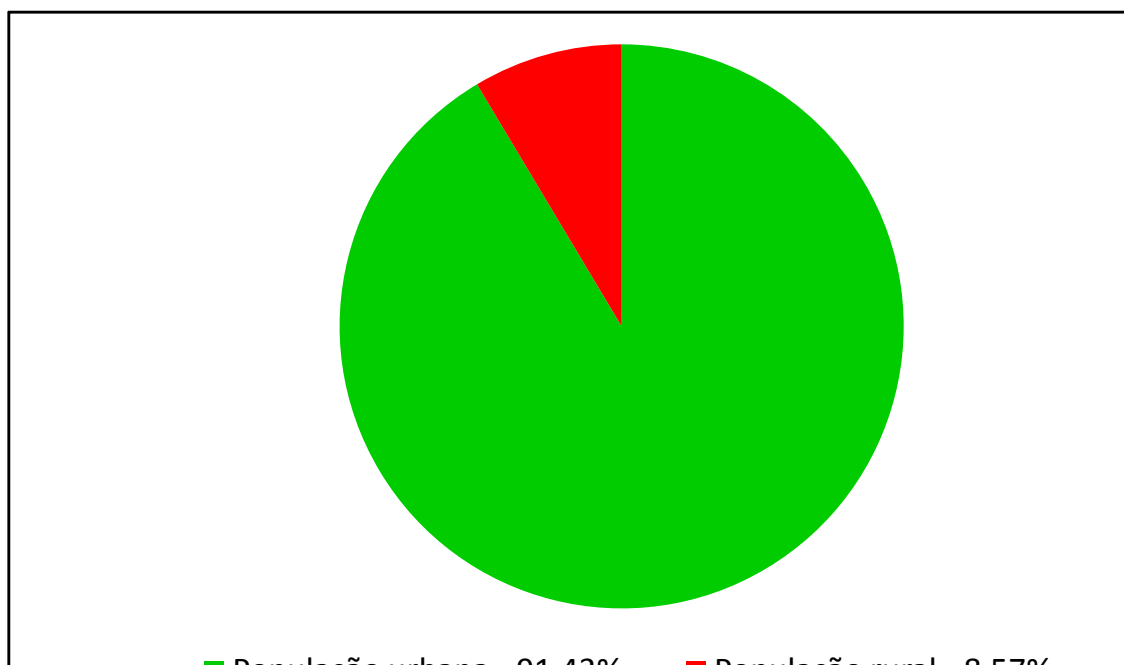


Gráfico 01 – População do campo e da cidade no Município de Guarapuava – PR – 2010.

Fonte: IBGE, 2010.

Organização: Leandro de Almeida Lima

Considerando os dados relacionados à concentração da terra no município, e os da distribuição da população entre urbana e rural, pode-se verificar que foi expressiva a expulsão

dos pequenos agricultores do campo para a cidade. Pelas estimativas obtidas através dos questionários aplicados no Bairro Jardim das Américas, pode-se notar que aproximadamente 70% dos moradores das periferias de Guarapuava são oriundos desse movimento migratório que expulsou os camponeses nas décadas de 1970 e 1980. As evidências deste processo ainda são visíveis, apesar de ter ocorrido há mais de 40 anos.

A industrialização da cidade é frágil e não gera empregos para a nova população urbana que ainda é crescente. Segundo o discurso oficial, através dos estudos realizados pelo próprio poder público municipal, esta dificuldade deve-se às crises econômicas que provocam instabilidade, (GUARAPUAVA, 2011), e não às contradições do sistema capitalista.

Embora seja um espaço que desenvolva o ideário do desenvolvimento, do progresso e do poder político, a cidade é uma contradição constante, pois ao mesmo tempo em que se nota o grande acúmulo de capital, percebe-se também a miséria e a pobreza extrema, servindo assim como um depósito de pobres. Por isso, Singer (1987) afirma que embora seja clara a divisão entre o campo e a cidade, ou urbano e rural, esta diferenciação muitas vezes é utilizada para mistificar a diferença de classes, ocultando-a. Neste contexto os movimentos sociais tem um importante papel, pois através de suas ações é possível evidenciar as contradições de classes.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA - PR.

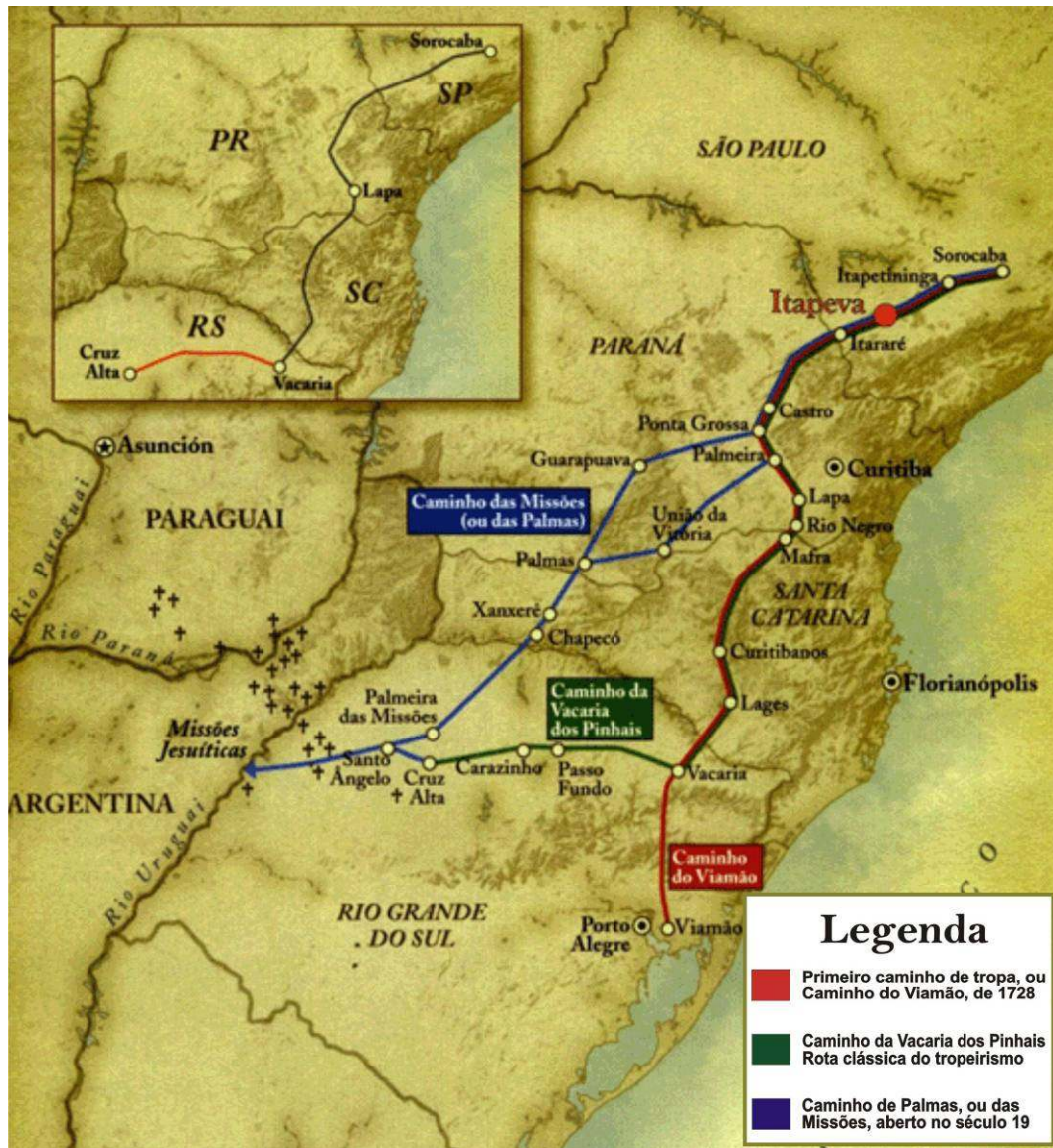
Para entender as diversas ações dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas, é importante compreender a estrutura política, econômica e social do município de Guarapuava. Essas condições apresentam características que foram “determinantes” para a conjuntura atual do município, bem como para situação dos trabalhadores do referido bairro e sua organização.

Guarapuava é considerada um dos maiores municípios do Paraná em extensão territorial, possui uma área de 3117,011 Km², localizando-se no centro-sul do estado (IBGE, 2010). Segundo os dados do censo demográfico de 2010, possui uma população de 167.328 habitantes, destes 153.098 residem na cidade e 14.365 residem no campo.

A partir do final do século XVIII com a organização da feira de Sorocaba em São Paulo, Guarapuava se tornou rota dos tropeiros que vinham do Rio Grande do Sul em direção à Sorocaba para comercializar muares e outros produtos. Essa rota era chamada de Estrada do Muar que partia de “[...] Ponta Grossa passando por Imbituva, Prudentópolis, Relógio,

Guarapuava, Pinhão, Rondinha, Mangueirinha, Covo e Palmas [...]" (LAZIER, 2004, p.60), compondo o chamado Caminho das Missões que abrangia os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Esse caminho pode ser observado no mapa 02, onde se verifica os diferentes trajetos que os tropeiros realizavam.



Mapa 02 - As rotas dos tropeiros

Fonte: IHGGI - Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapeva (s/d).
Adaptação: Leandro de Almeida Lima.

Grande parte da população do Paraná e em especial de Guarapuava, deixou suas atividades locais, dedicando-se à criação de gado e ao tropeirismo. "Os lucros eram compensadores e a atividade envolvia as figuras mais representativas da sociedade local." (ABREU, 1981, p.100).

Em Guarapuava, aos poucos foi diminuindo a criação, em vista do elevado custo da produção, e aumentando as invernadas, estas que eram locais utilizados para o agrupamento do gado e para o descanso das tropas vindas do sul, caracterizando a atividade como forma de aluguel das terras (ABREU, 1981; GOMES, 2009). Desse modo, Guarapuava servia de local de encontro das tropas, onde agrupavam os animais para a alimentação e descanso e suporte à atividade tropeira.

A este período, meados do século XIX, Abreu (1981), refere-se como economia tradicional, em que a pecuária era extensiva e predominante, e a agricultura era de subsistência e voltada ao comércio interno. Segundo a autora, após a decadência da feira de Sorocaba, com o advento do café no estado de São Paulo e o fortalecimento do rebanho no estado, a economia oriunda do tropeirismo no Paraná entrou em crise. Desse modo, se intensificaram a produção de erva-mate e o comércio da madeira, quando surgiram várias empresas madeireiras e serrarias. O cultivo e a exploração de madeira e erva-mate pode ser observado ainda hoje na região de Guarapuava, onde as empresas ervateiras e madeireiras são presentes.

Lazier (2004), aponta que a erva-mate foi uma das principais riquezas produzidas no Paraná de 1820 a 1930, tendo grande expressão na economia, política e cultura paranaense. Embora Guarapuava fosse rica em ervais nativos, servia apenas como uma atividade complementar à pecuária e a agricultura, até então de subsistência (GOMES, 2009).

Assim como a erva-mate, outra atividade com grande contribuição para a configuração atual de Guarapuava foi a madeireira.

No final do século XIX, [...] em torno do pinheiro organizou-se a maior indústria de madeira do país - as serrarias. Formaram-se em torno delas novos grupos de trabalhadores: os boiadeiros, o carroceiro, os serradores, os maquinistas, os conservadores de estradas, empilhadores de madeira, etc. As serrarias, porém, não exerceram função povoadora e sim transmigradora. Terminadas as árvores existentes a serraria mudava para outra região, ficando no local um monte de serragem e não uma cidade (LAZIER, 2004, p. 253).

A partir de 1940 as empresas madeireiras que se instalavam em Guarapuava vinham atraídas pelas grandes reservas de araucárias, também conhecidas como Pinheiro-do-Paraná. Estas possuíam um grande valor comercial, pois eram utilizadas na confecção de móveis, laminado ou até mesmo serradas e comercializadas para outros fins. Posteriormente, algumas florestas foram substituídas por reflorestamento de espécies exóticas como o pinus e o eucalipto (GOMES, 2009).

A atividade madeireira se intensificou em Guarapuava e região a partir da década de 1940 e acabou contribuindo para o crescimento econômico e para a urbanização, imprimindo certas configurações espaciais, como a divisão dos espaços segundo a renda, e colaborando também para a criação de uma nova elite local, provocando uma forte concentração de renda e de terra, definindo o perfil econômico de Guarapuava (SCHMIDT, 2009).

Segundo Gomes (2009) as transformações ocorridas em Guarapuava a partir da modernização da agricultura, e das ações das madeireiras nas florestas existentes no local, repercutiram de forma direta na vida da população do campo e da cidade.

Isso porque os processos de modernização da agricultura e exploração das Florestas expropriaram [...] uma grande quantidade de sujeitos sociais que [...] não tiveram opção de permanência no campo. Com as relações capitalistas, os agregados e posseiros, que antes se estabeleciam nos campos, perderam a condição de permanência nos poucos espaços a eles destinados nas fazendas, dirigindo-se para as novas fronteiras agrícolas, em outros estados, ou, principalmente para a cidade. Os caboclos e os indígenas, que viviam nas florestas, foram expropriados, tanto pela entrada das serrarias, quanto pelo próprio avanço da agricultura comercial. Os primeiros, ao serem expropriados, dirigiram-se à cidade, ou estão integrados em movimentos sociais de luta pela terra; os segundos foram confinados em reservas florestais, em áreas infinitamente menores às que dispunham, antes dos processos modernizadores e, vez em outra, alojam-se na cidade, em barracas improvisadas, para obter alguma renda com o artesanato. Além disso, conforme foram esgotando os recursos naturais, boa parte das unidades de serrarias migraram para outras regiões, em busca de matéria-prima, ou se transformaram em unidades industriais, transferindo-se para a cidade. Diante disso, a mão-de-obra operária seguiu o destino das empresas, indo para outros locais e regiões do Paraná e Mato-Grosso, ou ajudou a “inchar” as periferias da cidade (GOMES, 2009, p. 245-246).

Embora as madeireiras tenham se constituído como uma atividade bastante expressiva em Guarapuava, estas apenas exploraram as reservas nativas, contribuindo de forma limitada para o crescimento econômico do município, pois grande parte das empresas madeireiras possuíam sede em outros locais, principalmente em Ponta Grossa, fazendo com que a maior parte da renda desta atividade não ficasse para Guarapuava (ABREU, 1981; GOMES, 2009). Ao término dos recursos naturais, muitas destas serrarias iam para outros locais, deixando para trás um grande contingente de desempregados.

Desse modo, as serrarias estiveram presentes na história de Guarapuava por um longo tempo, e mesmo atualmente, a exploração madeireira (silvicultura) constitui uma parte significativa das atividades econômicas do município. Essa atividade produziu, e produz,

desemprego em massa nos períodos em que as empresas migram, deixando os trabalhadores temporários sem renda, propriedade ou garantias trabalhistas.

A partir desse processo de exploração das matas nativas de Guarapuava, a economia imobiliária se intensificou com a necessidade das grandes empresas ou capitalistas da região de compra de terras que pertenciam/pertencem a pequenos agricultores para desenvolver a atividade silvícola sob uma reorganização da produção através de florestas plantadas como o reflorestamento com pinus e eucalipto.

O quadro a seguir, com informações do censo agropecuário, mostra a expressividade da atividade de silvicultura no município de Guarapuava, chamada de produção florestal de florestas plantadas, na qual pode-se observar que esta é a terceira atividade que mais ocupa trabalhadores no espaço agrário no município, ficando atrás apenas da pecuária e da lavoura temporária em área ocupada. Assim, mostra também a concentração da terra no município para poucos produtores, contribuindo para a concentração da renda sobre esta atividade.

ATIVIDADES ECONÔMICAS	ESTABELECEMENTOS	ÁREA (ha)
Aquicultura	9	290
Horticultura e floricultura	250	3.703
Lavoura permanente	29	2.918
Lavoura temporária	843	99.828
Pecuária e criação de outros animais	1.324	41.012
Produção florestal de florestas nativas	136	2.863
Produção florestal de florestas plantadas	150	22.925
TOTAL	2.741	173.539

Quadro 02 - Estabelecimentos agropecuários e área segundo as atividades econômicas em Guarapuava - 2006

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário

Para Gomes (2009), foi a partir de 1950 que em Guarapuava começou a se instalar a agricultura voltada ao mercado e à exportação, com o cultivo de milho, trigo, soja, batata-inglesa e outros produtos, ocorrendo a modernização da agricultura, sobretudo após a vinda de imigrantes de origem européia para a região³. Os imigrantes representaram grandes mudanças nas bases produtivas da agricultura do local, pois utilizavam diferentes técnicas de produção, contribuindo para o desenvolvimento econômico de Guarapuava, mas isso acarretou mudanças também na posse da terra, colaborando ainda mais para a concentração de renda (SCHMIDT, 2009).

³ Os imigrantes de origem européia como italianos, eslavos e principalmente alemães - Suábios vindos da Europa em 1951- foram responsáveis pelas mudanças na base produtiva de Guarapuava.

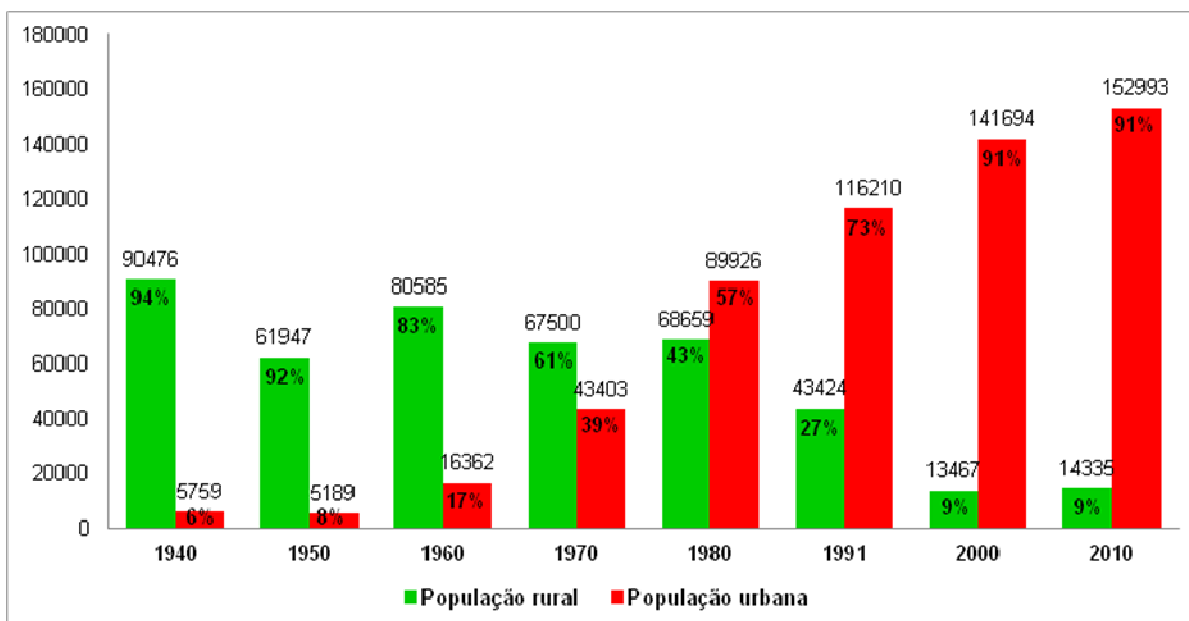


Gráfico 02 - População urbana e rural do Município de Guarapuava – PR, 2010.

Fonte: GOMES (2009); IBGE (2010).

Organização: Leandro de Almeida Lima.

Através do gráfico 02 verifica-se que a partir das décadas de 1960 e 1970 "[...] a mão-de-obra excedente das serrarias, a expropriação do campo no município e na região como um todo, intensificou o processo de urbanização" (GOMES, 2009, p.54). A partir de 1980 a população residente na cidade ultrapassou a população do campo, aumentando essa diferença de forma contínua até o presente momento. Isso se deve à modernização da agricultura e o crescimento da escassez de emprego no campo, em vista das novas formas de exploração agrícola.

Mesmo nesse período os mesmos grupos econômicos mantêm a posse da terra, reproduzindo uma estrutura concentrada nas mãos de poucas famílias. Com o avanço da tecnologia e com a modernização do processo de produção no campo se intensificou a expropriação dos pequenos proprietários, impossibilitados de mecanizar a produção e se inserir no mercado competitivo.

Outro fator de grande relevância para a saída da população do campo foi o fim da atividade exploratória das madeiras nativas, como no caso das diversas serrarias que haviam no interior do município de Guarapuava, e que migraram para outras regiões do estado após o término das reservas nativas. Desse modo, uma massa de assalariados rurais desempregados pela migração das indústrias madeireiras, mudam para a cidade, sem trabalho, impossibilitados de sobreviverem no campo.

Com o surgimento dos reflorestamentos através da silvicultura no município, a fonte da mão-de-obra passou a ser a cidade, através de assalariados residentes neste local, mas que iam trabalhar nas indústrias reflorestadoras no interior.

Embora a atividade madeireira seja expressiva no município atualmente, existe uma precária industrialização, pois esta não oferece um número significativo de empregos, ou seja, insuficiente para a população de Guarapuava, desfavorecendo ainda mais a vida do migrante na cidade.

Guarapuava é uma cidade com poucas indústrias e pouco investimento na área do emprego e do desenvolvimento social. Há alguns anos o município sobrevivia apenas da exploração da madeira e da agropecuária e continua nesta mesma tentativa. No entanto, várias madeiras faliram e despediram um contingente expressivo de trabalhadores que agora precisam aprender outro ofício. Empresas que procuram o município para instalar-se na cidade têm pouco incentivo, devido ao monopólio de algumas empresas da cidade, que acabam comprando os terrenos para especulação imobiliária, impedindo, assim, que outras possam criar concorrência (PRATES, 2011, p.148-149).

Assim, ao migrarem para a cidade estas pessoas também acabam não encontrando emprego, visto que as poucas indústrias não são suficientes para empregar a todos, submetendo-os à subempregos e trabalhos precários. Desse modo, o município apresenta atualmente elevado índice de desemprego.

	Pessoas
População economicamente ativa	81 398
População ocupada	76 003
Número de empregos - RAIS	36 650

Quadro 03 - População e ocupação no Município de Guarapuava-PR.

Fonte: IPARDES, 2013.

Organização: Leandro de Almeida Lima

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população economicamente ativa representa o potencial de mão-de-obra do local, ou seja, os que poderiam trabalhar. A população ocupada representa as pessoas que exercem alguma atividade econômica, formal e informal. E a RAIS⁴ representa o número de empregos formais gerados pelas empresas do município.

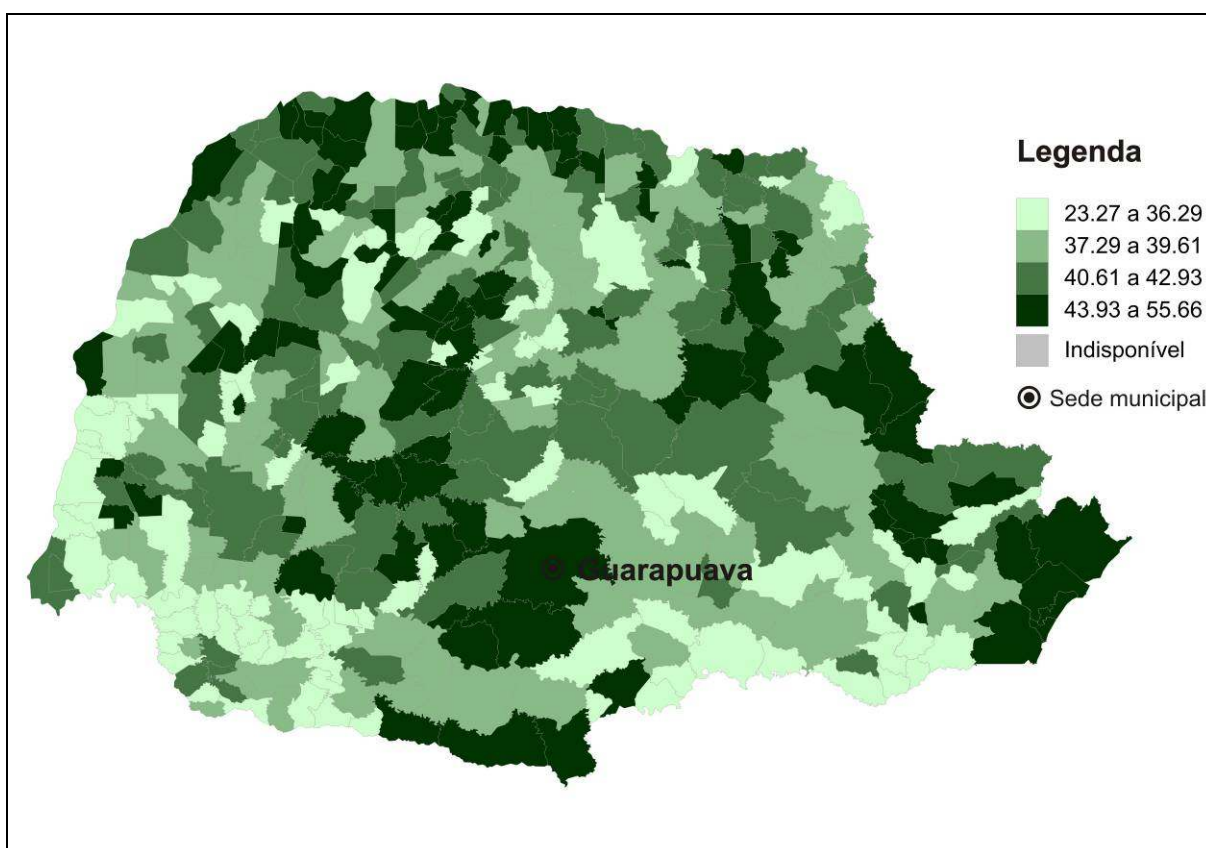
Estabelecendo um comparativos dos dados do Município de Guarapuava pode-se concluir que existem 5.395 trabalhadores desempregados e sem nenhum tipo de renda, ou

⁴ RAIS - Relação Anual de Informações Sociais. É um sistema de coleta de dados que objetiva o controle das atividades trabalhistas no país.

seja, 6,62%. Em compensação o contingente de pessoas que exercem trabalhos informais é de 39.353, ou seja, 51,77% dos trabalhadores, portanto, a maior parte não possui emprego formal e nem acesso aos direitos trabalhistas.

Essa situação soma-se à forte concentração de renda e da terra para um pequena parcela da população. Os baixos níveis de emprego e renda e o frágil desenvolvimento em Guarapuava, faz com que o município tenha graves desigualdades e uma incidência de pobreza bastante elevada se comparada à outros municípios do Estado do Paraná.

No mapa 03 pode-se visualizar e fazer esta comparação com os outros municípios do Paraná. A incidência da pobreza em Guarapuava é de 47,67%, sendo que, dos 399 municípios do estado é o 25^a na lista dos maiores índices de incidência de pobreza.



Mapa 03 - Paraná - Mapa de Pobreza e Desigualdade - Incidência da Pobreza.

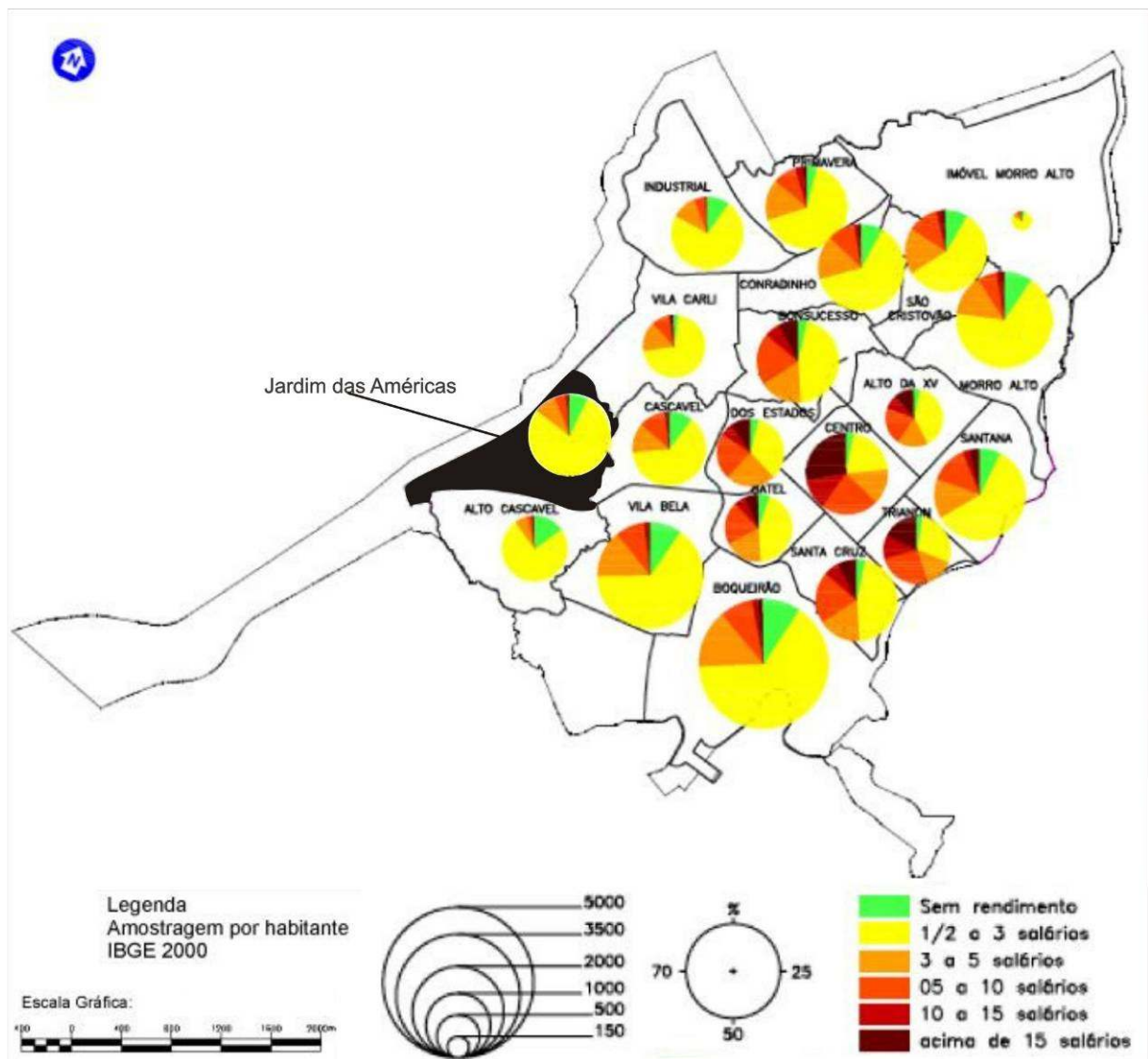
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2002/2003.

Segundo dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, no ano de 2000 existiam 44.787 pessoas em situação de pobreza⁵ no município, ou 11.104

⁵ Pessoas em situação de pobreza é a população calculada em função da renda familiar *per capita* de até 1/2 salário mínimo. Os dados referentes a Situação de Pobreza são provenientes dos microdados do Censo Demográfico (IBGE) e das Tabulações especiais feitas pelo IPARDES.

famílias. Ao calcular a porcentagem da população nesta situação sobre a população total neste mesmo ano (155.161 habitantes), tem-se um total de 28% da população de Guarapuava vivendo em situação de pobreza, o que representa um número significativamente alto.

Esta pobreza se distribui espacialmente em Guarapuava de forma que segue as mesmas características gerais de urbanização dos países subdesenvolvidos, onde grande parte da população pobre reside na periferia das cidades. No mapa a seguir (mapa 04) é possível verificar a distribuição de renda nos bairros cidade.



Mapa 04 - Distribuição da renda por bairros de Guarapuava - Pr.

Fonte: GOMES, 2009.

Adaptações: Leandro de Almeida Lima

Percebe-se que os bairros em torno do centro concentram um número maior de pessoas que possuem altas rendas, como o Alto da XV, Trianon, Bairro dos Estados, Batel e Santa Cruz. E de modo inverso nos bairros periféricos o número de pessoas que ganha de 1/2

à 3 salários é maior. Assim, os bairros localizados na periferia Oeste da malha urbana como Alto Cascavel, Jardim das Américas e Industrial, são os que possuem renda mais baixa em relação à outros bairros da cidade, configurando a distribuição espacial da renda. Neste contexto encontra-se o Bairro Jardim das Américas, em que mais de dois terços da população sobrevive com renda entre 1/2 à 3 salários mínimos.

CAPÍTULO II

O CAPITALISMO E AS CONDIÇÕES DOS TRABALHADORES-MORADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS

2.1 - RELAÇÕES DE PRODUÇÃO CAPITALISTA, DESEMPREGO E AS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS.

A ciência geográfica, a partir da realidade existente, proporciona uma compreensão do espaço geográfico inserido na totalidade, suas relações econômicas, políticas e sociais. Assim, o entendimento dos pressupostos da sociedade capitalista pode levar a aproximação concreta dos condicionantes do objeto de pesquisa.

Lacoste (1997) aponta que apenas recentemente alguns geógrafos começaram a perceber o papel do conhecimento como instrumento de poder. Desse modo, pode-se conceber o conhecimento como algo estratégico, e inclusive servir às elites, como também aos trabalhadores.

Refletir sobre o mundo envolve pensar no modo como o capitalismo se desenvolve no contexto em que o geógrafo está inserido. Esta tarefa de desvendar a realidade, no Brasil, ganha especificidade mais do que apenas enquanto criador de correntes teóricas (CARLOS, 2002).

Moreira (1993, p. 36) demonstra que Marx "[...] observa que a história dos homens e da natureza são inseparáveis". A relação homem-meio é na verdade uma relação história-natureza, podendo ser concebida como *totalidade estruturada de relações múltiplas*. Desse modo, a geografia, mais que outras ciências, ao relatar um fato observado na realidade em qualquer escala do espaço, deve levar em consideração as múltiplas relações existentes na porção estudada. Esta relação é mediada pelo trabalho através da transformação da natureza original para a natureza socializada (MOREIRA, 1993). "Assim, antes que dois lados de uma relação, temos uma unidade dialética entre sociedade (natureza socializada) e natureza (primeira natureza) [...]" (MOREIRA, op. cit. p. 36).

O espaço é produto das relações entre sociedade e natureza "[...] o espaço é humano não porque o homem o habita, mas porque o produz" (CARLOS, 2002, p. 165). Este produto é desigual e contraditório. Ao tomar como exemplo a dinâmica do local pesquisado,

percebe-se que os trabalhadores ao migrarem do campo para cidade trazem consigo concepções diferentes das encontradas no ambiente urbano, causando um choque entre estas, que acabam alterando a dinâmica do espaço, estabelecendo novas relações de produção e de exploração.

Ao refletir a partir da realidade, é impossível fugir da análise do sistema capitalista, pois suas características são condicionantes à toda organização da reprodução da sociedade. Mesmo em um caso específico como o de Guarapuava e em um dado grupo como é o caso dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas, é possível verificar as relações e a estruturação do capitalismo.

Para identificar o porque os trabalhadores do Bairro Jardim das Américas estão em condições de desemprego e subemprego, será analisada a estrutura do capitalismo e dentro dessa contextualização geral da produção, a inserção dos trabalhadores no exército industrial de reserva.

Dentre todos os sistemas de reprodução do ser humano, o capitalista apresenta algumas características que o torna diferente pela relação que estabelece entre os homens e o trabalho. Cada obstáculo encontrado na expansão do sistema é driblado por instituições que desviam o foco para problemas que ficam no âmbito individual das pessoas (MÉSZÁROS, 2011).

A pauperização das condições dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas passa por vários determinantes do sistema capitalista. As condições para sua reprodução enquanto seres humanos é relativizada na medida em que se torna diretamente ligada às questões de emprego. São condicionados ao subemprego e às mínimas condições para sobrevivência legalizadas pelo Estado, possuindo acesso precário aos direitos trabalhistas, à saúde, educação, infraestrutura, saneamento básico.

O sistema capitalista tem como base de seu desenvolvimento a exploração da força de trabalho e dos recursos naturais, podendo levar até mesmo a seu esgotamento, a privatização dos meios de produção, somadas à liberalização, a desregulamentação das trocas e a flexibilização.

O trabalho é entendido na sociedade capitalista como uma mercadoria que tem seu valor-de-troca e suas variáveis são as condições em que se encontram os próprios trabalhadores. Esta idéia é mascarada pelo Estado, que difunde um discurso legal de que todos têm iguais oportunidades, porém, objetivamente, isso não ocorre. Assim, os trabalhadores contam somente com sua força de trabalho para oferecer aos capitalistas que por sua vez imprimem valores fetichistas à escolha dos seu funcionários.

Assim, os trabalhadores devem estar no mercado livres dos meios de produção, mas proprietários de sua força de trabalho, para vendê-la ao capitalista; este sim, proprietário dos meios de produção [...]. Como o trabalhador tem a capacidade de produzir mais do que aquilo que necessita para viver, o capitalista faz retornar ao trabalhador, sob a forma de salário, apenas aquela parte do valor produzido [...] para que ele [...] adquira no mercado o que precisa para reproduzir-se como trabalhador [...], ou seja, para que ele continue trabalhador, e assim continue também vendendo sua força de trabalho para o capitalista (OLIVEIRA, 2007, p. 36-37).

A exploração da força de trabalho é condição indispensável para a acumulação capitalista. É a partir deste fator que é possível a extração da mais-valia, que é o resultado da acumulação em si. O salário do trabalhador é cuidadosamente calculado a partir das condições mínimas para ele se reproduzir enquanto ser humano (comida, saúde, moradia, etc.). Assim, a classe trabalhadora é condicionada a ser responsável pelo funcionamento do sistema, porém, nunca usufruir do produto de seu trabalho.

Os trabalhadores do Bairro Jardim das Américas se encontram em semelhante situação, pois são apenas possuidores da força de trabalho, livres dos meios de produção. Muitos deles não são proprietários nem mesmo dos carrinhos que utilizam na coleta dos materiais recicláveis, ficando assim dependentes dos donos de depósitos – atravessadores – que os fornecem em forma de aluguel, ou na garantia da compra do material coletado.

Os trabalhadores recebem apenas uma pequena parte do valor produzido com a catação dos materiais. Este valor é o mínimo necessário para se manter, ficando o restante com os atravessadores, como os donos de depósitos e as associações, estes que revendem às empresas de reciclagem, obtendo um valor superior ao pago ao catador.

Santos (2008), afirma que apesar do discurso de que o salário propicia a reprodução do trabalhador enquanto ser humano, o valor não é suficiente, tendo que utilizar-se das políticas públicas para chegar a tal fim, através do Estado.

A reprodução da força de trabalho se faz mediante a remuneração recebida pelo trabalhador, com a qual ele consegue seu sustento e o de sua família e por políticas públicas: saúde, saneamento básico, educação, cultura, lazer, seguro desemprego, subsídios para moradia etc. [...] os salários em geral eram – e são – insatisfatórios e as políticas públicas jamais conseguiram proporcionar aos trabalhadores e à população em geral as condições necessárias para a sobrevivência ou para a reprodução da força de trabalho (SANTOS, 2008b, p. 43).

O Estado é um dos responsáveis - juntamente com outros instrumentos da burguesia, como a mídia - para que os trabalhadores não compreendam seu real papel no

processo produtivo e faz isso através da criação de instituições que desenvolvam uma ideologia democrática, em que todos aparentam oportunidades. Marx aponta que todas as instituições jurídicas e políticas da sociedade são condicionadas pelas relações de produção. Assim, o Estado "[...] não é mais do que a forma de organização que os burgueses adotam, tanto para garantir reciprocamente a sua propriedade e a de seus interesses, tanto no seu interior como externamente" (MARX e ENGELS, 2007, p. 98).

Nesse sentido, o Estado poderia ser considerado uma estrutura do capital, pois sem ele não seria possível controlar ideologicamente a população. A formação do Estado moderno vêm da necessidade material do capital de assegurar e proteger permanentemente a produtividade, o que torna-se pré-requisito indispensável para o funcionamento do capitalismo (MÉSZÁROS, 2011). “O Estado capitalista atua no sentido de garantir as condições gerais para a acumulação do capital e a reprodução da força de trabalho” (SANTOS, 2008b, p. 50). Ao controlar as instituições que advém do Estado, a classe dominante controla ideologicamente os trabalhadores que usufruem dos serviços estatais. A classe que detém os meios de produção domina em toda a amplitude que o sistema pode alcançar. Assim, é possível a universalização de princípios burgueses como o de acumulação e exploração dos sujeitos através de seus instrumentos de dominação (MARX e ENGELS, 2007).

[...] Os indivíduos que formam a classe dominante possuem, entre outras coisas, também uma consciência e, por conseguinte, pensam; uma vez que dominam como classe e determinam todo âmbito de um tempo histórico, é evidente que o façam em toda a sua amplitude e, como conseqüência, também dominem como pensadores, como produtores de idéias, que controlem a produção e a distribuição das idéias de sua época, e que sua idéias sejam, por conseguinte, as idéias dominantes de um tempo (MARX e ENGELS, 2007 p. 78).

Portanto, a classe dominante utiliza-se de certos instrumentos para propagar seus ideais. Estes instrumentos são instituições geridas pelo Estado de modo que se torna “[...] a forma pela qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer seus interesses comuns e na qual se resume toda a sociedade civil de um período.” (Idem, 2007, p. 98).

No contexto estudado pode-se perceber que os trabalhadores buscam alternativas para que possam sobreviver nesta lógica, porém, o sistema exige certos pré-requisitos aos que se candidatam a entrarem no mercado de trabalho que servem como justificativa para o real problema, que é a falta de vagas para todos. Sem oportunidade de atingirem as condições para serem assalariados adentram o subemprego.

O trabalho mais difundido na região estudada é a catação de materiais recicláveis, que exige somente o recipiente para a coleta, não sendo necessária nenhuma comprovação de experiência na área, visto que passam pedindo nas residências de outros bairros do município. Após a coleta, os catadores levam o material para centrais de reciclagem onde recebem um valor conforme o peso total do produto. Porém, recebem somente parte do valor, pois o restante fica com os compradores/atravessadores, que são os donos de depósitos e associações de catadores, que posteriormente revendem às indústrias de reciclagem.

Sem acesso aos meios de produção, esta parcela da população é submetida à este tipo de subemprego. Os trabalhadores, na sua maioria são mal remunerados e impossibilitados de usufruir dos direitos básicos trabalhistas. Segundo Kärner (1987) alguns tipos não chegam nem a ser produtores de mais-valia.

No caso dos trabalhadores do Jardim das Américas, embora a capacidade de reprodução seja insuficiente o lucro sobre o trabalho excedente fica com os atravessadores, sendo também produtores de mais-valia.

Nos países industrializados nós encontramos, em sua maioria, com trabalhadores explorados mas capazes de reproduzir-se; nos países em via de desenvolvimento nos encontramos, em sua maior parte, com trabalhadores empobrecidos, com capacidade de reprodução nula ou insuficiente. Este processo de pauperização é acompanhado do surgimento de formas de trabalho e subsistência que apenas raramente assumem o caráter de produtoras de mais-valia (KÄRNER, 1987, p. 21).

Percebe-se que os sujeitos do recorte estudado estão inseridos na desumana lógica capitalista. Nem mesmo como assalariados, com direitos garantidos estes são reconhecidos e estão ainda mais expostos à pobreza. As situações de opressão, de desigualdade e de conflitos, presentes no recorte estudado, fazem parte do conjunto de relações necessárias ao capitalismo em seu processo de reprodução.

O processo de industrialização e a inserção das tecnologias intensificam a pauperização dos indivíduos, pois são substituídos por máquinas e integram uma parcela da população que forma a reserva industrial de mão-de-obra (CHESNAIS, 2006).

Ao estabelecer uma comparação desta realidade com os trabalhadores estudados, percebe-se que estes, ao migrarem para a cidade, também não encontraram emprego, pois não possuem formação para tais atividades de conhecimento específico. Estas funções, postos de trabalho, são aos poucos substituídos pelas máquinas, e também cada vez mais concorridos, desempregando um número cada vez maior de pessoas, devendo estas submeterem-se à

trabalhos precários como o de catação de materiais recicláveis, compondo a reserva de mão-de-obra, incluindo-os de outra forma no sistema capitalista.

O instrumento de trabalho, ao tomar a forma de máquina logo se torna concorrente do próprio trabalhador. A auto-expansão do capital através da máquina está na razão direta do número de trabalhadores cujas condições de existência ela destrói. Todo o sistema de produção capitalista baseia-se na venda da força de trabalho como mercadoria pelo trabalhador. A divisão manufatureira do trabalho particulariza essa força de trabalho, reduzindo-a à habilidade muito limitada de manejar uma ferramenta de aplicação estritamente especializada. Quando a máquina passa a manejar a ferramenta, o valor-de-troca de força de trabalho desaparece ao desvanecer seu valor-de-uso. O trabalhador é posto fora do mercado como o papel-moeda retirado da circulação. A parte da classe trabalhadora que a maquinaria transforma em população supérflua, não mais imediatamente necessária à auto-expansão do capital, segue uma das pontas de um dilema inarredável: ou sucumbe na luta desigual dos velhos ofícios e das antigas manufaturas contra a produção mecanizada, ou inunda todos os ramos industriais mais acessíveis, abarrotando o mercado e fazendo o preço da força de trabalho cair abaixo do seu valor. Para os trabalhadores lançados à miséria, é grande o consolo, dizem, serem apenas temporários seus sofrimentos; outro consolo decorreria de a máquina apropriar-se, apenas pouco a pouco, de um ramo inteiro de produção, com o que se reduz a extensão e a intensidade de seus efeitos destruidores. Os dois consolos se anulam. Quando a máquina se apodera, pouco a pouco, de um ramo de produção, produz ela miséria crônica na camada de trabalhadores com que concorre (MARX, 2011, p. 491).

Para este mesmo autor, “[...] os trabalhadores despedidos pela máquina são transferidos da fábrica para o mercado de trabalho e, lá, aumentam o número das forças de trabalho que estão à disposição da exploração capitalista” (MARX, 2011, p. 502). Este processo permite que sejam baixados os valores pagos pela força de trabalho, pois muitos trabalhadores acabam se sujeitando a salários abaixo da média paga. “[...] Atrofiados pela divisão do trabalho, esses pobres-diabos valem tão pouco fora de seu âmbito de atividades que só encontram acesso em ramos de trabalho inferiores e, por isso, superlotados e mal pagos” (Ibid, p.502).

Para Marx (2011), esse exército industrial de reserva é um elemento indispensável para o funcionamento da sociedade capitalista. Tem o objetivo de moderar os salários para que não aumentem muito, conforme as necessidades materiais em que a população se encontra. Portanto, a organização capitalista atua no sentido de fazer a manutenção desta população supérflua através da inserção cada vez maior das tecnologias no processo produtivo.

Atualmente existe um crescimento em escala global da concorrência entre os trabalhadores em torno do preço de venda da sua força de trabalho. Esta concorrência

cosmopolita se deu com o desenvolvimento da produção capitalista. Os trabalhadores se depararam com inúmeros problemas dos quais nem os partidos políticos, nem os sindicatos, são capazes de apresentar as causas ou as questões mais a fundo (CHESNAIS, 2006).

Devido à acumulação por parte dos bancos e fundos de pensões, bem como o crescimento das Bolsas, o capital financeiro tornou-se preeminente, frente a todo o sistema de acumulação do capital. Neste sentido, o processo de produção não é mais caracterizado como único meio para a acumulação, conforme afirma Marx: “*O processo de produção capitalista aparece apenas como um intermediário inevitável, um mal necessário para quem quer fazer dinheiro*” (MARX, 1969, *apud* CHESNAIS, 2006, p.1).

Como já foi afirmado, o capital advém de um processo que não necessita de produção. Sua acumulação acontece em situação de “*exterioridade à produção*” e acaba por transferir o fetichismo para um grau superior (MARX, 1969, *apud* CHESNAIS, 2006 p.1). Vários fatores deste processo de acumulação do capital como as privatizações, o fluxo de capitais móveis e de dinheiro líquido, “*aproximam o capital da sua essência*” de uma forma nunca antes vista (Ibidem, p.1).

Desta maneira, Trotsky ressalta que o capital deve ser considerado como “*uma poderosa realidade independente*” que advém da divisão do trabalho e domina todos os tipos de mercados nacionais, por isso desdobra-se e sobrepõe-se às diferenças (TROTSKY, s/d *apud* CHESNAIS, 2006, p.2).

Uma vez superadas as conseqüências da crise de 1929, o capital assumiu formas planetárias através de transnacionais, bancos e fundos de colocação financeira. Para Marx, a revolução conseguiria segurar a evolução do capital antes de alcançar sua forma plena, porém, a história da luta de classes não aconteceu desta maneira (MARX, 1969 *apud* CHESNAIS, 2006)

São três os atributos do capitalismo levantados anteriormente por Marx: O primeiro é sua capacidade de mundializar um exército industrial de reserva, a partir da liberdade de trocas da força de trabalho e da apropriação do trabalho não pago. Esta é a base da concorrência entre os capitais; O segundo atributo é a sua característica de “*autômato*”, no processo de sua auto-reprodução e a valorização do capital a partir da busca pelo lucro; O terceiro, e último atributo, advém da sede dos acionistas por juros e o culto pelo muito curto prazo para o lucro (CHESNAIS, 2006).

Portanto, o capital pode ser considerado como inimigo do conjunto dos explorados, pois é a exploração e o esgotamento dos recursos do planeta que são condições fundamentais para a reprodução do sistema (CHESNAIS, 2006).

Este mesmo autor aponta a concorrência entre os próprios trabalhadores como consequência das relações entre capital e trabalho, na qual o número de trabalhadores do exército industrial de reserva acaba regulando o preço da mão-de-obra, acirrando a concorrência entre os próprios trabalhadores. Estas relações são determinadas pelo grau em que o assalariado consegue limitar a concorrência imposta pelo capital.

[...] ele forma uma massa disseminada pelo país e esmigalhada pela concorrência" até ao momento em que, através de coligações e do "crescimento dos meios de comunicação que permitem aos operários de diferentes localidades tomar contacto entre si", se começa a ver "transformarem-se as numerosas lutas locais [...] numa luta nacional [...], numa luta de classes". Entretanto, "esta organização do proletariado em classe [...] é constantemente destruída pela concorrência que os operários movem entre si" (MARX & ENGELS, 1848 apud CHESNAIS, 2006, p. 3, grifos do autor).

Pode-se perceber que a luta de classes é considerada pelo autor como uma possibilidade de superação da concorrência entre os trabalhadores, porém, engessada pela própria concorrência entre os trabalhadores. Esta última é reforçada, ainda, pela oferta limitada de emprego, que pode por em concorrência trabalhadores e país. Sobre este processo, Chesnais afirma que:

Um dos aspectos mais decisivos da mundialização do capital [...] é permitir a prossecução a uma escala muito vasta de estratégias capitalistas de **colocação em concorrência directa de país para país** de assalariados, de proletários, no sentido de gente que é obrigada a vender a sua força de trabalho [...] para viver. [...] a baixa da taxa de lucro, [...] é uma tendência contínua do capitalismo. As fases de recuperação da taxa de lucro correspondem aos sucessos passageiros nos esforços feitos nesse sentido [...] transitórios e [...] geralmente circunscritos a grupos capitalistas determinados. [...] a pressão das Bolsas acentuam ainda mais a pressão feita sobre o capital industrial para achar respostas para a baixa tendencial da taxa de lucro. Hoje [...] centram-se sobre o [...] nas condições "industriais" modernas[...] do trabalho (CHESNAIS, 2006 p. 3, grifo do autor).

A concorrência direta determina o valor de uma mercadoria pela quantidade de trabalho necessária a sua produção. Sendo seletiva, ela exige do trabalhador capacidades como ter uma produtividade sensivelmente comparável e estarem sujeitos à certas relações sociais que permitam às empresas pagar-lhes diferentemente e ainda com condições inferiores as necessárias e sem nenhuma ajuda com despesas de proteção social (CHESNAIS, 2006).

Neste sentido, este mesmo autor aponta dois instrumentos para acirrar a concorrência de país para país: Primeiro, as zonas de livre troca, onde os investimentos são

livres e alinhados para obter menores gastos com salários e proteção social; segundo, as deslocalizações, que como os afluxos de mercadorias de baixos preços são feitas inicialmente em áreas de influência política próximas.

A concorrência criada pelo capital, pela pequena oferta de empregos, frente às demandas de trabalhadores, tem se tornado cada vez mais acirrada. Esta mesma possibilita infinitas estratégias patronais que encontram um limite somente político.

Chesnais (2006) apresenta alguns pontos necessários para a discussão sobre a concorrência.

- que a colocação em concorrência directa é o resultado da liberalização e da desregulamentação das trocas, dos investimentos directos no estrangeiro e dos fluxos de "capitais móveis";
- que ela é [...] iniciativa dos maiores grupos industriais e bancários do mundo [...];
- por fim, que os fundos de pensões e de colocação financeira e os grandes accionistas privados são os beneficiários desta mesma colocação em concorrência directa dos assalariados (CHESNAIS, 2006, p. 7).

Não se pode perder de vista o papel da concorrência. É preciso atacar politicamente todas as formas de exploração da força de trabalho. É preciso opor uma recusa ao patriotismo econômico. Esta condição só poderá ser superada com medidas tomadas por trabalhadores de diferentes países com uma base sólida, baseada na solidariedade e na cooperação. Hoje as decisões estão nas mãos do capital privado, mas temos que estabelecer formas de apropriação para o poder público e fazer as decisões passarem para as mãos dos assalariados (CHESNAIS, 2006).

As lutas por melhores condições de trabalho revela as contradições do sistema capitalista, como no caso do problema do desemprego, que precariza a condição de vida de uma grande parcela da população mundial, sobretudo dos países mais pobres. Ficando evidente a preocupação com o número de empregos e com as condições dos trabalhadores, visando a transformação da ordem social (MÉSZÁROS, 2007).

Nos países de "capitalismo avançado", para fazer com que se pareça melhor, as estatísticas sobre as condições de trabalho e de desemprego são fraudadas e distorcidas, mas elas escondem sérias implicações para o futuro. Não importa o quanto sejam encobertos estes dados. O desemprego potencial não pode ser evitado nem por estes países (Idem, 2007).

O aumento do desemprego não é um processo recente. Mézáros, argumenta que

[...] o problema não mais se restringe à difícil situação dos trabalhadores não-qualificados, mas atinge também um grande número de trabalhadores *altamente qualificados*, que agora disputam, somando-se ao estoque anterior

de desempregados, os escassos - e cada vez mais raros - empregos disponíveis. [...] Portanto, não estamos mais diante dos subprodutos "normais" e voluntariamente aceitos do "crescimento e do desenvolvimento", mas de seu movimento em direção a um colapso; nem tampouco diante de problemas periféricos dos "bolsões de subdesenvolvimento", mas diante de uma contradição fundamental do modo de produção capitalista como um todo [...]. E o mais importante de tudo é que quem sofre todas as conseqüências dessa situação não é mais a multidão socialmente impotente, apática e fragmentada das pessoas "desprivilegiadas", mas *todas* as categorias de trabalhadores qualificados e não-qualificados [...] (MÉSZÁROS, 2011, p. 1005, grifo do autor).

Desde então houve um crescimento do desemprego, não somente nos países "em desenvolvimento" como também nos desenvolvidos. Atualmente o desemprego se configura como um traço dominante do sistema capitalista, não havendo como remediar ou solucionar parcialmente este problema (MÉSZÁROS, 2007).

O capitalismo se depara com a geração cada vez maior de um número de pessoas "supérfluas" à seu maquinário de produção. Estas pessoas acabam representando um sério problema para a classe burguesa, pois, esta é incapaz de assegurar a existência desta classe servil. Em vez da classe burguesa ser nutrida por ela, degrada-a tanto que deve nutri-la para garantir-lhe a sobrevivência enquanto consumidores (MARX & ENGELS, 2002 *apud* MÉSZÁROS, 2007).

Há várias dificuldades na luta pela redução da jornada de trabalho sem perda salarial. Os verdadeiros obstáculos enfrentados "[...] podem ser resumidos em duas palavras: 'flexibilidade' e 'desregulamentação'" (MÉSZÁROS, 2007, p. 148). Estas, embora atraentes e progressistas, na realidade representam a precarização da força de trabalho.

O capital se mantém no impulso expansivo, não importando o quanto seja devastadora as suas conseqüências, não levando em consideração a humanidade, para continuar no controle do metabolismo social. Neste estágio em que se encontra, não tem maneiras de tratar as causas da sua crise. Deste modo, diminui os limitados benefícios concedidos ao trabalho, obrigando os desempregados a submeterem-se a empregos mal remunerados. Esta é um prova evidente de que a globalização do desemprego e da precarização "[...] não pode ser solucionada sem a suplantação do próprio sistema do capital (MÉSZÁROS, 2007, p. 147).

Como visto, as formas encontradas pelo o capital em retomar o lucro faz com que surjam inúmeras dificuldades as quais os trabalhadores se deparam, causando o acirramento em escala global da concorrência em torno do preço de venda da sua força de trabalho.

Tais fatos aprofundam ainda mais a penúria das populações despossuídas e mundializa um exército industrial de reserva cada vez maior, extremamente importantes para a regulação do preço da força de trabalho. Neste sentido, pode-se verificar que os trabalhadores precarizados do Bairro Jardim das Américas estão inseridos neste exército industrial de reserva, mesmo que a escala de abrangência seja menor. Estes seres humanos supérfluos causam preocupação na classe burguesa pela contradição do capitalismo, que dependem duplamente deles. Pois, embora sirvam de reguladores do preço da força de trabalho, estes são tão degradados que a burguesia deve nutri-la. Neste aspecto entra a função do Estado burguês, responsável em manter essa população mesmo que de forma precária, de forma que não chega a ameaçar a estrutura capitalista.

Ao se tornar uma realidade independente, o capital controla o mercado mundial, e por sua vez os mercados nacionais. Através desta lógica, há uma reprodução deste sistema em todas as escalas, ocorrendo a globalização de todos os elementos do capitalismo, principalmente a desigualdade socioeconômica. Assim, o exemplo dos trabalhadores do Jardim das Américas é reflexo das relações em escala nacional e global.

Reforça-se ainda o fato que a reserva de mão-de-obra pode ser composta por profissionais com formação, analisa-se a falta de formação dos trabalhadores especificados como elemento empobrecedor ainda mais intenso.

Deste modo, o capitalismo não tem mecanismos para tratar as causas destes problemas, embora muitas vezes são encobertos ou maquiados, como é o caso do desemprego referido anteriormente. Todos estes fatos podem ser interpretados como contradições do próprio capitalismo, porém, não são elementos capazes de acabar com ele, ao contrário fazem parte de sua lógica.

Também a degradação ambiental e o esgotamento das riquezas naturais não poderia levar à derrocada do capital, pois os problemas ambientais, além de ser consequência do sucesso do modo de produção capitalista, são atribuídos a uma responsabilidade coletiva (RODRIGUES, 2009).

Entretanto, existem estratégias para maquiar as contradições. Em nível global, quando as consequências do desenvolvimento se tornam insustentáveis, há tentativas de adicionar adjetivos à palavra para mascarar conceitualmente os objetivos do capital, como o caso do desenvolvimento sustentável. Assim, são construídos discursos com a pretensão de ocultar a insustentabilidade do sistema. Segundo Rodrigues (2009, p. 188), "a idéia de desenvolvimento sustentável retoma outra idéia, de que os problemas são ocasionados por desvios do modelo e que é possível corrigi-los com um planejamento [...]".

O local pesquisado além de ser periférico em relação a cidade de Guarapuava, apresenta vários terrenos vagos em Áreas de Preservação Permanente (APP) por se localizar em uma área de bacia hidrográfica, no caso bacia do Rio Cascavel.

De forma geral as Áreas de Preservação Permanente (APP) são áreas rurais e urbanas que tem a função de preservar a biodiversidade da fauna e da flora, os recursos hídricos, o solo etc, não devendo ser ocupadas por construções como moradias, roçados e outras atividades que alterem o estado natural do local. Estas áreas geralmente são constituídas por vegetações de diversas espécies, entre campos e florestas, cursos d'água, lagos, fundos de vale, etc.

A ocupação destes locais são mais frequentes pela população empobrecida. Ao constituírem suas moradias nestas áreas, os trabalhadores reorganizam tais locais conforme seus costumes, reproduzindo o modo de vida rural.

Na ilustração 02 é possível observar que algumas casas são construídas em áreas sujeitas à inundação, que podem ser notadas pelo tipo de vegetação presente na ilustração. Também, pode-se observar que essas áreas acabam servindo de pasto para animais, mesmo no ambiente urbano, reproduzindo algumas atividades oriundas do campo.



Ilustração 02: Utilização de áreas urbanas como pasto para animais e cultivo de pequenos roçados.
Fonte: arquivo pessoal do autor, 2008.

Desse modo, algumas atividades praticadas no local estudado são expressões de que alguns costumes rurais ainda são reproduzidos também na cidade, como resultado da

necessidade de trabalho após a migração. Na ilustração 03 pode-se observar a utilização de carroças com tração animal como auxílio na coleta de materiais recicláveis.



Ilustração 03: Carroça transportando materiais recicláveis no Bairro Jardim das Américas.
Fonte: arquivo pessoal do autor, 2013.

A partir de visitas e participações das ações no grupo foram detectadas algumas dificuldades levantadas pela população como o baixo poder aquisitivo dos trabalhadores em geral; desemprego; miséria; carência de escola e de formação profissional para atividades urbanas; problemas ambientais como o lançamento de resíduos e esgoto nos córregos; dificuldade em lazer, entre outros problemas existentes. Estes problemas intensificam ainda mais a precarização das condições dos moradores do Bairro Jardim das Américas.

A análise do contexto permite refletir sobre as contradições do capital se desenvolvem em situações onde um dos seus principais condicionantes – o trabalho assalariado – não se desenvolve plenamente.

Em relação à atuação dos trabalhadores para modificar a situação em que vivem, conforme o contexto encontrado no Bairro Jardim das Américas, Santos (2008b, p. 53) afirma que:

[...] não é apenas o governo que atua no Estado. Há possibilidades de atuação da sociedade civil, por meio de diversas instituições (religiosas, de classe, culturais, grupos organizados, como os movimentos sociais urbanos, associações de bairros e organizações não governamentais – ONGs, entre outras). O poder público corresponde a esses agentes sociais negociando com eles; enfrentando-os; ou ainda neutralizando-os, pela cooptação de alguns ou mesmo da totalidade dos participantes.

Este processo é uma das materializações da luta de classes que, para Marx (1852), é o único modo de superação da sociedade capitalista:

[...] Muito antes de mim, alguns historiadores burgueses já haviam exposto o desenvolvimento histórico dessa luta de classes e alguns economistas burgueses a sua anatomia econômica. O que eu trouxe de novo foi a demonstração de que: 1) *a existência das classes só se liga a determinadas fases históricas de desenvolvimento da produção*; 2) a luta de classes conduz, necessariamente, à *ditadura do proletariado*; 3) esta mesma ditadura não é por si mais que a transição para a *abolição de todas as classes* e para uma *sociedade sem classes* [...] (MARX *apud* IANNI & FERNANDES, 1982, p. 99, grifos do autor).

Conforme abordado anteriormente, os princípios capitalistas são difundidos por vários mecanismos, que induzem a população a uma aceitação dos mesmos. Ao internalizá-los, assumem os objetivos do sistema para si, como suas aspirações pessoais. Mas “Apenas a mais consciente das ações coletivas poderá livrá-los dessa grave e paralisante situação” (MEZSÁROS, 2008 p. 45).

Parte-se do pressuposto de que esta ação coletiva, na sociedade atual, é mais perceptível em movimentos sociais que partem da necessidade da própria sociedade. Assim, apesar da organização capitalista “excluir”, marginalizar e inserir alguns trabalhadores no exército industrial de reserva - conforme os trabalhadores pesquisados – ações coletiva no âmbito político, como os movimentos sociais podem ser alternativas para a interferência nos ditames do capital. “Os movimentos sociais surgiram, assim, em decorrência da necessidade de se lutar pelas condições necessárias para a reprodução da força de trabalho.” (SANTOS, 2008b, p. 49). Esta discussão será apresentada no capítulo III.

2.2 - CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS TRABALHADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS

O Bairro Jardim das Américas está localizado à Oeste da cidade de Guarapuava, podendo ser caracterizado como um bairro de periferia e, principalmente, pobre. Possui aproximadamente 3.727 habitantes, sendo que destes, 1.850 são homens e 1.877 mulheres (IBGE, 2010). Através dos dados coletados pelos questionários aplicados com os moradores do Bairro Jardim das Américas no ano de 2013, foi possível constatar que 73% da população entrevistada veio do campo, e 80% afirmaram conhecer outras pessoas que passaram pela mesma situação. A maioria destes migraram para a cidade a partir da década de 1970.

Dentre os que migraram do campo para a cidade, 82% vieram em busca de trabalho por causa da escassez crescente de empregos no campo; 9% foi por ter vendido a propriedade e outros 9% por outras causas, como mudar mais próximo da família, embora possa ser relacionada também ao motivo do emprego. De forma geral, grande parte destes moradores foi “expulsa” pelo processo de modernização da agricultura e pela falta de trabalho no campo como consequência deste processo.

Os que migraram não apenas saíram empobrecidos do campo como também se reproduziram na cidade na mesma situação. Muitos desses migrantes passaram de ex-proprietários de pequenas áreas ou de assalariados rurais, para assalariados urbanos ou até mesmo desempregados, tendo que sobreviver de subempregos e/ou programas do governo que asseguram, mesmo que de forma precária, a vida destes sujeitos. É importante destacar que muitos desses migrantes não possuíam terras no campo, ou seja, trabalhavam como arrendatários, assalariados, parceiros ou prestando serviços nas fazendas e outras propriedades no campo.

Com base nos dados do questionário foi possível constatar que a maior parte dos entrevistados não é moradora recente do bairro, mas sim está há vários anos, como é possível observar no gráfico 03. Observa que o processo de expropriação resultante da modernização e avanço das tecnologias de produção agrícola ainda não findou, pois existem famílias que ainda se deslocam atualmente em direção aos centros urbanos tentando fugir da pobreza e do desemprego.

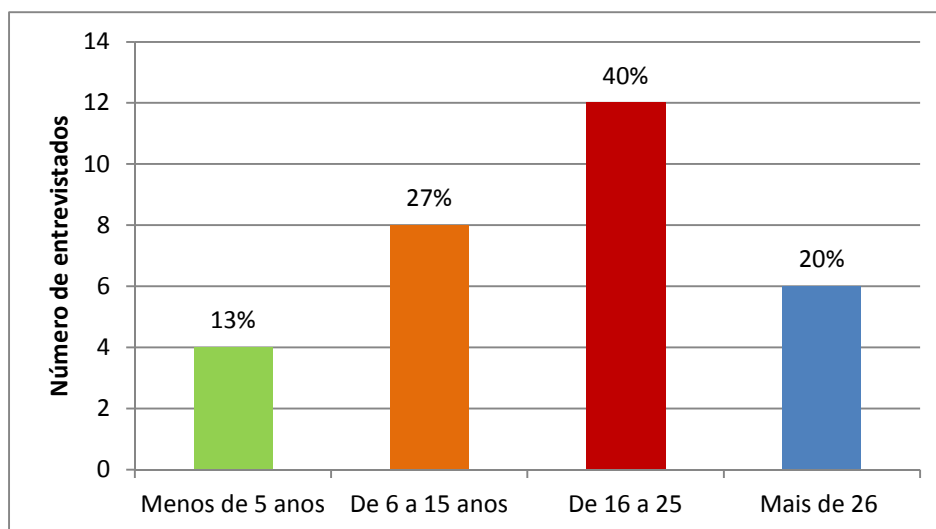


Gráfico 03 - Tempo de residência no Bairro Jardim das Américas.

Fonte: pesquisa de campo.

Os motivos que levaram essas pessoas a se instalar nesse local (Bairro Jardim das Américas), estão relacionados à possibilidade de emprego, familiares instalados anteriormente e, principalmente, o preço da terra urbana, em comparação com outros bairros da cidade.

O fato de saírem empobrecidos do campo e mudarem para a cidade com pouco dinheiro, acabou levando-os a terrenos mais baratos, ou até mesmo a se instalarem em áreas de preservação permanente, como foi o caso da ocupação no entorno do Rio Cascavel (ilustração 04 e 05). A imagem a seguir (ilustração 04) ilustra as condições ambientais existentes na área do entorno do Rio Cascavel em que os moradores/trabalhadores estão sujeitos a serem atingidos, o que frequentemente ocorre, por inundações durante os períodos de chuva mais intensa.



Ilustração 04: Ocupações em Área de Preservação Permanente no Bairro Jardim das Américas.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 2013.



Ilustração 05: Casa construída na margem do Rio Cascavelzinho.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 2013.

Acrescenta-se à situação de pobreza encontrada no local, o fato dos moradores do Bairro Jardim das Américas possuírem baixa escolaridade, pois a maior parte dos entrevistados (60%) não terminou o ensino fundamental, e nenhum dos entrevistados possui curso superior. Esse aspecto está relacionado com a falta de acesso das pessoas à educação e ao conhecimento científico socialmente construído ao longo do tempo. Os dados contidos no gráfico 04, foram obtidos através dos questionários aplicados para a população do local.

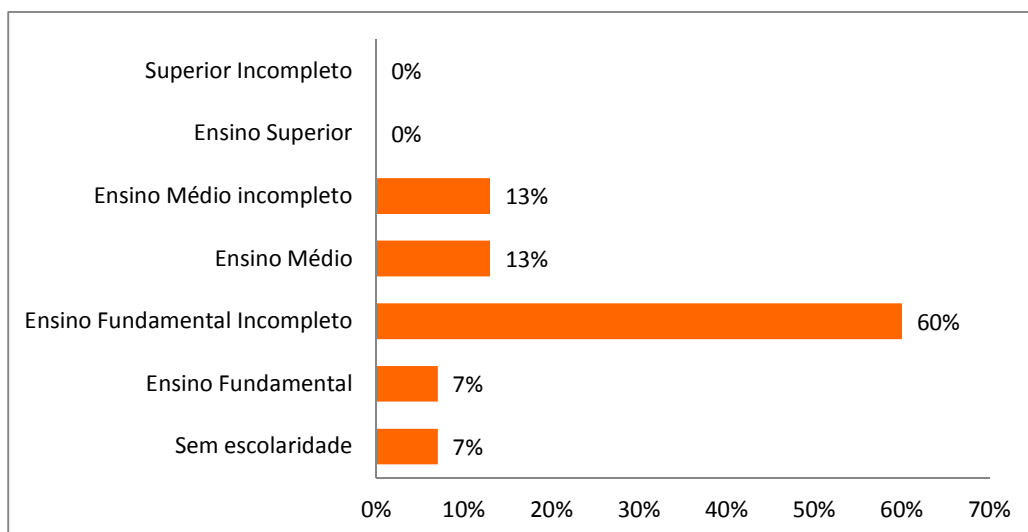


Gráfico 04 - Escolaridade dos moradores do Bairro Jardim das Américas.

Fonte: pesquisa de campo

Organização: Leandro de Almeida Lima.

Segundo os dados coletados no campo, através dos questionários, muitos desses moradores trabalham em empregos de baixos salários ou subempregados precários sem garantias e carteira assinada. Trabalham em empresas madeireiras na região, como laminadoras e serrarias, serviços domésticos, pintores, pedreiros, mecânicos, vendedores, autônomos, serviços gerais, tratoristas e em grande parte como catadores de materiais recicláveis.

No Bairro Jardim das Américas é possível verificar a presença de costumes rurais e de organização do trabalho do campo. Possui grande expressividade o número de animais, como vacas, galinhas e cavalos, que são criados pelas ruas, em terrenos baldios espalhados pelo bairro, e mesmo no quintal das casas (ilustração 06). A presença destes animais expressa, além do aspecto de vida rural, o que restou da propriedade que possuíam no campo, ou seja, ao migrar para a cidade levam consigo o pouco que possuíam no campo. Apesar de criarem esses animais na cidade, esses têm um tratamento precário, pois não possuem espaço adequado como pastagem.

Dessa forma, não é somente uma questão de costume, mas resultado da condição econômica e social que se encontram, na qual não conseguem adquirir um meio de transporte para os materiais coletados como um trator ou caminhão, acabam adaptando a função do animal para a cidade, estes que auxiliam os catadores no trabalho de coleta de recicláveis (ilustração 07) e como tração animal para carroças utilizadas para diversos fins.



Ilustração 06: Criação de animais em terrenos do Bairro Jardim das Américas.
Fonte: arquivo pessoal do autor, 2013.



Ilustração 07: Utilização de animais para auxiliar a coleta de material reciclável.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 2013.

Segundo relato dos moradores originários do campo, apenas 18% afirmou que não manteve nenhuma atividade que possuía no campo quando migrou para a cidade. Já os demais 82%, afirmam que desenvolveram algumas atividades rurais no Bairro como cultivo de hortas, criação de animais, cultivo de pequenos roçados ou o trabalho com máquinas agrícolas. Essas, que são práticas comuns no campo, se mantiveram mesmo morando na cidade.

Outro tema levantado entre os moradores vindos do campo foram as mudanças no acesso aos serviços: 27% da população consideram que não houve melhoras na condição de vida ao migrarem para a cidade, explicando que embora as dificuldades se configurem de forma diferente, elas também estão presentes na cidade, ou seja, a condição de trabalhador pobre e explorado não se alterou. Já os outros 73% da população, consideram que houve melhorias como acesso à escola, hospitais, entre outros serviços. Os moradores relatam também que na cidade foi possível adquirir bens que no meio rural não era possível, como por exemplo, casa própria.

Embora a maior parte da população entrevistada achasse que a vida na cidade melhorou, apenas 18% relataram que não voltariam para o campo por motivos de emprego, estudo e condições de saúde. Os demais 82% pretendem, se possível, retornar de alguma forma para o campo.

Outra característica marcante da população do Bairro Jardim das Américas está relacionada ao número de pessoas residentes na mesma casa e de trabalhadores por família,

como pode ser observado no gráfico 05. Segundo informações coletadas entre os moradores durante a aplicação do questionário, muitos membros da família saíram do Bairro para buscar melhores condições de trabalho em outras cidades.

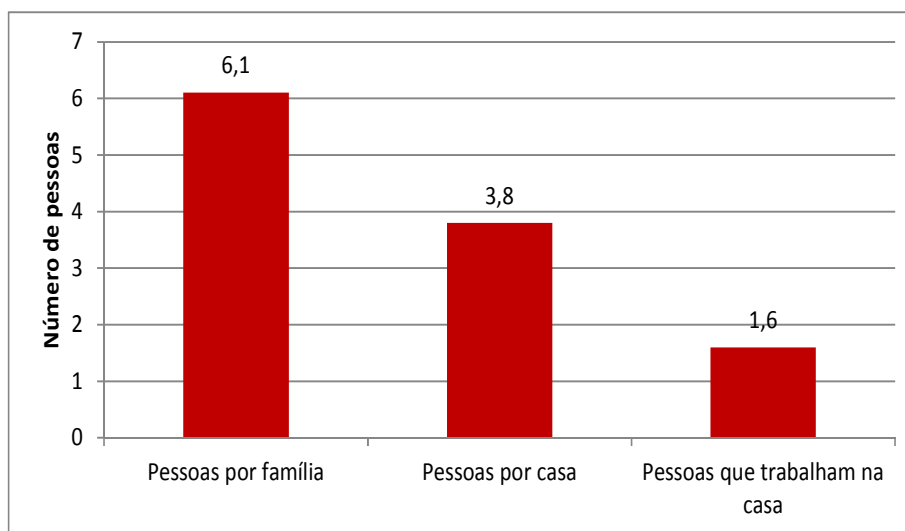


Gráfico 05 - Média do número de pessoas por residência do Bairro Jardim das Américas.

Fonte: pesquisa de campo.

Organização: Leandro de Almeida Lima.

Ao comparar o número de pessoas que trabalham com o número total de pessoas por residência, verifica-se que apenas uma pequena parte é responsável pelo provimento da casa, geralmente uma ou duas pessoas. Esse fato pode ser interpretado não apenas pela falta de empregos no local, mas também pelo fato de que o desemprego atinge grande parte dos trabalhadores que residem no Jardim das Américas.

Os dados obtidos no questionário aplicado aos moradores/trabalhadores mostram que 67% dos entrevistados dizem receber algum tipo de assistência do Estado, como por exemplo, Bolsa Família. E 20% relatam que a principal fonte de renda da família vem desse “benefício” pago pelo Estado. Assim, fica evidente o alto índice de pobreza e precariedade do local, tornando a população dependente dessa assistência.

Nas ilustrações 08 e 09, podem-se observar as precárias condições das habitações existentes no local. É possível verificar moradores que trabalham na coleta de materiais recicláveis utilizando as próprias moradias como local para armazenagem e separação dos materiais, para posteriormente, venderem às indústrias de reciclagem.



Ilustração 08: Habitação dos catadores de material reciclável do Bairro Jardim das Américas.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 2008.



Ilustração 09: Utilização das moradias para armazenar e separar o material reciclável.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 2013.

Segundo os dados do Censo Demográfico de 2010, no Bairro Jardim das Américas os moradores possuem uma média de rendimento inferior à do município de Guarapuava, do Estado do Paraná e também do Brasil. Os dados contidos na tabela 03 evidenciam esta disparidade na renda, ao considerar a média do rendimento mensal das pessoas maiores de 10 anos de idade que possuem renda. Embora os dados a seguir sejam da

população geral do bairro, município, estado e país, é possível verificar as condições de pobreza dos moradores/trabalhadores do Jardim das Américas.

Local	Reais
Brasil	1.201,47
Paraná	1.255,19
Guarapuava	1.153,24
Jardim das Américas	621,14

Tabela 03 - Rendimento médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade

Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2010).

Organização: Leandro de Almeida Lima.

Desse modo, fica evidente que o rendimento da população do bairro é baixo, representando quase metade da média do país e do Estado. Esta desigualdade na renda pode ser percebida também entre os outros bairros do município.

Os dados a seguir são referentes ao rendimento médio mensal das pessoas maiores de dez anos, incluindo as que não possuem renda, dos moradores de outros bairros de Guarapuava, segundo as divisões estabelecidas pelo IBGE no ano de 2010. O município possui uma média de 738,14 reais por habitante maior de 10 anos.

Bairro	Rendimento Médio (R\$)
Alto Cascavel	388,54
Alto da XV	1128,99
Batel	1033,82
Bonsucesso	929,00
Boqueirão	513,16
Cascavel	500,06
Centro	2213,03
Conradinho	554,48
Dos Estados	1119,10
Industrial	406,40
Jardim das Américas	354,79
Morro Alto	516,07
Primavera	550,41
Santa Cruz	1169,27
Santana	858,24
São Cristovão	598,99
Trianon	1583,69
Vila Bela	545,12
Vila Carli	592,10

Tabela 04 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade.

Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2010).

Organização: Leandro de Almeida Lima.

Através destes dados, pode-se verificar que a diferença do rendimento e pobreza entre os bairros de Guarapuava se expressam espacialmente. No gráfico 06, pode-se comparar a desigualdade na renda entre os bairros do município, evidenciando que o Bairro Jardim das Américas (em destaque) é realmente o mais pobre do município.

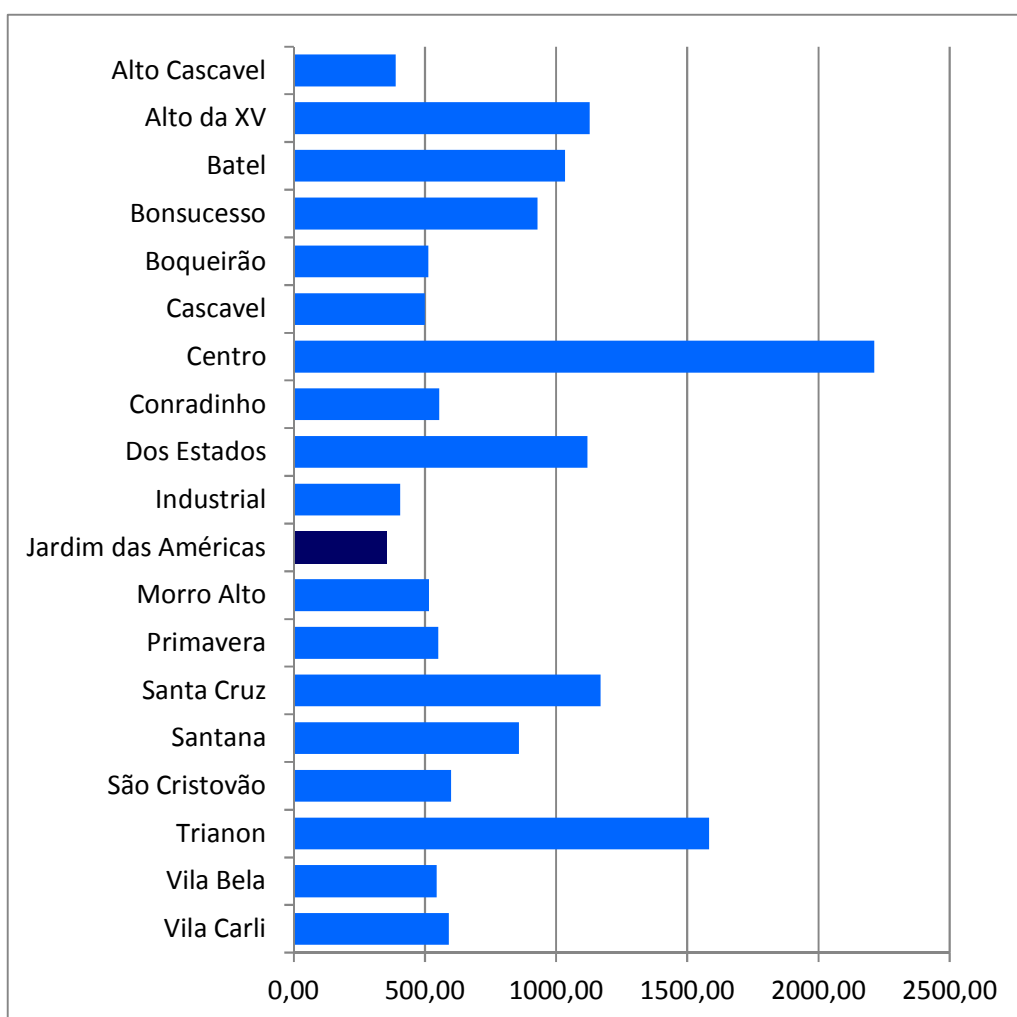


Gráfico 06 - Rendimento médio mensal da população dos bairros de Guarapuava-PR.

Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2010).

Organização: Leandro de Almeida Lima.

Estes parâmetros de renda podem servir como indicador de pobreza, podendo também, através desse aspecto, estabelecer uma territorialização da pobreza e das precárias condições de vida dos moradores de Guarapuava.

O relatório apresentado pelo Serviço Social da Indústria (SESI) e pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP), do projeto chamado Redes de Desenvolvimento Local, lançado em maio de 2011, construído a partir de relatos da população, sobre o Bairro Jardim das Américas, aponta que são várias necessidades e problemas encontrados no local.

Dentre os problemas estão as péssimas condições infraestruturais, como a existência de barracos às margens do Rio Cascavelzinho; poluição e degradação ambiental com a armazenagem de materiais recicláveis nas casas, lixo espalhado nas ruas e nos terrenos baldios, esgoto despejado no rio, infestação de ratos atraídos pelo lixo, doenças provocadas pela falta de saneamento básico; precária pavimentação e falta de asfaltamento; deficiência no atendimento do posto de saúde; ausência de áreas de lazer; descaso do poder público para com o bairro com a falta de investimentos no local; grande dependência da população com algum tipo de “benefício”, como Bolsa Família, Bolsa Escola, Vale Gás e leite das crianças; educação, em que cerca de 60% repetem algum ano do ensino fundamental ou médio; de violência doméstica, como maus cuidados com as crianças e jovens, violência contra a mulher; trabalho infantil na coleta de materiais recicláveis; gravidez precoce; casos de fome e desnutrição; diversos casos de alcoolismo e outras dependências químicas; alto número de desemprego e subemprego; cerca de 30% do bairro é considerado favela.



Ilustração 10: Precárias condições infraestruturais do Bairro Jardim das Américas.
Fonte: arquivo pessoal do autor, 2013.

Alguns desses problemas, dentre outras questões, foram observados através das visitas realizadas no local e pelos questionários aplicados aos moradores. Foi possível, assim, conhecer a percepção dos problemas pelos moradores do bairro.

Os moradores apontaram que tanto falta infraestrutura no bairro, quanto a assistência médica como postos de saúde, hospitais, e também creches, colégios, ginásios, pavimentação das vias, farmácias, entre outros. Ainda pode-se destacar a distância do centro, que é ainda mais problemática com a falta de transporte e acessibilidade ao bairro (ilustração 11), os altos índices de violência, o esgoto a céu aberto e a falta de empregos, como comentado anteriormente, não apenas no bairro como também na cidade.



Ilustração 11: Avenida Dr. Aragão de Mattos Leão Filho, principal via de acesso, inundada pelo Rio Cascavelzinho.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 2013.

Apesar de todos os problemas e dificuldades enfrentados pela população do Bairro Jardim das Américas, grande parte dos moradores entrevistados (53%), dizem não querer mudar para outro local. Os moradores que gostariam de mudar (47%), afirmam não ter emprego suficiente para a população no local, somado ao descaso da Prefeitura Municipal de Guarapuava para com o bairro, que opta em realizar obras nos demais bairros da cidade deixando de lado o Jardim das Américas.

Todos os problemas identificados no Bairro Jardim das Américas são considerados pela população como responsabilidade das instituições representativas, como a Prefeitura, Câmara dos Vereadores, Associação de Moradores, embora entre essas, apenas a prefeitura seja a responsável em realizar melhorias infraestruturais no local. Os moradores

alegam que os problemas acontecem no bairro como resultado de uma má administração pública, e não por uma opção política em favorecer alguns grupos e alguns lugares específicos segundo os interesses capitalistas.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO PELO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS A PARTIR DO CONFLITO DE CLASSES

3.1 - MOVIMENTOS SOCIAIS NO CONTEXTO DO BRASIL

Para melhor analisar alguns aspectos sobre a resistência dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas é necessário um aporte teórico que permita avançar na reflexão da realidade encontrada no local. Desse modo, neste capítulo, serão abordadas as teorias a respeito dos movimentos sociais, evidenciando alguns aspectos da produção teórica de intelectuais que refletem sobre o tema.

Os movimentos sociais estiveram presentes em muitos momentos na história da humanidade, porém, algumas vezes com maior visibilidade do que em outras. No Brasil, esta presença também pode ser notada ao longo da história, mas, sobretudo tiveram maior evidência a partir da década de 1970 e 1980.

O Brasil registrou, a partir dos anos 70 [...] o surgimento de um grande número de movimentos sociais. Foram movimentos de classe: sindicais, urbanos e rurais; movimentos com caráter de classe, a partir das camadas populares, em nível do local de moradia, lutando por bens de consumo coletivo, nos setores de infra-estrutura urbana, saúde, educação, transportes, habitação etc.; e movimentos sociais com problemáticas específicas sem serem de classe, tais como os movimentos feministas, ecológicos, dos negros, homossexuais, pacifistas etc (GOHN, 1991, p. 9).

Este momento também foi marcado por uma forte “repressão militar às manifestações da sociedade civil ocorridas na época” (SCHERER-WARREN, 2005, p. 65). Assim, qualquer tipo de ação de protesto ou de reivindicação eram duramente reprimidos, inclusive de forma violenta, para disseminar o medo entre os grupos organizados e servir de exemplo para outros grupos que viessem a surgir.

Mas, mesmo com o “[...] grande controle social e político, das prisões, torturas e perseguições, ocorreram várias lutas de resistência e movimentos de protesto no país” (GOHN, 2003, p. 100).

Durante a década de 1970, além das reivindicações e dos conflitos relacionados à exploração do trabalho e à espoliação urbana, muitos grupos se organizam em torno de demandas de outro caráter, como o feminismo e o racismo (sobretudo em relação aos negros), procurando, tanto em um caso como no outro, colocar em xeque uma relação secular de subalternidade, exclusão e preconceitos. Entretanto, deve-se ressaltar que, nesse período, os movimentos de maior visibilidade social e política foram os operário-sindicais e aqueles que mobilizaram os moradores da periferia pelo acesso à terra, à moradia e aos bens de consumo coletivo (SANTOS, 2008b, p.87).

Deve-se considerar também o importante papel que a ala da Igreja Católica vinculada à Teologia da Libertação desempenhou neste processo, problematizando os fatos do cotidiano através dos grupos de reflexão, servindo em certos momentos do regime militar, através das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), como principal ponto de resistência dos movimentos sociais.

Singer e Brant (1980, *apud* SADER, 2001, p.197) apontam como uma particularidade dos movimentos sociais da década de 1970, a fragmentação. Esta é "[...] vinculada à diversidade das próprias condições em que emergem". O que é mais significativo dos movimentos desta década "[...] é que eles não apenas emergiam fragmentados, mas ainda se reproduziam enquanto formas singulares de expressão." (Ibid, p. 198).

Na década de 1970, os movimentos se caracterizavam como

[...] lutas isoladas, por água, luz, transportes, creches. Eles se aglutinaram em organizações locais no final da década. Tinham o apoio de facções da esquerda e de setores liberais, que lutavam contra o regime militar. O opositor era um só: o Estado (GOHN, 1991, p. 9).

Pode-se notar que muitos movimentos sociais que surgem atualmente ainda mantêm esta característica fragmentada. Estes são conhecidos como movimentos reivindicatórios, ou de luta por direitos. "[...] A heterogeneidade social provocava a emergência de diversas formas de manifestação social: de operários industriais, de posseiros, de assalariados agrícolas, de consumidores contra a carestia, de grupos mobilizados pelo tema do nacionalismo etc" (SADER, 2001, p. 198). Estes, embora tivessem um caráter reivindicatório pelas necessidades em torno de que se organizavam, questionavam através de suas ações as estruturas de dominação.

O contexto vivido no Brasil nesta época refletia a concepção que os governantes tinham sobre o modelo de desenvolvimento pautado na exploração, com fracassos e crises.

Do ponto de vista econômico, podemos dizer que, *grosso modo*, o modelo

implementado no Brasil pelos militares depois de 1964 continuou o mesmo nos anos 80: concentrador de renda, excludente, voltado para o mercado externo. A incapacidade de manutenção dos índices de crescimento econômico dos anos 70, a crise gerada pela sucção das reservas nacionais para o pagamento da dívida externa [...] e a falta de legitimidade política dos governantes levaram à crise [...] A estratégia de modernização autoritária mostrou-se ineficaz para reduzir as desigualdades sociais e promover um mínimo de desenvolvimento social que integrasse as classes populares [...] (GOHN, 1991, p. 10, grifo do autor).

Tal fato demonstra que a política feita pelos militares não tinha o objetivo de representar mudanças estruturais no país, não atendia as classes populares e ainda reproduzia o mesmo modelo de desigualdade social. Assim, pode-se perceber a necessidade de haver movimentos sociais para protestar e resistir à esta condição.

As grandes novidades vieram por conta da política. Contrastando com a crise de idéias, alternativas e soluções eficazes na área econômica, os anos 80 foram de politização do setor social, de generalização da política para toda a sociedade [...] As mobilizações organizadas canalizaram-se para o plano legal-institucional: campanhas das emendas populares, articulação em torno da reforma urbana, caravanas pela escola pública e ensino gratuito, diversos fóruns pela saúde, educação, solo urbano, reforma agrária etc. [...] É interessante observar que, no processo acima, a sociedade civil organizada passa a buscar inscrever em leis seus direitos e deveres. Ou seja, passa a querer interferir diretamente na sociedade política, nas regras e mecanismos de funcionamento da sociedade e do Estado via poder legislativo (GOHN, 1991, p. 11).

Assim, começa ser melhor percebido o poder dos movimentos sociais na construção dos direitos, ampliando-se também a percepção das contradições da ordem vigente e das condições precárias vividas pelas populações, motivando-as para pensar mudanças em diversas esferas.

Segundo Sader (2001, p. 198), baseada na heterogeneidade, anteriormente descrita, "a pluralidade de movimentos não está indicando nenhuma compartimentação de supostas classes sociais ou camadas sociais diversas. Está indicando diversas formas de expressão". A diversidade é apenas a forma de atuação destes na sociedade.

Embora houvesse a diversidade de formas de manifestação social e de lutas, havia também a presença de referências comuns nos vários movimentos, como as lideranças da Igreja Católica, que eram encontradas participando de várias ações e organizações de diferentes movimentos.

Diferente da fase extremamente repressora da ditadura militar, a qual sujeitava os movimentos à clandestinidade, nos anos 1980 expandem suas formas de atuação e passam de reivindicativos para questionador direto das estruturas de dominação.

Os anos 80 iniciaram-se com os movimentos sociais fortalecidos. Recém-criados a partir da conjuntura política brasileira dos anos 70, vários movimentos sociais haviam acabado de dar um grande salto qualitativo, saindo das reivindicações isoladas para formas agregadas mais amplas das demandas populares, como foi o caso da luta por creches, pela moradia, pelos transportes etc (GOHN, 1991, p. 13).

Diante de várias reivindicações, das diversas lutas, com diferentes temas e situações, os movimentos sociais constituem, em caráter de análise, dois grupos distintos: os movimentos reivindicatórios e os movimentos revolucionários. Os movimentos reivindicatórios, como os que lutam por direitos, seja na cobrança do exercício dos mesmos ou na sua construção, despertam menos interesse dos teóricos, porque se dissolvem rapidamente depois da conquista de uma reivindicação e por não possuir um projeto mais aprofundando de transformação. Já os movimentos revolucionários se pautam nas contradições da luta de classe e estão preocupados com mudanças estruturais, havendo assim um projeto bem definido que orienta suas ações (SADER, 2001).

Esta visão pode negligenciar o caráter educativo dos movimentos sociais, pois não considera o fato de que os movimentos de luta por direitos possam se tornar também revolucionários ao longo do processo. Caldart (2000) ressalva sobre a importância do papel formativo dos processos sociais nas transformações sociais.

A ação social organizada possibilita ao sujeito participante a tomada de consciência de sua própria condição ao problematizar o seu cotidiano, causando a politização das contradições do capital pelos indivíduos. Um exemplo que pode ser notado através deste caráter educativo é através do estudo de Sader (2001), referindo-se ao clube de mães da periferia sul de São Paulo, e que pode ser percebido também em outros movimentos sociais.

As "lutas do dia-a-dia" eram o aprendizado da cidadania, o modo pelo qual pensavam suas privações enquanto injustiças que poderiam ser sanadas se as pessoas injustiçadas se dispusessem a lutar por seus direitos. Elas brotavam das queixas do cotidiano, regadas por informações sobre modos possíveis de mobilizar-se para alterá-lo (SADER, 2001, p. 210).

Desse modo, seguindo a tendência não só do Brasil como da América Latina, a diversidade dos movimentos faz surgir uma nova leitura dessa realidade. Esta é "[...] sobre os problemas que afligem o cotidiano de seus participantes [...]. Procuram interpretar a razão de ser e o significado destas formas "microrrevolucionárias" de fazer política na vida cotidiana" (SCHERER-WARREN, 1987, p. 7).

Assim, através das ações coletivas, estes sujeitos passam a entender que são atores

das mudanças na sociedade, e que a organização tem força para alterar a realidade, refletindo possíveis mudanças, mesmo que em nível local.

Villalobos aponta também outro fato importante na interpretação dos movimentos sociais.

A ação social que se produz em qualquer território, de modo geral, tem dois momentos organizativos bem definidos. Um é o espontaneísmo, como revolta contra uma situação político-econômica particular, que emerge sem uma direção política que procure amplas transformações sociais; outro é como ação de uma estratégia definida, ou seja, organizado em direção às transformações que superem uma visão corporativa. Essas duas dimensões da ação social não se produzem necessariamente desarticuladas. Falar de movimento social não significa, de nenhuma maneira, pensar em espontaneísmo; entendo que essa é a primeira distinção entre movimentos sociais e manifestações sociais. Os movimentos sociais podem integrar-se ou desintegrar-se dentro de processos em que atuam, destacando-se nisso sua dimensão territorial, na qual se confrontam no espaço com certa ordem ou desordem estruturante (VILLALOBOS, 1999, p. 164).

Verifica-se que existem tanto movimentos reivindicatórios quanto revolucionários em um mesmo processo, e movimentos que são reivindicatórios e também revolucionários. Não é possível um movimento ser puramente revolucionário, pois para questionar as estruturas, tem reivindicações específicas. Tomando como exemplo o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), há uma luta consciente pela transformação das estruturas capitalistas, porém são as reivindicações pela terra que unem suas ações. Da mesma forma, os movimentos classificados primeiramente como reivindicatórios, como o dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas, apesar de terem como fim a conquista de uma cooperativa de reciclagem, através de suas ações possibilitam a construção da consciência de classe dos sujeitos, podendo levar ao questionamento do capitalismo.

O movimento dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas pode ser considerado de caráter reivindicatório, pois suas lutas estão baseadas nas conquistas de direitos, não apresentando uma crítica à estrutura capitalista de modo geral. Porém, as ações despertaram algumas reflexões nos seus participantes, como na definição das estratégias e objetivos do movimento, expressando o caráter educativo dos movimentos sociais na transformação da sociedade.

Buscando entender as principais noções de movimentos sociais foram levantadas algumas fontes de estudos sobre os mesmos. Scherer-Warren entende os movimentos sociais como

uma ação grupal para transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção) (SCHERER-WARREN, 1987, p. 37).

Santos (2008b, p. 9), entende que os movimentos sociais podem se constituir como "um setor significativo da população que desenvolve e define interesses incompatíveis com a ordem social e política existente e que os persegue por vias não institucionais". Assim, fica evidente o caráter político dos movimentos.

Consideramos os movimentos sociais como uma dinâmica gerada pela sociedade civil, que se orienta para a defesa de interesses específicos. Suas ações se dirige para o questionamento, seja de modo fragmentário ou absoluto, das estruturas de dominação prevalecentes, e sua vontade implícita é transformar parcial ou totalmente as condições de crescimento social (LANDINELLI *apud* CAMACHO, 1987, p. 216-217).

O autor faz esta abordagem para diferenciar os movimentos que buscam diferentes transformações da estrutura capitalista, evidenciando que há movimentos que questionam apenas alguns aspectos do sistema, como os movimentos que não possuem diretamente a luta de classes como centro de discussão.

Esta análise também é feita por Camacho apresentando uma diferenciação entre as ações dos movimentos sociais e dos movimentos populares:

Há movimentos sociais que representam os interesses do povo, assim como há os que reúnem setores dominantes do regime capitalista, os quais não têm interesse em questionar de modo absoluto, nem em transformar totalmente as estruturas de dominação. [...] No entanto, interessam-se em questionar fragmentariamente a ordem social e propõem reformas parciais, em seu próprio benefício. Um exemplo disto consiste na ação dos movimentos empresariais e patronais [...]. Em contraste, o questionamento feito pelos movimentos populares é mais radical (CAMACHO, 1987, p. 217).

Este autor entende que os movimentos sociais podem ser oriundos de várias camadas da população e que não necessariamente apresentam questionamentos da estrutura capitalista. Diferentemente, os movimentos populares fazem uma luta por mudança estrutural da sociedade a fim de cooperar em sua superação.

Já para Doimo (1995, *apud* SANTOS, 2008b), o adjetivo "popular" para os movimentos sociais está relacionado com outras características, como pelo fato da base popular organizar-se contra as precárias condições de vida, e não por possuir um projeto de transformação total das estruturas de dominação.

No Brasil, como nos demais países da América Latina, os Movimentos Sociais adquiriram características populares, principalmente após os anos 1970, ainda no período de autoritarismo político. As reivindicações relacionavam-se principalmente à precariedade nas condições da vida da população mais pobre, como, por exemplo: moradia, saúde, educação, saneamento e transportes públicos (p. 12).

O movimento dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas se assemelha com muitas das características apresentadas, principalmente as relacionadas à precariedade das condições locais e da fragmentação.

Através destas colocações é possível compreender que os "movimentos sociais são fenômenos históricos, decorrentes de lutas sociais. [...] Com as mudanças estruturais e conjunturais da sociedade civil e política, eles se transformam" (GOHN, 2007, p. 19-20). Assim, acabam adquirindo novas configurações e diferentes formas de expressão, mudando suas pautas de lutas com o passar do tempo e sobre o contexto que vivem e atuam.

As classes populares se organizam numa extrema variedade de planos, segundo o lugar de trabalho ou de moradia, segundo algum problema específico que as motiva ou segundo algum princípio comunitário que as agrega. Em cada forma de organização se manifesta a obsessiva preocupação com a própria autonomia. Suas formas de expressão são as mais variadas, mas privilegiam as "ações diretas", através das quais manifestam suas vontades. Por isso tudo são muito intermitentes, mutáveis, ágeis tanto quanto instáveis (SADER, 2001, p. 313).

As lutas compartimentadas dos movimentos sociais podem ser repensadas através da articulação em redes. Esta é uma necessidade percebida na pesquisa, porém ainda não atendida pelos sujeitos participantes, pois não possuem relação com outros movimentos de identidade semelhante.

As reuniões e as atividades culturais desencadearam as ações coletivas do grupo para a reivindicação de melhores condições de trabalho, de moradia, de saneamento básico, etc.

Na sociedade das redes (para usar uma terminologia de Manuel Castells), o associativismo localizado (ONGs comunitárias e associações locais) ou setorizado (ONGs feministas, ecologistas, étnicas, e outras) ou, ainda, os movimentos sociais de base locais (de moradores, sem teto, sem terra, etc.) percebem cada vez mais a necessidade de se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania. Nesse processo articulatório, atribuem, portanto, legitimidade às esferas de mediação (fóruns e redes) entre os movimentos localizados e o Estado, por

um lado, e buscam construir redes de movimento com relativa autonomia, por outro. Origina-se, a partir desse fato, uma tensão permanente no seio do movimento social entre participar com e através do Estado para a formulação e a implementação de políticas públicas ou em ser um agente de pressão autônoma da sociedade civil (SCHERER-WARREN, 2006, p. 113-114).

A formação de redes significa força para os movimentos sociais, uma vez que “[...] refere-se à possibilidade de amplitude das próprias mobilizações, seja enquanto número de membros e a sua radicalidade, seja às conexões com outros atores sociais, entidades e associações” (RUSCHEINSKY, 1999, *apud* HAMMES, 2002, p. 72). Também, relaciona-se a uma organização maior que pode ter um foco mais estrutural a respeito das demandas dos movimentos.

A partir destes apontamentos, verifica-se que os movimentos sociais têm caráter inovador, pois propõem uma nova forma de organização política.

Na última década os movimentos locais que trabalham com a demanda de serviços coletivos territorializados, e que não se articularam a redes nacionais ou regionais, enfraqueceram-se; ao contrário, os movimentos locais que trabalham com demandas globais como as reivindicações culturais dos indígenas, as ecológicas, pela paz, direitos humanos etc. se fortaleceram (GOHN, 2007, p. 239).

Desse modo, fica evidente a necessidade de articulação em rede a fim de fortalecer as lutas e a autonomia dos movimentos populares, possibilitando um questionamento mais coeso das estruturas de dominação da sociedade e do capitalismo. Uma das principais evidências de que o movimento dos trabalhadores do bairro Jardim das Américas não está em rede é o fato de enfraquecer-se ao longo do tempo, a pequena visibilidade em relação a outros cidadãos, e os poucos impactos causados na esfera política.

É possível verificar a partir da análise teórica e das observações realizadas sobre a realidade dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas que “o conflito é central para os Movimentos Sociais” (LEROY, 1999, *apud* HAMMES, 2002, p. 61). São em situações em que a exploração, afetando de maneira muito intensa as relações sociais em que a sobrevivência se torna quase impossível, que podem surgir momentos favoráveis para a organização dos movimentos sociais a fim de combater as injustiças.

Os movimentos sociais tiveram de construir suas identidades enquanto sujeitos políticos precisamente porque elas eram ignoradas nos cenários públicos instituídos. Por isso mesmo o tema da autonomia esteve tão presente em seus discursos. E por isso também a diversidade foi afirmada como manifestação de uma identidade singular e não como sinal de uma carência (SADER, 2001, p.199).

Para este mesmo autor os movimentos constroem uma visão política contestadora do Estado e autoridades ao reivindicarem melhores condições de vida. Desse modo, através da experiência coletiva também criam uma nova idéia de política opondo a idéia vigente "[...] e a criação desse novo discurso era também a criação de novos sujeitos coletivos" (SADER, 2001, p. 221).

Para Kärner (1987), existe um número crescente de organizações populares na América Latina e muitos destes funcionam independentes de partidos políticos. Segundo Vigevani (1989, p. 99)

No Brasil os movimentos sociais têm-se organizado de forma setorializada e localizada: pela pavimentação de ruas, pelo esgoto, pela luz, pela creche, pela escola, pelo posto de saúde, pela moradia. Em alguns casos houve reivindicações mais abrangentes, contra o desemprego, contra a carestia etc. Mas disto resulta uma evidência: com algumas poucas exceções, os movimentos não apenas não formularam uma proposta mais abrangente mas também enraizou-se neles um discurso de rejeição da política que acaba por reproduzir e por dar caráter permanente à setorialização e localização de sua ação, o que implica, como corolário, até certo ponto a rejeição de qualquer forma de institucionalização.

Kärner considera que existem dois fenômenos responsáveis por isso.

Em primeiro lugar, há um processo crescente de alienação, acompanhado de uma perda real de confiança nas organizações políticas tradicionais. Por outro lado, ganha importância a idéia de não querer adiar para um futuro distante o sonho de uma sociedade livre e humana, mas tratar de realizá-la na prática da luta cotidiana pela sobrevivência (KÄRNER, 1987, p.20).

Sader (2001), no estudo sobre o movimento de saúde da Zona Leste de São Paulo, descreve a percepção que os sujeitos passam a ter em que as carências são produzidas através de direitos da população que lhes são negados pelas autoridades públicas. Assim através das lutas é possível pressioná-las para alterar esse quadro.

A consciência de seus direitos consiste exatamente em encarar as privações da vida privada como injustiças no lugar de repetições naturais do cotidiano. E justamente a "revolução" [...] esteve na busca de uma valorização da sua dignidade, não mais no estrito cumprimento de seus papéis tradicionais, mas sim na participação coletiva numa luta contra o que consideraram as injustiças de que eram vítimas (SADER, 2001, p.222).

Desta forma, é importante que os movimentos sociais se descubram pertencentes e construtores da história, que ampliem a percepção das contradições existentes no território

que atuam, bem como na estrutura do capitalismo. Também, que construam esta nova visão a partir de questões da vida cotidiana, respeitando a diversidade e a especificidade dos grupos, contribuindo num processo libertador e conseqüentemente revolucionário.

Enquanto a humanidade não resolver seus problemas básicos de desigualdades sociais, opressão e exclusão, haverá lutas, haverá movimentos. E deverá haver teorias para explicá-los: esta é a nossa principal tarefa e responsabilidade, como intelectuais e cidadãos engajados na luta por transformações sociais em direção a uma sociedade mais justa e livre. (GOHN, 2007, p. 20).

Neste aspecto, a produção do cientista social pode auxiliar no desenvolvimento e no aumento da capacidade dos movimentos populares, através da teorização dos mesmos e dos temas que os circundam, da recuperação da história, e das explicações sobre os processos de constituição da sociedade. Desse modo, se faz necessária uma participação do intelectual que seja engajada e comprometida com a transformação social. Segundo Camacho (1987, p. 216) "há um imperativo ético, que governa a obra do cientista. No caso, esta exigência nos coloca ao lado do povo, em sua confrontação com as forças sociais que o dominam e exploram".

Conclui-se que não há uma teoria acabada sobre os movimentos, pois se trata de um objeto de estudo mutável e dinâmico, que refletem o seu tempo histórico e os processos sociais que se transformam constantemente. Entre avanços e retrocessos, escrevem sua história como marca impressa das contradições vividas pela sociedade.

3.2 - O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES DO BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS

Em Guarapuava, a concentração dos meios de produção, da renda e da terra por uma pequena elite local faz com que o desenvolvimento do município seja desigual. A pouca oferta de emprego submete grande parte da população à subempregos, trabalho precário de baixa remuneração, além de um expressivo contingente de desempregados. Partindo do pressuposto de que o capitalismo produz um exército industrial de reserva para a regulação do preço da força de trabalho, o Bairro estudado, entre outros, acaba por fornecer este contingente de trabalhadores necessários para a manutenção do sistema. Tal fato, causa elevada incidência de pobreza e desigualdade no município.

A cidade de Guarapuava segue algumas características de urbanização comuns nos países subdesenvolvidos, nas quais grande parte das periferias é ocupada e habitada pela população pobre, vinda do campo para a cidade, empobrecidos, diferindo de bairros próximos ao centro, onde a concentração da renda e fornecimento de serviços são maiores. Desse modo, a pobreza no município também se expressa espacialmente.

Entre os bairros periféricos e pobres de Guarapuava, encontra-se o Jardim das Américas, considerado o bairro mais pobre e precário da cidade, conforme destacado anteriormente. Dentre os diversos problemas existentes no bairro, o que mais foi destacado pelos moradores nas entrevistas realizadas no local, é a escassez de emprego, somado ao baixo rendimento da população residente no local.

É importante destacar, que a pobreza e a precariedade destes trabalhadores é produto da apropriação privada dos meios de produção, na qual as elites, ao detê-los concentradamente em suas mãos, exploram os trabalhadores e os submete à uma vida miserável. Desse modo, nota-se que a pobreza não acontece ao acaso, mas sim como resultado do modo capitalista de produção na qual a classe burguesa se apropria do excedente do trabalho realizado por outrem.

Esta elite detém, além dos meios de produção, o controle do Estado, instrumento de fundamental importância para a dominação pela classe burguesa. Assim, um grupo de empresários de diversos ramos e grandes proprietários de terra, ocupam os cargos políticos, como prefeitos e vereadores, capazes de definir a produção do espaço e os rumos do município. Ao ocupar estes cargos, direcionam as “políticas públicas” para um melhor desempenho do mercado, que também está sob seu domínio, favorecendo através da administração pública uma pequena parcela da população, ou seja, o grupo que representam. Desse modo, o restante da população, ou seja, os trabalhadores são controlados segundo os interesses econômicos destes grupos.

Ao comparar as condições de infraestrutura do Jardim das Américas com os demais bairros de Guarapuava é possível notar as desigualdades entre os mesmos, esta que é produto e condição de funcionamento da organização capitalista. Alguns bairros, mesmo que distantes do centro, possuem uma estrutura urbana mínima de transporte, moradia e saneamento, enquanto que outros, como o Jardim das Américas servem como espaço de concentração da população pobre do município que vive em condições precárias.

A diferença de condições de moradia em bairros de periferia da cidade é fruto de diversos fatores socioeconômicos que determinam qual parcela do espaço tem "um potencial" econômico ou não. Partido desse pressuposto, o Estado, cria condições de permanência da

classe dominante no poder e o mesmo atende suas necessidades estruturais conforme o contexto, enquanto exclui grande parcela da classe trabalhadora do acesso aos serviços.

Tal fato, também demonstra os interesses dos especuladores imobiliários, ligados às elites governantes, que priorizam os investimentos públicos de algumas áreas da cidade, enquanto outras são deixadas de lado.

Porém, estes ditames do capital sobre os trabalhadores, construídos, sobretudo pela mídia, nem sempre são aceitos de forma passiva pelos trabalhadores que desenvolvem estratégias de resistência em alguns aspectos à estrutura de dominação que lhes é imposta. Neste caso, os movimentos sociais constituem-se como elemento questionador do modelo de exploração, ou seja, quando uma parcela da população desenvolve interesses incompatíveis com as práticas existentes e organiza-se visando a transformação total ou parcial da estrutura exploratória.

No Bairro Jardim das Américas uma parcela da população que trabalha com catação de material reciclável se organizou em um grupo reivindicatório, juntamente com a Associação de Moradores como resposta a situação em que vivem, tendo como principal reivindicação as melhores condições de vida e geração de emprego dignos, principalmente. Essa parcela é constituída de pessoas insatisfeitas com os subempregos e trabalhos precários, marginalizados dos direitos trabalhistas, muitos deles catadores de material reciclável.

Aproximadamente 73% da população do bairro são migrantes do campo que foram expulsos pelo processo de modernização da agricultura, intensificado na região a partir de 1970. A inserção de novas tecnologias no processo de trabalho provocou a dispensa de mão-de-obra rural, deixando uma imensa massa que migrou para a cidade em busca de emprego. Parte desses migrantes se instalou no Jardim das Américas, e ainda se reproduzem empobrecidos tal qual saíram do campo. Instalaram-se nesse espaço porque foi aí a parte da cidade que lhes coube em vista da pobreza em que sempre viveram.

Estas pessoas procuraram maneiras de sobreviver realizando trabalhos com poucas ou sem garantias como o de coleta de materiais recicláveis, sem registro na Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS, acabam pedindo nas casas, nas empresas da cidade ou mesmo catando estes materiais no lixão municipal de Guarapuava. Segundo os entrevistados, embora a coleta no lixão fosse mais lucrativa, as condições de trabalho eram mais degradantes, isso pela exposição às más condições sanitárias e insalubridade.

Considerando que a localização do bairro fica próxima ao lixão municipal, uma das únicas possibilidades de renda dos moradores do bairro foi o trabalho com coleta de materiais recicláveis. Os animais trazidos do campo contribuem na coleta de material

reciclável, pois são utilizados no transporte do referido material. Aliás, esse é o principal meio de transporte utilizado na coleta dos materiais, o que indica outra contradição do processo de urbanização, não só de Guarapuava, mas de todo o Brasil, em que os traços rurais estão muito presentes no meio urbano.

Em 2007 houve o fechamento do lixão para a catação de materiais recicláveis com o surgimento da proposta de construção de um aterro sanitário no local pela Prefeitura⁶. Isso se apresentou como uma ameaça para a sobrevivência do grupo de catadores. Ao se perceberem novamente excluídos da possibilidade de trabalho que viabilizava sua sobrevivência e de sua família, reagiram com manifestações na prefeitura e no Instituto Ambiental do Paraná - IAP⁷.

Na entrevista⁸ realizada com o líder comunitário e ex-presidente da Associação de Moradores do Bairro Jardim das Américas, participante da organização dos trabalhadores do bairro, foi possível fazer uma reconstrução histórica do movimento dos trabalhadores, que teve início com a proibição da coleta de materiais recicláveis dentro do lixão.

É importante destacar o papel da Associação de Moradores do Bairro Jardim das Américas no acompanhamento à organização dos catadores, esta que serviu de suporte para a ação do movimento dos catadores.

O depoimento do líder comunitário conta como a única organização institucional do bairro – Associação de Moradores do Bairro Jardim das Américas – percebeu que esta não era uma necessidade apenas de um pequeno grupo de catadores, mas suas reivindicações culminariam em melhoras para todos os moradores do bairro.

[...] Quando chegou em 2007, os catadores foram obrigados sair de dentro do lixão. E como surgiu estes problemas, e a maior parte dos catadores que estavam lá eram de dentro do Bairro Jardim das Américas, não tinha como a Associação de Moradores do Jardim das Américas se manter omissa quanto aos problemas que os catadores estavam tendo lá dentro. [...] Tinha os meninos que eram de menor que precisavam estudar e tomar um outro rumo de vida pra eles, e eles não iam conseguir resolver isso de uma hora pra outra, como eles foram, praticamente, expulsos lá de dentro do lixão. Naquela hora pra eles era tumultuado. Então, a gente precisava de ajudar eles (Entrevistado 01, 2013).

⁶ A razão do fechamento do lixão está relacionada com a Política Nacional de Resíduos Sólidos através da legislação que exige que as cidades que não eliminarem os lixões à céu aberto irão responder por crime ambiental.

⁷ É importante ressaltar o projeto de implantação de um aterro sanitário passava por forte pressão do IAP, o qual alegava que o lixão era ambientalmente inviável.

⁸ Entrevista realizada no dia 16 de março de 2013 concedida por um ex-presidente da Associação de Moradores do Bairro Jardim das Américas e liderança da organização dos trabalhadores do local.

No depoimento acima, o entrevistado refere-se ao ano de 2007 quando, ao iniciarem as obras para o aterro sanitário, policiais criaram diferentes estratégias para expulsar os catadores do lixão. Desse modo, o fechamento do lixão para os catadores, representou o estopim para uma série de reivindicações sobre as condições de vida local, que contou com o apoio da Associação de Moradores do bairro.

Com a interdição do lixão proibindo a entrada de catadores, eles ficaram sem trabalho, portanto, piorando ainda mais sua condição de pobreza. Estes se revoltaram e organizaram um grupo para protestar contra o fechamento do lixão e reivindicar o direito de catar o material reciclável no local. Para isso, fizeram manifestações no IAP (Instituto Ambiental do Paraná) de Guarapuava e na prefeitura municipal com o intuito de chamar a atenção da sociedade para os problemas que enfrentavam.

E a Associação de Moradores entrou como parceira neste contexto e a gente foi protestar junto com eles, foi secretariar eles, orientar, cadastrar e organizar, [...] pra que eles saíssem de tudo isso da melhor maneira possível sem acontecer vandalismo, nem pra cima do povo por parte das nossas autoridades, e nem do pessoal, que tava revoltoso dentro do lixão, sair para rua e causar tanto problema. Afinal teve protesto. A gente teve com 200 pessoas dentro do IAP, invadido aquilo lá por 4 horas pra entrar num consentimento. Quando aquelas pessoas saíram de lá, não saiu a reclamação de que foi roubado nenhuma caneta, não foi quebrado nada. Isso aí mostra que, apesar de todo o sofrimento, de todas as dificuldades, essas pessoas se mantiveram honestas e ordeiras na reivindicação que eles fizeram. E acho que por causa disso foi conseguido organizar esse povo (Entrevistado 01, 2013).

Segundo o relato do entrevistado, os trabalhadores não possuíam um histórico de envolvimento com movimentos sociais, sem muita experiência na organização. Desse modo, no primeiro momento ficaram muito preocupados e inseguros com a situação.

[...] eles estavam indo pra quebrar e brigar na cidade, fazer protesto na frente do IAP, fazer protesto na frente da prefeitura. Eu falei pra eles, a partir do momento que eu percebi que eles estavam indo sem nenhuma caneta e nenhum caderno pra marca nem o nome das pessoas que eles iam conversa lá, eu vi que eles estavam um pouquinho equivocado em questão de organização, mas eu não tirei da cabeça deles, eu não falei "não vão", eu falei vão lá protestem, mas não fechem nada, quando eles estiverem meio nervoso, digam assim pra eles: "vamos marcar uma reunião pra daqui uma semana". E foi o que eles fizeram. Foram e marcaram a reunião pra dali uma semana. O pessoal, principalmente do IAP, pensou que eles não iam se manifestar. Dali uma semana, quando foi no dia marcado a gente tava lá. E daí eu levei o livro ata da Associação de Moradores e secretariei esses catadores, no livro ata de Associação de Moradores, dentro lá (Entrevistado 01, 2013).

A participação da Associação de Moradores neste processo, não deslegitimou a organização dos trabalhadores, pelo contrário, auxiliou substancialmente na construção das estratégias de luta do movimento, constituindo uma comissão organizadora. Isso indica que os movimentos sociais, embora neguem a tutela institucional, não é uma ação espontânea e sem organização definida.

Em reunião com promotores, representantes da prefeitura, membros do IAP e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, os trabalhadores expuseram suas condições com maior clareza às autoridades de Guarapuava, mostrando que dependiam do trabalho de coleta de materiais recicláveis no lixão para sustentar suas famílias, reivindicando a abertura do lixão novamente.

Por outro lado, o poder municipal argumentava os perigos e a situação degradante do trabalho no lixão, sem apresentar uma alternativa de sobrevivência dos trabalhadores, proibidos de entrar no lixão. Verifica-se dessa forma, a situação degradante desses trabalhadores, em que o trabalho no “lixão” é a melhor alternativa de sobrevivência, o que motivou a luta pela sua manutenção e possibilidade de coleta dos materiais.

E a partir dali a gente teve embasamento pra ir atrás dos recursos que eram necessários. Aqueles que prometeram resolver a situação do pessoal lá, porque fechar o lixão era resolver um problema, mas e aquelas pessoas que estavam saindo pra fora lá, era um outro problema bem maior. Nós íamos ter 180 trabalhador sem trabalho, eles estavam no meio do mato e não incomodavam ninguém. A partir daquele momento eles estavam dispostos a incomodar. Então, são 180 problemas que deveriam ser resolvidos. E como a gente tinha uma entidade que tem de ser responsável pelo seu povo e, no meu caso, eu tava a frente dela, eu me senti na responsabilidade de ajudar aquele pessoal até onde fossem (Entrevistado 01, 2013).

Desse modo, através da organização desses 180 trabalhadores houve de certo modo um questionamento da problemática do lixo na cidade, fazendo com que os órgãos responsáveis tomassem alguma providência à respeito da cobrança dos catadores que pressionavam o poder público municipal. Assim, obteve-se algumas conquistas, como as relatadas pelo entrevistado.

Então, a gente conseguiu um pouco de estrutura, a questão de um barracão dentro do Bairro Jardim das Américas, cestas básicas para as pessoas que trabalhavam dentro do lixão, remédio para eles [...]. A gente conseguiu com que eles voltassem inclusive, trabalhar dentro do lixão de novo e tirar o sustento deles de lá, até que as coisas se resolvessem aqui fora do lixão, porque eles precisavam arrumar um trabalho (Entrevistado 01, 2013).

Sob a pressão dos catadores, a Prefeitura Municipal de Guarapuava acabou cedendo um local e realizando a construção de uma central de reciclagem, além da distribuição de cestas básicas para as famílias dos catadores e a assistência à saúde.



Ilustração 12 - Barracão da Central de Reciclagem - 2008.

Fonte: arquivo pessoal do autor, 2008.

A Central de Reciclagem passou a ser administrada pela Associação dos Catadores do Bairro Jardim das Américas. À Central, os catadores poderiam vender o material coletado das residências, sem a necessidade de entrar no lixão.



Ilustração 13: Central de reciclagem no Bairro Jardim das Américas - 2008.

Fonte: Foto cedida pelo entrevistado.

Sem a organização e a reivindicação do grupo, estas mudanças não seriam possíveis, pois a cobrança dos trabalhadores de forma direta representava uma ameaça às políticas até então adotadas pelas classes dominantes. Desse modo, o poder público acaba cedendo algumas melhorias como uma estratégia de amenizar a indignação dos trabalhadores. Essas práticas assistencialistas representam um mecanismo de desarticulação do movimento atendendo minimamente as reivindicações, fazendo com que o grupo volte à passividade, porém o ativismo dos movimentos pode levar ao questionamento da estrutura do sistema capitalista.

Embora tenha se resolvido o problema temporariamente e de forma parcial, o grupo tinha consciência que foi feito muito pouco em relação ao que poderia ser feito pela prefeitura. Isso porque não atendeu todas as suas necessidades, apenas amenizou a situação em que se encontravam estes sujeitos. Ainda, os trabalhadores buscavam melhores condições de trabalho, melhorias no bairro como espaço de lazer, creche, entre outras questões infraestruturais, e também outras alternativas de renda, juntamente com a preocupação ambiental dos moradores, visto que parte do bairro é considerado Área de Preservação Permanente e sujeita à inundação.

*E de lá a gente conseguiu resolver o problema das cestas básicas, o problema deles voltarem trabalhar dentro do lixão, até resolveu o problema do lixão, que transformaram num aterro, tentaram ajeitar o quanto melhor. Hoje o lixo não está mais exposto lá pra eles chegarem e pegarem. Mas até eles fazerem este trabalho, nada mais justo que os catadores ir lá e tirem o dinheiro. Na verdade, o que a gente precisava era que montassem barracão lá e pegasse esses catador e colocasse lá pra que eles trabalhassem salubrememente e tirassem o dinheiro deles, mas como no projeto que foi feito lá não foi possível pra eles. Por causa que isso daí não é um negócio que não é possível, é possível e é prioridade, tem que eliminar o lixo. Como que você vai eliminar? Reutilizando o material. E o que eles estão fazendo hoje, que nós estamos em 2013, eles estão enterrando o lixo reciclável, o que é enterrar dinheiro e enterrar problemas, que um dia esse lixo vai ter de ser desenterrado de lá. Então, vai ser complicado. Então, seria útil para os catadores e então tinha que dar pra eles o que é deles. Lá um dia [...] ainda vai cair no juízo destas pessoas, que são responsáveis por isso, e eles vão resolver esse problema com boa vontade.
[...] tinha que ter umas esteiras dentro de uns barracões na entrada do lixão, para as pessoas ali, com luvas, com macacão, fossem tirando e separando esse material, só caísse lá pra dentro o orgânico que não pudesse ser salvo e feito algum tipo de adubo que viesse a beneficiar essas pessoas financeiramente e o meio ambiente sem poluição, esse seria o ideal. Só fosse parar no lixo o que não tem como salvar mesmo, esse seria o ideal.
[...] Não devia ser o povo que fosse pedir uma recicladora de materiais recicláveis, tinha que a prefeitura dizer: Pessoal, nós precisamos reciclar o*

lixo de tal lugar, temos a máquina e precisamos de um operador (Entrevistado 01, 2013).

Segundo o entrevistado, por mais distante da forma considerada ideal pelos trabalhadores, as conquistas obtidas através da organização popular do bairro representaram grandes avanços para a população local, pois por um determinado período os catadores recebiam cestas básicas e assistência social, o que segundo os relatos, acabou mudando a vida destas pessoas. Portanto, avalia-se que as ações realizadas no passado pelos trabalhadores trouxeram mudanças positivas ao grupo, como uma maior visibilidade social pela prefeitura e posteriormente a possibilidade de mudar de trabalho de forma que encontrassem outra profissão.

De todos esses 180 catadores, calculo eu que é em torno de, no máximo 20%, de 10 a 20 por cento trabalham com a reciclagem hoje. Então, a central de reciclagem fez o trabalho dela enquanto foi útil. [...] Os catadores que estavam trabalhando bem, dentro do lixão, e tinham bastante material em casa, venderam e fizeram um dinheirinho e hoje estão comprando material do pessoal que traz o material do centro. Então isso ajudou a manter eles mais limpo e asseado, e com isso melhorou a saúde deles, porque o lixão lá era complicado, trabalhar com o material, principalmente o plástico fedendo, o lixo agora vem limpinho. Então, estão melhor de saúde, procuraram outros meios. Tem gente trabalhando de mecânico, pedreiro, carpinteiro, pintor, indo catar o material em lugares mais salubres. Então deu uma melhora de vida [...] (Entrevistado 01, 2013)

Porém, a Central de Reciclagem foi perdendo o caráter agrupador para os trabalhadores; por problemas administrativos foi sucumbindo até seu fechamento pois foi criada pela prefeitura e entregue para o grupo dos catadores que formaram a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis, porém sem uma devida assistência. Após o término das atividades da central de reciclagem com o dissolvimento da Associação de Catadores, a prefeitura solicitou o espaço para a instalação de outro tipo de atividade, como a implantação de uma escola profissionalizante, mas que teve um tempo curto de funcionamento.

Depois que ela já não foi mais útil, neste quesito, a promoção social pegou e foi trabalhar com a organização da família desses catadores. Uma escolinha um pouquinho melhor para as crianças lá dentro lá, que estavam dando formação. Alguns catadores iam lá aprender a fazer comida, trabalhar de pedreiro, uns lidar com computação, os meninos faziam aula de música. Era um trabalho interessante até a promoção social abandonar o barracão. Daí ficou fechado, [...] e o barracão está lá com sinais de depredações, sem nada feito dentro, porque [...] a prefeitura solicitou o barracão para a gente, a gente entregou para eles. [...] Eles [...] fizeram o projeto com a comunidade, mas pararam o projeto com a comunidade e deixaram o barracão fechado. E como tudo que está fechado, está sujeito ao

vandalismo. E o barracão está sofrendo com o vandalismo hoje, porque tem a prefeitura que se omitiu de trabalhar lá, e já estava na responsabilidade deles[...].

Eu até fico sentido de ver as coisas do jeito que elas estão hoje, 3 anos depois que a gente parou com esta atividade aí. [...] Tem necessidade de reativar tudo isso. Nós estamos numa época boa que dá pra gente mobilizar a comunidade e mostrar a verdade sobre essas coisas (Entrevistado 01, 2013).

Diante dessa situação os trabalhadores ao longo do processo buscaram estabelecer outras parcerias como a com membros da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná. Com a participação dos membros da universidade nas ações e reuniões do grupo foi possível refletir sobre alguns aspectos da realidade local e pensar estratégias para dar resolução às questões debatidas com o coletivo. Foram realizadas pelo grupo algumas ações como proposta de geração de renda, como oficinas de artesanato e o cultivo de uma horta comunitária próxima a central de reciclagem, e também atividades visando aprofundar na reflexão e politização do trabalhadores, como as “oficinas de teatro do oprimido⁹”.

Segundo os relatos havia também a presença de outros trabalhadores envolvidos no movimento, mas que estavam em condição de catador. Muitos pelo fato de estarem desempregados submetiam-se a catação de materiais recicláveis. Muitos desses participavam de forma ativa na organização do grupo.

Com a melhoria na condição conquistadas pelos trabalhadores grande parte mudou de atividade, deixando de coletar os materiais no lixão. Algumas pessoas voltaram a estudar, fazendo cursos profissionalizantes, por exemplo. Outros que coletavam e que conseguiram juntar mais materiais anteriormente dentro do lixão, foram aos poucos saindo e montando pequenos depósitos, comprando materiais de outros catadores para separar e revender, reproduzindo o mesmo ciclo de exploração.

Porém, no quesito ações reivindicatórias e manifestações o grupo apresenta-se discreto e reservado a partir de 2009.

De modo geral, a partir das reivindicações feitas pelo grupo de trabalhadores, nota-se através dos depoimentos que a população considera que a vida no local melhorou.

Esses são casos pontuais, mas você resolve o problema de um, esse aí já não incomoda mais, porque ele vai descobri que a vida é melhor do que trabalhando lá no lixão com um monte de mosquito na cabeça dele de dia e com a polícia dando tiros a noite atrás, e eles tendo que correr no meio do lixo no escuro, isso é um filme de terror, não é um trabalho. Daí você olha

⁹ Augusto Boal na década de 1960 criou o Teatro do Oprimido. Este é considerado uma metodologia que contribui para a transformação social, servindo como ferramenta de trabalho político, social, ético e estético.

para lá, tudo o que você conseguiu acumular durante o dia inteiro, chega a polícia e taca fogo no teu material. As pessoas que conseguiram se safar dessa [...], eu acho que todos aqueles catadores se deram melhor na vida, do que estar trabalhando lá dentro (Entrevistado 01, 2013).

Embora tenha sido sanadas algumas necessidades básicas, como de alimentação e tratamento de doenças provenientes do trabalho insalubre no lixão, que estes trabalhadores reivindicavam, e assim melhorando a condição de vida de algumas pessoas, é importante reafirmar que os trabalhadores se mantêm inseridos, mas de outra forma no modelo de exploração capitalista. As mudanças relatadas, como a condição social enquanto trabalhador, não foram suficientes para acabar com a exploração que este sofria, apenas passou a ser explorado por outros em um mesmo processo, onde as condições de trabalho são menos precárias, mas a rentabilidade é baixa, mantendo-os pobres.

Segundo o entrevistado os catadores têm dificuldade de se organizar e deste modo são constantemente manipulados pela televisão e enganados por candidatos a algum cargo político que tiram proveito prometendo coisas que nunca vão cumprir.

O ex-presidente também relata que a colaboração da Associação dos Moradores fez com que fosse criada uma unificação dos grupos, havendo a ajuda mútua nas ações realizadas, tanto dos trabalhadores quanto da associação. Os catadores tornaram-se atuantes também nas ações da Associação de Moradores do Bairro Jardim das Américas.

Eu ajudei eles no que eu pude dentro do contexto como o diretor, secretariando, intercedendo ante as autoridades que eu sabia dos caminhos em nome deles, e eles também ajudaram a gente nos nossos protestos, questões ambientais como sobre o Rio Cascavelzinho, eles também estiveram lá, eles deram a contribuição deles para que essas coisas acontecessem (Entrevistado 01, 2013).

Assim, por mais pequenas que sejam as conquistas, elas são a prova que a organização social pode trazer mudanças para a população de imediato. Mas, é importante que estas mudanças não parem por aí, e sim que avancem no questionamento da estrutura do capitalismo, evidenciando o conflito das classes sociais.

É necessário também afirmar, que embora os movimentos sociais mudem a sociedade confrontando os seus interesses aos das classes dominantes, não são os responsáveis diretos pelas transformações. Os movimentos pressionam o Estado – no caso a prefeitura – a realizar as mudanças, o que indica a importância dessa instituição na produção do espaço geográfico.

O ex-presidente afirma que os trabalhadores não estão parados e desmobilizados, apenas não estão atuando por causa do momento de fragilidade nas lideranças do bairro.

Temos lideranças que não estão funcionando dentro do nosso bairro e estamos vendo que estamos perdendo com isso, por causa que precisa de alguém para interceder junto a essas autoridades que assumiram agora para retomar esses projeto e ver o que tem necessidade para que esse povo se levante agora. Nós preparamos eles e eles só estão esperando uma faísca para se manifestar para trabalhar um pouco mais, não para pedir, mas de modo a ter um apoio tanto da universidade que está estudando, quanto do poder legislativo que pode transformar essas coisas em leis, tanto quanto do poder executivo que tem condição de transformar a vida dessas pessoas e dar uma sustentabilidade melhor que só assim a cidade anda melhor (Entrevistado 01, 2013).

Desse modo, reafirmam a necessidade da organização social para pressionar o Estado. Porém, os trabalhadores acabam assumindo a culpa pelos problemas ainda existentes, gerados pela não atuação do movimento, desviando da idéia de que a origem dos problemas faz parte da organização da estrutura capitalista.

A partir dos questionários aplicados aos moradores foi possível constatar que uma parcela significativa dos moradores já participou de alguma organização no bairro, como reunião na associação de moradores, movimentos, pastorais, entre outras organizações.

Dentre os entrevistados, 47% afirmam que participam ou já participaram de alguma organização, e 53% nunca participaram. Acrescenta-se que 73% do total dos entrevistados afirmaram que algum membro da família residente no bairro já participou de alguma mobilização. Estes dados apontam que as ações do movimento de trabalhadores do Bairro Jardim das Américas tiveram uma grande abrangência, e que envolveram parte significativa do bairro.

Outra possível relação com o elevado número de pessoas participantes de algum movimento e organização, está relacionado com a precarização das condições e a constante ameaça à reprodução destes trabalhadores na cidade. Desse modo, a visualização dos problemas enfrentados no bairro os fazem reagir de alguma forma para tentar superá-los. Isso indica politização dos trabalhadores e que vão construindo a consciência política no processo que estão envolvidos se entendendo como agentes capazes de modificar a realidade.

Portanto, apropriam-se do espaço de forma que se sentem pertencentes ao grupo e que decidem, mesmo que parcialmente, na organização do espaço. Por isso, é possível afirmar que eles estão territorializados, ou seja, possuem domínio de um “pedaço do espaço”, no caso, o Bairro Jardim das Américas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa realizada sobre a produção do espaço e o território Bairro Jardim das Américas foi possível chegar a um conjunto de verificações. Foi possível verificar que a produção do espaço do Bairro está intimamente relacionada ao processo global do capitalismo, no qual a detenção dos meios de produção pela classe dominante e a apropriação do trabalho excedente pelo capitalista gera desigualdades diversas. Estas desigualdades se expressam pela forte concentração da renda e da terra urbana, muitas vezes negada aos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas, bem como em toda a cidade de Guarapuava.

Os trabalhadores/moradores do Bairro Jardim das Américas possuem uma trajetória de migração, sobretudo do campo para a cidade, resultante da expansão das relações capitalistas de produção. A expansão do modo capitalista de produção expulsou muitos trabalhadores do campo no contexto da modernização da agricultura. Acrescenta-se nesse contexto a forte concentração da apropriação da terra, o que dificultou a permanência dos camponeses no meio rural.

É importante ressaltar que grande parte desses trabalhadores já era despossuída de qualquer propriedade mesmo no campo, ou seja, alheios aos meios de produção. A partir de informações coletadas e analisadas foi possível verificar que muitos trabalhadores não tinham terras, tendo que trabalhar como assalariados nas madeireiras, localizadas no interior do município ou nas fazendas da região. Portanto, trata-se de um sujeito que foi “expulso” e não expropriado da terra e que já migrou para a cidade empobrecido.

Um dos principais motivos que levaram essas pessoas migrarem para a cidade de Guarapuava foi a escassez de trabalho no campo e a possibilidade de emprego nas indústrias localizadas na cidade. Desse modo, os moradores do referido bairro, saíram do campo em situação de pobreza e, ao chegarem na cidade de Guarapuava, que possui um frágil desenvolvimento industrial, não encontraram emprego nas indústrias da região. Desempregados, acabaram submetendo-se à subempregos e/ou trabalhos precários, como na catação de materiais recicláveis, reproduzindo-se em semelhante situação.

Somando a condição de desempregados no campo e o incentivo para a saída desses sujeitos, feito pelos instrumentos da classe burguesa, como o Estado e a mídia, se configurou uma estratégia de retirada da população do campo, intensificando o processo de urbanização.

Atraídos pela idéia de que teriam melhor acesso à educação, à saúde, comércio e empregos, os trabalhadores, ao migrarem para a cidade, passaram a compor um exército industrial de reserva de mão-de-obra, ou então, acabam inseridos no sistema através de subempregos. Muitos desses, embora marginalizados pela sociedade, são de grande importância para a organização urbana no capitalismo, como os catadores de materiais recicláveis, por exemplo. Desse modo, esses trabalhadores servem tanto para regulação do preço da força de trabalho, quanto desempenham um trabalho necessário ao funcionamento da cidade, coletando e separando os materiais recicláveis, recebendo pouco por isso. Essa situação de catadores só acontece por essas pessoas estarem inseridas no exército industrial de reserva, o que permite a exploração por parte da indústria e do poder público.

Um aspecto que chamou a atenção foi a constatação de algumas contradições presentes nas respostas dos moradores do Jardim das Américas durante a aplicação dos questionários. Os entrevistados afirmam que a vida melhorou quando migrou para a cidade, como o caso do acesso à educação, saúde, comércio. Porém, também afirmam que a vida no campo tinha aspectos positivos e que até mesmo, se fosse possível, voltariam morar no campo. Entretanto, a precariedade das condições enquanto trabalhador e a pobreza se mantêm na cidade.

Embora estejam inseridos na organização produtiva capitalista, como é o caso dos catadores de materiais recicláveis, se percebem numa situação temporária de ocupação e não como num trabalho essencial na organização da cidade. Assim, o ideal desses trabalhadores é possuir um emprego formal. Este ideal, passado pelo Estado e pela mídia, influencia sua concepção de trabalho na sociedade, pois enxergam o subemprego e o trabalho degradante como uma etapa necessária para alcançar melhores condições de vida. Enxergam também o subemprego como uma deficiência e incapacidade sua, pois consideram que se fossem bons trabalhadores estariam em melhores condições.

A partir do discurso da sustentabilidade do capitalismo, representado neste contexto pelo IAP, sobretudo nos últimos anos, acirrou-se a fiscalização de crimes ambientais, até mesmo praticados pelo Estado, como o caso do lixão em Guarapuava. Desta forma, a prefeitura, ao ter que tomar uma providência em relação a problemática ambiental do lixo, interferiu diretamente na forma de trabalho dos moradores do Bairro Jardim das Américas, sem se preocupar com o destino desses trabalhadores, lançando mão de instrumentos de coerção e opressão para resolver, mesmo que parcialmente, de forma imediata a situação.

Assim, em 2007 os catadores de materiais recicláveis que faziam a coleta dentro do lixão municipal, foram expulsos de uma hora para outra por determinação da Prefeitura de

Guarapuava, e proibidos de exercer esta atividade, ficaram sem trabalho, precarizando ainda mais a situação dos mesmos.

As condições precárias de trabalho em que se encontravam estes catadores de material reciclável no momento em que o IAP exigiu que a prefeitura transformasse o lixão em aterro sanitário, levaram a organização de manifestações dos moradores reivindicando trabalho, num primeiro momento. Com as manifestações a prefeitura construiu uma central de reciclagem, como uma forma de amenizar a indignação dos trabalhadores, tirando o foco do real problema. Os trabalhadores, ao se unirem com a Associação de Moradores, foram delineando um movimento de cunho popular e reivindicatório, por melhorias no local em que residem.

As manifestações ocorridas no Bairro Jardim das Américas podem ser consideradas como movimento social. No Bairro, percebeu-se algumas características que permeiam grande parte dos conceitos de movimento social. Nesse sentido, pode-se entender os movimentos sociais como uma organização da sociedade civil que parte de uma necessidade específica e promove ações coletivas na defesa de interesses em comum, geralmente incompatíveis com os dominantes, podendo questionar totalmente ou parcialmente a estrutura de dominação.

Segundo as conceituações de Camacho (1987) e Doimo (1995, *apud* SANTOS, 2008b), o movimento dos trabalhadores estudado pode ser considerado popular, pois defende uma necessidade da população local incompatível com os interesses da classe burguesa, possuindo um potencial questionador da estrutura de dominação.

O movimento estudado é considerado, segundo a concepção de Sader (2001), de caráter reivindicatório, pois visa a construção e/ou acesso à direitos. O mesmo teve seu momento de dissolução com a conquista de uma central de reciclagem e da melhora parcial da infraestrutura do bairro, porém tenta rearticular-se ainda em torno da questão do trabalho no bairro. Esta rearticulação também demonstra o caráter formativo que o movimento imprimiu nos seus participantes, ou seja, o caráter educativo que possuem os movimentos sociais, que proporcionou uma reflexão das estratégias e objetivos do grupo, bem como o seu papel nas mudanças da realidade local.

Em geral, os movimentos sociais confrontam a ideologia capitalista em diferentes escalas com a organizada no seu contexto, dentro de um caráter educativo. Em alguns casos, como no movimento dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas, os interesses do movimento afrontam diretamente os interesses da classe dominante, mesmo que de forma mais ou menos politizada. Através da atuação na sociedade, as ações realizadas pelo

movimento se tornam questionadoras da ordem vigente, despertando a consciência política dos membros do grupo. Portanto, mesmo sendo reivindicativos, esses movimentos tem potencial questionador, construído a partir do espaço vivido pelos moradores/trabalhadores.

Constituem-se como interesse da classe burguesa de Guarapuava para os bairros pobres, inclusive o Jardim das Américas, o afastamento espacial da pobreza extrema. A presença dos pobres pode representar uma ameaça à propriedade privada ao se revoltarem contra a manutenção das condições precárias de sobrevivência. Outro interesse da classe dominante é dar continuidade a dependência política e econômica dos pobres com a elite local, visando sua permanência no Estado.

Ao contrário disso, estão os interesses dos trabalhadores, que defendem uma diferente distribuição dos investimentos urbanos por parte do poder público; a formalização de sua ocupação, enquanto emprego com direitos sociais e trabalhistas; e melhores condições de trabalho.

Assim, a ação dos trabalhadores do Bairro representa uma ameaça à propriedade privada, pois o capitalista/especulador imobiliário procura de várias formas garantir que suas propriedades sejam valorizadas pela injeção do dinheiro público em determinadas estruturas locais, ao passo que uma diferente distribuição das mesmas afetaria parte de seus lucros.

Esse confronto de interesses entre a classe trabalhadora, através dos movimentos sociais, e da classe burguesa, se traduz em uma disputa territorial onde há diferentes direcionamentos nas tomadas de decisão, porém se configura em uma territorialização precária sobre o espaço de ambas as partes. O movimento dos trabalhadores do Bairro Jardim das Américas, ao tentar materializar o ideal lugar para viver, acirram a disputa pelo território com a classe burguesa, neste contexto, representada pela Prefeitura Municipal de Guarapuava, pois defende os interesses dessa classe em detrimento dos interesses dos trabalhadores. Esse processo pode ser identificado como a expressão da luta de classes.

Entretanto, os trabalhadores não possuem um controle total sobre o espaço do Bairro Jardim das Américas - por isso é uma territorialização precária - da mesma forma que a Prefeitura também não consegue exercer total domínio.

Desse modo pode-se compreender que um dos principais oponentes dos movimentos populares é o Estado burguês, presente no bairro através da prefeitura. Esse é identificado pelos moradores como o causador dos problemas de carestia e das dificuldades no modo de vida, as carências são produzidas pela negação dos direitos pelas autoridades públicas. Assim, para melhorar as condições de vida no local, os trabalhadores entendem que

deve-se pressionar diretamente o Estado para fazer valer seus direitos ou mesmo na conquista de novos direitos.

Pelo anseio e pela necessidade de mudar as condições de vida do local, os trabalhadores através da organização dos movimentos populares, realizam ações visando transformar a realidade, reorganizando o espaço conforme seus interesses. Este fato está diretamente relacionado à territorialização, pois ao tomar consciência das condições e tentar mudá-la, expressam o empoderamento dessas pessoas sobre determinado espaço. Portanto, investidos de poder sobre este, territorializam-se através das ações dos movimentos sociais.

Outra característica do movimento dos trabalhadores do Jardim das Américas está relacionada à sua não articulação em rede, esta que representa força para os movimentos sociais, pois amplia as mobilizações produzindo um maior impacto e uma maior visibilidade das lutas do grupo. Esses trabalhadores, embora tenham tido contato com outras organizações como o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), no início do processo, não se relacionam com outros movimentos semelhantes. A não inserção em rede colocou dificuldades para a ampliação das lutas, desdobrando-se, posteriormente, no enfraquecimento da organização e luta dos moradores.

Embora os movimentos sociais sejam capazes de promover mudanças na organização do espaço através das suas ações, como nas tomadas de decisões e gestão do território, não devem ser responsabilizados pelas precárias condições em que se encontram. Pois assim, pode-se afirmar de maneira equivocada que as condições precárias de vida de um determinado local são produzidas pela estagnação da população que não reivindica melhorias ou que não se organiza para combatê-las. Esse discurso desvia o foco de que os problemas são produtos da organização do capitalismo, deslocando-os para a esfera individual.

Em relação às desigualdades e às precárias condições de vida, nota-se que os movimentos populares possuem um papel importante para a classe trabalhadora dentro do capitalismo, pois através da organização e atuação destes na sociedade possibilitam a construção de “consciência de classe”, podendo ser um princípio de questionamento da estrutura de exploração. Porém, acabam servindo também para a reorganização do próprio capitalismo, fazendo com que suas ações sejam para inserir-se no sistema de consumo. De uma forma ou de outra, traduz e acaba por evidenciar as contradições eminentes ao sistema capitalista.

Ao mesmo tempo em que os trabalhadores reivindicam melhores condições de trabalho, estão denunciando as formas de exploração que são a base do processo de obtenção da mais-valia, ou seja, evidenciando as condições de dominação da classe burguesa. Acabam

desvendando os problemas mais gerais da sociedade, revelando as contradições do sistema capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. T. G. **A posse e o uso da terra**: modernização agropecuária de Guarapuava. 1981. 364 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1981.

BERNARDELLI, M. L. F. da H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, M. E. B; WHITACKER, A. M. (orgs) **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BIAZZO, P. P. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária. In: ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS E PESQUISA. 4, 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo: 2008. p. 132-150.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: a escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAMACHO, D. Movimentos sociais: algumas discussões conceituais. In: SCHERER-WARREN, I. **Uma revolução no cotidiano**: os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 214-245.

CARLOS, A. F. A. A Geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. **Rev. Terra Livre**. v.1, n.18, jan/jul. 2002. p.161-178.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CHESNAIS, F. A mundialização do exército industrial de reserva. **Rev. Carré Rouge**, Paris, n.35, mar. 2006.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

FABRINI, J. E. Território, classe e movimentos sociais no campo. **Rev. da ANPEGE**, v.7, n.7, p. 97-112, jan/jul 2011.

FIEP; SESI. **Redes de desenvolvimento local**. Bairro Jardim da Américas. Relatório. Guarapuava, 2011. Disponível em: <[http://www.sesipr.org.br/desenvolvimento-local/uploadAddress/Relat%C3%B3rio%20Jd.%20das%20Am%C3%A9ricas\[27757\].pdf](http://www.sesipr.org.br/desenvolvimento-local/uploadAddress/Relat%C3%B3rio%20Jd.%20das%20Am%C3%A9ricas[27757].pdf)> Acessado em: 12 dez. 2012.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.31, n.3, p.483-502, set./dez. 2005.

GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE. **Invenção do Contemporâneo**. Campinas: TV Cultura, 12 de fevereiro de 2007. Programa de TV.

GOHN, M. G. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Movimentos sociais e luta pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GOMES, M. F. V. B. **Trajatória socioambiental de Guarapuava: leituras da paisagem**. 2009. 344 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

GUARAPUAVA. **Plano municipal de saneamento básico**. Secretaria de Habitação e Urbanismo. 2011.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2005. p. 6774-6792.

HAMMES, R. **As relações da igreja católica na diocese de Santa Cruz do Sul com os sindicatos e os movimentos sociais na defesa e promoção da vida**. 2002. 174 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul.

HESPANHOL, R. A. M; COSTA, V. M. H. M. Produção familiar: perspectivas de análise e inserção na microrregião geográfica de Presidente Prudente-SP. In: (org.) GERARDI, L. H. O; MENDES, I. A. **Do natural, do social e de suas interações: visões geográficas**. Rio Claro: UNESP, 2002. p. 157-172.

IANNI, O. ; FERNANDES, F. **Marx: sociologia**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1982.

IBGE, Censo Demográfico 2000 e Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2002/2003.

IPARDES. Perfil do Município de Guarapuava. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=85000&btOk=ok>. Acessado em: 08 mar. 2013.

IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em: 15 mar. 2013.

IBGE. **Estatística da População do Paraná**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_parana.pdf>. Acessado em: 23 out. 2012.

INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E GENEALÓGICO DE ITAPEVA. Caminho das tropas. Disponível em: <<http://www.ihggi.org.br/pag.php?pag=rotasdstropeiros#>>. Acessado em: 20 fev. 2013.

IPARDES, Perfil do Município de Guarapuava, 2000. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=85000&btOk=ok>. Acessado em: 25 jan. 2013.

KÄRNER, H. Movimentos sociais: revolução no cotidiano. In: SCHERER-WARREN, I; KRISCHKE, P. J. (orgs). **Uma revolução no cotidiano?** Novos movimentos sociais na América do Sul. São Paulo – SP: Brasiliense, 1987.

LACOSTE, Y. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 4ªed. Campinas: Papirus, 1997. p. 95-195.

LAZIER, H. O tropeirismo. In: _____. **Paraná: terras de todas as gentes e de muita história.** 2ª ed. Francisco Beltrão: Grafit, 2004. p.55-70.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed UFMG, 1999.

MARCOS, V. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia** / Seção São Paulo. AGB. N. 84, São Paulo: AGB, jul. 2006.

MARICATO, E. **Habitação e cidade.** São Paulo: Atual, 1997.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política.** 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O capital: crítica da economia política.** Livro 1: O processo de produção do capital. Volume 1. Tomo I e II. 29ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã:** Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. São Paulo – SP: Martin Claret, 2007.

MÉSZÁROS, I. Desemprego e "precarização flexível". In: _____. **O desafio e o fardo do tempo histórico.** São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. O Marxismo hoje. **Revista crítica marxista.** p. 129 – 137, 1992. Disponível em: <http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=71:o-marxismo-hoje-entrevista-com-istvan-meszáros&catid=2:artigos> Acessado em: 14 mai. 2013.

_____. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. Tradução: Paulo Cezar Castanheira, Sergio Lessa – 1ª Ed. – São Paulo: Boitempo, 2011.

MOREIRA, R. Repensando a Geografia. In: SANTOS, M. **Novos rumos da Geografia brasileira.** 3ªed. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 35-49.

NUNES, C. C; PINTO, V. P. S. Campo, cidade, urbano e rural: categorias e representações. In: Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 5º, 2007. **Anais.** Niterói - RJ: UFF, 2007. p. 1-20.
Disponível em:

<<http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completos/Carla%20Cristiane%20Nunes.pdf>> Acessado em: 21 set. 2012.

OLIVEIRA, A. U. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

OLIVEIRA, A. U. Agricultura e indústria no Brasil. **Campo-Território**. v.5, n.10, p.5-64, ago. 2009.

PRATES, A. M. M. C. **Os impasses para a implementação do sistema único de assistência social no município de Guarapuava-Pr**. 2011. 247f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, A. M. **A abordagem ambiental: questões para reflexão**. **Geotextos**. v.5, n.1, jul. 2009. p.183-201.

_____. **Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana**. Editora Hucitec. São Paulo. 1998.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, M. **Manual de geografia urbana**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

SANTOS, R. B. **Movimentos sociais urbanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2008b.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.21, n.1, p.109-130, jan/abr. 2006.

_____. O caráter dos novos movimentos sociais. In: _____. **Uma revolução no cotidiano: os novos movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.35-53.

_____. **Redes de movimentos sociais**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SCHMIDT, L. P. **A (re) produção de um espaço desigual: poder e segregação socioespacial em Guarapuava (Pr)**. 2009. 282 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, A. F. G. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular: metodologia e sistematização de experiências coletivas populares**. 2ª. ed. Curitiba: Gráfica Popular, 2007. v. 1. p. 207.

SINGER, P. **Economia política da organização**. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77-116.

- SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 80.
- TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acessado em: 27 mai. 2010.
- VALIM, A. **Migrações**: da perda da terra à exclusão social. São Paulo: Atual, 1996.
- VIGEVANI, T. Movimentos Sociais na Transição Brasileira: A Dificuldade de Elaboração do projeto. **Lua Nova, Revista de Cultura Política**, n.17, p. 93-109, Jun. 1989.
- VILLALOBOS, J. U. G. América Latina: movimentos sociais e desafios futuros. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá. v.21. p.163-167, 1999.

ANEXOS

**ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES DO BAIRRO
JARDIM DAS AMÉRICAS - GUARAPUAVA- PR.**

01) Idade: _____

02) Sexo: () Feminino () Masculino

03) Qual sua formação: () Não tem; () Ensino Fundamental; () Ensino Fundamental incompleto;
() Ensino Médio; () Ensino Médio incompleto; () Ensino Superior; () Superior incompleto.

04) É casado(a)? () Sim () Não

05) a) Quantas pessoas na família? _____ b) Quantas pessoas vivem na sua casa? _____

06) Quantas pessoas da família trabalham? _____

07) Em qual emprego? _____

08) Você trabalha? Onde? _____

09) Recebe alguma assistência ou Programa do Governo Federal ou Estadual? Qual? (bolsa família, etc.) _____

10) Principal fonte de renda da família? _____

11) Qual a renda familiar bruta? _____

12) Quanto tempo mora nesta localidade? _____

13) Por qual motivo escolheu este local? _____

14) Qual a maior dificuldade encontradas neste local? _____

15) Sente vontade de mudar para outro local? () Sim () Não. Por que? _____

16) a) Você ou seus familiares vieram do campo? () Sim () Não.

b) Por que vieram para cidade? _____

c) Pretende retornar para o campo? () Sim () Não. Por que? _____

d) Após mudar-se para a cidade, manteve alguma atividade ou rotina que tinha quando morava no campo? Quais? _____

e) Quais foram as maiores diferenças encontradas na cidade?

f) A vida melhorou ou não quando veio para este local? () Sim () Não. Por quê?

17) Você possui horta em casa ou compra todos alimentos que consome? _____

18) Você conhece pessoas que passaram por esta situação de mudar para a cidade? () Sim () Não.

19) a) Participa de alguma organização? (associação de moradores, igreja, pastorais, movimentos sociais) () Sim () Não. Qual? _____

b) Qual é o seu interesse em participar desta organização? _____

20) Tem pessoas na sua família que participam de alguma organização? () Sim () Não. Quem?

21) Sabe se já ocorreu alguma mobilização social, reivindicação ou algum protesto no bairro ou na cidade? _____

22) Em sua opinião, o que falta no seu bairro? _____

23) Quem é responsável por fazer as melhorias necessárias? _____

24) Desde que você mudou-se para este local, houve melhorias? () Sim () Não. Quem foi responsável por elas? _____

25) Como você acha que é o melhor jeito de melhorar o bairro?

26) O que você acha do seu bairro? (as pessoas, trabalho, escola, segurança, organização, distância, ruas, esgoto, rio, etc...)

**ANEXO 2 - ENTREVISTA REALIZADA COM LÍDER COMUNITÁRIO, EX-
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO JARDIM DAS
AMÉRICAS.**

- 01) Você poderia contar como e quando surgiu a organização e a Associação?
- 02) Quais eram as reivindicações do grupo?
- 03) Como foi a sua participação neste processo?
- 04) Quantos trabalhadores participaram da mobilização? Todos estes participaram também da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis?
- 05) E a central de reciclagem do bairro, tem relação com a mobilização dos catadores?
- 06) A central foi uma conquista obtida através dessa mobilização dos catadores na ocupação do IAP?
- 07) Havia apenas catadores de materiais recicláveis ou também outro tipo de trabalhadores?
- 08) Como está a organização deste grupo atualmente?
- 09) O que mudou na sua vida após este processo? E no bairro o que mudou?
- 10) Como estão as parcerias com a universidade?